



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



RENATA BEZERRA VALERIANO

**A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO INSTRUMENTO PARA A FORMAÇÃO
ACADÊMICA: SIGNIFICADOS DOS PROFISSIONAIS DA BIBLIOTECA
REGIONAL DA UFMT/CÂMPUS RONDONÓPOLIS**

RONDONÓPOLIS – MT

2018

RENATA BEZERRA VALERIANO

**A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO INSTRUMENTO PARA A FORMAÇÃO
ACADÊMICA: SIGNIFICADOS DOS PROFISSIONAIS DA BIBLIOTECA
REGIONAL DA UFMT/CÂMPUS RONDONÓPOLIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Rondonópolis, Área de Concentração: Educação, Cultura e Processos Formativos, Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Políticas Públicas Educacionais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Lindalva Maria Novaes Garske

RONDONÓPOLIS – MT

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

V163b	<p>Valeriano, Renata Bezerra.</p> <p>A biblioteca universitária como instrumento para a formação acadêmica: significados dos profissionais da Biblioteca Regional da UFMT/Câmpus Rondonópolis / Renata Bezerra Valeriano. – 2018.</p> <p>126 f. : il. color. ; 30 cm.</p> <p>Orientadora: Lindalva Maria Novaes Garske.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 2018.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Biblioteca universitária. 2. Formação acadêmica. 3. Pessoal da biblioteca. 4. Formação em serviço. I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 027.7.007.7:378</p>
-------	--

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Renata B. Valeriano – CRB1/2.368.

Permitida a reprodução parcial ou total desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Rod. Rondonópolis - Guiratinga, km 06 MT-270 - Campus Universitário de Rondonópolis - Cep:
Tel : (66) 3410-4035 - Email : ppgedu@ufmt.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

**TÍTULO : "A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO INSTRUMENTO PARA A
FORMAÇÃO ACADÊMICA: SIGNIFICADOS DOS PROFISSIONAIS DA BIBLIOTECA
REGIONAL DA UFMT/CÂMPUS RONDONÓPOLIS"**

AUTOR : Mestranda Renata Bezerra Valeriano

Dissertação defendida e aprovada em 20/02/2018.

Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca / Orientador	Doutor(a)	Lindalva Maria Novaes Garske
Instituição : Universidade Federal de Mato Grosso		
Examinador Interno	Doutor(a)	Merilin Baldan
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO		
Examinador Externo	Doutor(a)	Ana Cristina de Albuquerque
Instituição : Universidade Estadual de Londrina - UEL		
Examinador Suplente	Doutor(a)	Eglen Sílvia Pipi Rodrigues
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO		

RONDONÓPOLIS, 22/02/2018.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, pela Sua infinita bondade e misericórdia em minha vida.

À minha família e amigos, pelo amor e carinho de cada um, em todos os momentos de minha vida, especialmente na caminhada da pós-graduação.

À Universidade Federal de Mato Grosso, pelas vagas destinadas aos técnicos-administrativos nos programas de pós-graduação e pela concessão do meu afastamento para cursar o mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd, aos professores e colegas da turma, pela oportunidade de partilhar o conhecimento.

À minha Orientadora, Professora Dra. Lindalva Maria Novaes Garske, pela oportunidade de ser sua orientanda, pela excelente orientação e ensinamentos que levarei para a vida toda. Gratidão!

Aos colegas da Biblioteca Regional, pela força que me foi dada para que eu realizasse o mestrado.

Aos participantes da pesquisa, imprescindíveis na construção deste trabalho.

Enfim, gratidão a todos que de uma forma ou de outra participaram desta importante etapa de minha formação.

“Se algo não deve faltar nessa sociedade que estamos constituindo, é precisamente a informação e todo o conhecimento que nos induz ao pensamento sobre o que somos ou que queremos ser, a pensar sobre nosso entorno e sobre nós mesmos, a construção de uma sociedade substancialmente melhor, a descobrir novas formas de conhecimento e de criação. A contribuir, definitivamente, na enorme tarefa que tem o homem ao longo da história, de buscar incansavelmente a liberdade e a felicidade.”

(ALONSO-MARTÍNEZ, 2005, tradução nossa).

RESUMO

A educação superior tem passado por grandes transformações decorrentes dos avanços da ciência e da tecnologia da informação e comunicação, ao mesmo tempo em que o acesso à educação superior tem sido ampliado, propiciando a formação acadêmica a muitos brasileiros. Neste cenário de mudanças, as bibliotecas universitárias também devem avançar, sendo necessária a constante atualização de seu acervo bibliográfico, a oferta de novos serviços de informação e uma equipe de profissionais preparados para atender às necessidades de informação e pesquisa da comunidade acadêmica. Desse modo, a presente pesquisa tem como objetivo investigar quais significados os servidores técnico-administrativos em Educação da Biblioteca Regional da UFMT/Câmpus de Rondonópolis atribuem à relação existente entre o exercício de sua função e a formação acadêmica, na perspectiva de contribuir para a ressignificação de sua atuação profissional. Neste aspecto, o referencial teórico sobre o papel das bibliotecas universitárias e de seu pessoal foi construído com base, principalmente, em Amante (2007; 2010), Amante, Extremer Placer e Costa (2012), Destro (1996), Gelfand (1968), Gómez Hernández e Licea de Arenas (2005), Milanesi (1983; 2013), Orera Orera (2005), Ranganathan (2009), Sepúlveda (2002) e Thompson e Carr (1990), os quais também sustentam teoricamente a análise dos dados. Para alcançarmos os objetivos da pesquisa, adotamos a Metodologia de Investigação Comunicativa, fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos de Habermas (2012) e Freire (1991; 2001; 2011; 2013; 2015a; 2015b), a qual, além de descrever e explicar a realidade, compreendê-la e interpretá-la, também busca transformá-la, procurando entender como os significados se constroem comunicativamente. Assim, realizamos grupos de discussão comunicativos com quatro profissionais da referida Biblioteca. A análise dos dados foi realizada intersubjetivamente entre pesquisadora e participantes conforme quatro temas discutidos nos grupos. A interpretação dos dados de cada tema resultou numa síntese das dimensões exclusoras e transformadoras. As informações resultantes da pesquisa empírica revelam que a construção dos significados dos profissionais com relação ao exercício de sua função na biblioteca universitária e a formação acadêmica estão diretamente relacionadas à falta de formação em serviço, já que os quatro participantes são servidores técnico-administrativos em Educação, com formações diversas e não receberam nenhuma formação por parte da UFMT. Outro aspecto identificado é a ausência de significados atribuída pela própria comunidade acadêmica: gestão, docentes, discentes e servidores técnico-administrativos da UFMT.

Palavras-chave: Biblioteca universitária. Formação acadêmica. Pessoal da biblioteca. Formação em serviço.

ABSTRACT

Higher education has undergone many transformations due the advances of the science and technology of the information and communication, at the same time the access to higher education has been expanded, providing academic education to many Brazilians. In this scenario of changes, the university libraries have also advanced, being necessary the constant update of the bibliographical archive, the supply of new information services and a team of prepared professionals to meet the needs of the information and research of the academic community. Therefore, the current study has the objective of investigating what meaning the administrative technician servants in Education of the Regional Library of UFMT/Campus of Rondonópolis assign to the existing relationship between the exercise of their function and the academic education, in the perspective of contributing to the redimensioning of their professional practice. In this aspect, the theoretical reference about the role of the university libraries and of its staff was constructed mainly based on Amante (2007; 2010), Amante, Extremerio Placer e Costa (2012), Destro (1996), Gelfand (1968), Gómez Hernández e Licea de Arenas (2005), Milanese (1983; 2013), Orera Orera (2005), Ranganathan (2009), Sepúlveda (2002) and Thompson e Carr (1990), which also theoretically support the data analysis. To reach the research objectives, we embraced the Communicative Investigation Methodology, based on the theoretical-methodological premise of Habermas (2012) and Freire (1991; 2001; 2011; 2013; 2015a; 2015b), which besides describing and explaining reality, comprehending it and interpreting, also aims at transforming it, seeking to understand how the meanings construct themselves communicatively. Thus, we held groups of communicative discussion with four professionals of the referred Library. The data analysis was conducted intersubjectively between the researcher and the participants according to the four topics discussed in the groups. The interpretation of the data of each topic resulted on a synthesis of the excluding dimensions and transformations. The resulting information of the empirical research shows that the meaning construction of the professionals in relation to the exercise of their function in the university library and the academic education are directly related to the lack of in-service education and training, since the four participants are administrative technician servants in Education, with diverse preparations, yet no training from UFMT. Another identified aspect is the absence of meaning attributed by the actual academic community: management, faculty, students and administrative technician servants of UFMT.

Key words: University library. Academic education. Library staff. In-service education and training.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAPES	Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CREA	Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades
COMUT	Programa de Comutação Bibliográfica
CUR	Câmpus Universitário de Rondonópolis
IES	Instituições de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PPGEdu	Programa de Pós-graduação em Educação
PQSTAE	Programa de Qualificação stricto sensu dos técnicos-administrativos em Educação
PROPG	Pró-Reitoria de Pós-Graduação
RI	Repositórios Institucionais
SINAES	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
SISU	Sistema de Seleção Unificada
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO E CONHECIMENTO	15
2.1 Educação superior e formação acadêmica	21
3 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA	27
3.1 Políticas públicas de Ensino Superior: algumas referências sobre as bibliotecas universitárias	33
3.2 Serviços de informação das bibliotecas universitárias	37
3.3 Os profissionais da biblioteca universitária	41
3.4 Universidade Federal de Mato Grosso: as bibliotecas universitárias no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI): 2013-2018	47
3.5 Biblioteca Regional da UFMT – Câmpus Universitário de Rondonópolis: espaço da pesquisa	50
3.5.1 Equipe de profissionais da Biblioteca Regional	52
4 METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO COMUNICATIVA: BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	57
4.1 O caminho percorrido: os participantes e a coleta de dados	64
5 A BIBLIOTECA REGIONAL DA UFMT/CÂMPUS RONDONÓPOLIS SIGNIFICADA PELOS SEUS PROFISSIONAIS	66
5.1 Concepção de formação acadêmica	67
5.2 Concepção de biblioteca universitária	74
5.3 Relação entre o papel da biblioteca universitária e a formação acadêmica	84
5.4 Relação entre a ação do profissional da biblioteca universitária e a formação acadêmica	92
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	118
APÊNDICE B – Autorização para realização de pesquisa	121
APÊNDICE C – Roteiro do 1º. Grupo de Discussão Comunicativo	122
APÊNDICE D – Roteiro do 2º. Grupo de Discussão Comunicativo	126

1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas universitárias, unidades de informação originadas no período em que surgiram as primeiras universidades são, ainda hoje, instituições indispensáveis na formação do estudante universitário e daqueles que trabalham com a pesquisa e a produção do conhecimento. Muito temos lido e ouvido acerca do desaparecimento das bibliotecas, sejam elas públicas, escolares ou universitárias, dado o grande avanço tecnológico que tornou livre o acesso às publicações científicas. Contudo, ponderamos que a totalidade do conhecimento registrado não poderá ser disponibilizada digitalmente, não sendo, portanto, esse o motivo pelo qual as bibliotecas se tornarão obsoletas.

Sabemos que a educação superior amplia as oportunidades de melhoria de vida dos cidadãos, sendo uma etapa da educação indispensável a todos. Porém, em nosso país ainda há disparidade com relação ao acesso e à permanência na universidade. É neste contexto que compreendemos o grande valor científico e cultural que possuem as bibliotecas universitárias como meios de contribuição para a resolução destas disparidades, sobretudo no tocante à permanência do aluno no âmbito universitário, pois são responsáveis pelo tratamento, preservação e disponibilização do conhecimento, tendo como principal finalidade subsidiar as atividades-fim da universidade: ensino, pesquisa e extensão.

Dessa forma, a educação superior demanda da biblioteca universitária um acervo bibliográfico concernente às ementas dos cursos, disponibilização de acesso às bases de dados científicas, espaço físico adequado para estudo, bem como profissionais preparados para atender as necessidades de formação e de informação da comunidade acadêmica. Além disso, em muitas instituições de ensino públicas, as bibliotecas universitárias servem também à comunidade externa – pessoas sem vínculo com a universidade, mas que utilizam a biblioteca para leitura, consulta documental e acesso a computadores.

As bibliotecas universitárias são reconhecidas como a força motora das universidades, espaços para a criação intelectual onde a informação é um recurso valioso. Por isso se mantém a premissa de que sem informação não existe desenvolvimento humano, logo, compreendemos a relação sinérgica entre universidade e informação.

Neste aspecto, destacamos que as bibliotecas universitárias não só armazenam o conhecimento registrado nos livros, mas acompanham a evolução tecnológica e atuam, inclusive, produzindo conhecimento para sua comunidade de usuários (AMANTE; EXTREMEÑO PLACER; COSTA, 2012). Nesse sentido, Gómez Hernández (2002) reflete que os objetivos da universidade podem ser realizados pelo êxito e a capacidade de atuação de seus estudantes, pela relevância das publicações de seus professores e pela utilidade social que ela tenha em sua região, tendo, a biblioteca, a função de auxiliar em tudo isso, não sendo possível conceber universidades que produzam a pesquisa e o pensamento livre e crítico sem as bibliotecas.

Entretanto, percebemos que na realidade de muitas bibliotecas universitárias públicas, como no caso do nosso objeto de estudo, há ainda certo atraso com relação aos serviços informacionais oferecidos de modo a atender prontamente às expectativas e necessidades de informação dos seus usuários.

Um dos pontos que influenciam negativamente o trabalho das bibliotecas é a falta de investimentos financeiros por parte de suas mantenedoras, que, por sua vez, sofrem com a escassez de recursos públicos. Esta situação ocorre também em outros países, conforme aponta Martín-Gavilán (2008, p. 2):

La situación de las bibliotecas universitarias del sur de Europa tradicionalmente ha sido mucho peor que sus homólogas en Europa central, Reino Unido y Estados Unidos, salvo raras excepciones: libros amontonados sin catalogar, poco espacio y mal acondicionado, catálogos incompletos, personal insuficiente, horarios de atención limitados. En los países en vías de desarrollo las universidades y sus bibliotecas siempre han tenido recursos mucho más limitados. El alto precio de las publicaciones, las penurias económicas locales, el clima, la guerra, la inestabilidad política... Múltiples son las dificultades y los riesgos para la conservación del material bibliográfico y para el desarrollo de colecciones adecuadas, para el acceso a la información.

Neste quadro, nos deparamos também com a falta de recursos humanos, como bibliotecários e auxiliares de biblioteca, profissionais responsáveis pela disponibilização e mediação da informação, trabalhando para que os recursos informacionais da biblioteca cheguem ao usuário. A equipe da biblioteca universitária é o elemento mais importante destas unidades de informação, pois, mesmo diante de um avanço no acesso à informação, a velocidade com que surgem novas

informações e novos formatos implica na orientação dos usuários, que nem sempre possuem as competências para encontrar, em meio a tanta oferta, o que precisam.

Não obstante a sua importância, é comum que as bibliotecas sejam vistas pela gestão universitária somente como um dos itens a serem contemplados nos instrumentos de avaliação do Ministério da Educação (MEC) para o reconhecimento dos cursos, sendo indiferente ao seu papel de potencial instrumento para a formação acadêmica. Segundo Diógenes (2012, p. 31), “as bibliotecas universitárias brasileiras continuam a se ressentir dos exíguos orçamentos, da qualificação da educação continuada de seus funcionários, da sua inexpressiva posição hierárquica em muitas universidades”.

Neste contexto, as bibliotecas universitárias públicas constantemente enfrentam o desafio de trabalhar com poucos recursos, sejam humanos, financeiros, estruturais e afins, bem como carregam o estigma de serem depósitos de livros velhos e de funcionários ociosos. Na realidade, as bibliotecas são cobradas pela gestão universitária, pelos estudantes, pelo MEC, para oferecer serviços de informação de qualidade, espaço físico agradável aos leitores, instrumentos de pesquisa atuais e profissionais capacitados para atender as demandas informacionais dos usuários, dentre outras exigências. Contudo, as cobranças não acompanham os investimentos públicos nestas unidades, ficando a cargo de sua equipe esforçar-se ao máximo para oferecer os serviços de forma satisfatória, mesmo contando com o mínimo de recursos.

Diante disso, a questão-problema que nos impulsionou para o desenvolvimento desta pesquisa é: **Qual é o entendimento que os servidores técnico-administrativos da Biblioteca Regional da UFMT – Câmpus de Rondonópolis – possuem acerca da relação entre as atividades por eles exercidas e as atividades acadêmicas?**

Esta inquietação originou-se da experiência da pesquisadora, enquanto bibliotecária inscrita na Biblioteca Regional, inquietação esta que foi compartilhada e aceita pela sua Orientadora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Rondonópolis (PPGEdu/UFMT/CUR), Profa. Dra. Lindalva Maria Novaes Garske. Destacamos que durante a pesquisa de campo a Biblioteca Regional contava com uma equipe de 16 servidores técnico-administrativos em Educação, número insuficiente frente à demanda de usuários. Com exceção de três bibliotecárias, os demais 13 servidores,

assistentes em administração, foram alocados na biblioteca sem passar por uma seleção em que fossem considerados o perfil profissional e a motivação para atuarem numa unidade de informação.

Com efeito, além da equipe reduzida, percebemos que a ausência de uma formação específica para trabalhar com informação, comunicação e serviço público implica diretamente na qualidade do atendimento e dos serviços prestados aos usuários com a finalidade de contribuir na formação acadêmica.

Desse modo, relacionadas à questão-problema se apresentam outras questões, tais como: Existem possibilidades, na interação e no diálogo, entre os profissionais da Biblioteca Regional, de construção intersubjetiva de significados de sua função na relação com a formação acadêmica? De que maneira o pensamento e as práticas desses profissionais influenciam o papel da biblioteca como instrumento para a formação acadêmica?

A pesquisa se justifica ao considerarmos que a Biblioteca Regional será efetivamente um instrumento de formação acadêmica não somente pelo acervo que possui, mas principalmente a partir dos significados que os seus profissionais atribuem à relação existente entre o exercício de sua função e a formação acadêmica.

Vale ainda lembrar que a Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus de Rondonópolis, possui um curso de Biblioteconomia e a Biblioteca Regional, local da pesquisa, constitui-se em um laboratório para os graduandos do curso. Neste aspecto, a organização da biblioteca e a forma de significá-la, pelos profissionais que nela atuam, podem refletir também nos futuros bibliotecários formados por esta universidade.

Nesta perspectiva, a presente pesquisa espera contribuir para o campo da Educação e da Biblioteconomia, buscando compreender como as bibliotecas universitárias, como um serviço educativo, e seus profissionais, como agentes desse serviço, possuem o papel de auxiliar o ensino, a pesquisa e a extensão, atuando na mediação da informação tão necessária à formação acadêmica. Sendo assim, esta pesquisa visa contribuir com a ressignificação do papel das bibliotecas universitárias e dos seus profissionais para a formação dos cidadãos, particularmente, no contexto da UFMT/CUR e da Biblioteca Regional.

Inicialmente, realizamos um estudo do tipo “estado do conhecimento” no Portal de Periódicos CAPES e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD),

com o objetivo de identificar a produção científica sobre o tema investigado. Em âmbito nacional são poucos os trabalhos que abordaram a biblioteca universitária como instrumento para a formação acadêmica relacionando a importância dos seus profissionais neste processo. Destacamos que há muitos trabalhos sobre o papel do bibliotecário universitário, o que é muito importante, mas sobre os demais profissionais da biblioteca não encontramos nenhum trabalho produzido no Brasil. Já no âmbito internacional, destacamos o trabalho de Sepúlveda (2002), que analisou quais as exigências da comunidade universitária para o pessoal da biblioteca, bem como as necessidades de formação destes recursos humanos para atender satisfatoriamente as exigências desta comunidade.

Desta maneira, o principal objetivo desta pesquisa é identificar quais significados os servidores técnico-administrativos em Educação da Biblioteca Regional da UFMT – Câmpus Universitário de Rondonópolis atribuem à relação existente entre o exercício de sua função e a formação acadêmica. Como objetivos específicos, temos:

- Analisar as percepções dos técnicos quanto à relevância das atividades que desenvolvem na Biblioteca Regional e a sua importância para com a comunidade acadêmica;
- Compreender como os técnicos constroem os significados de sua função na sua relação com a formação acadêmica;
- Realizar, a partir da análise dos dados, juntamente com os participantes da pesquisa, uma discussão sobre o que poderão construir quanto ao trabalho que exercem na Biblioteca Regional.

Assim, para garantirem o seu valor na universidade e na vida acadêmica, as bibliotecas universitárias devem evoluir de instituições centradas nos livros para instituições facilitadoras de acesso ao conhecimento, conscientizando-se de que a cultura das bibliotecas e dos seus profissionais deve afirmar-se como uma cultura de orientação aos estudantes na busca da informação de que necessitam. Isto porque a mais importante função educativa da biblioteca é fomentar uma cultura de aprendizagem, mas, para isso, aqueles que a planejam e organizam devem pensar mais como educadores e menos como prestadores de serviços, a fim de compreender como as pessoas aprendem, além de considerarem o importante papel das bibliotecas como espaços de aprendizagem (BENNETT, 2009).

Ressaltamos que esta pesquisa está alinhada às investigações do Grupo de Pesquisa “Políticas Públicas Educacionais” do PPGEdu/UFMT/CUR, sendo importante frisar que as bibliotecas universitárias são componentes das políticas educacionais de ensino superior, o que corrobora o seu relevante papel para a formação acadêmica.

A dissertação ora apresentada estrutura-se da seguinte forma: no capítulo 1, introdutório, apresentamos o tema, o problema, objetivos, justificativa e estrutura da pesquisa.

No capítulo 2 discutimos os conceitos de educação, conhecimento e formação acadêmica, tendo como propósito revisitarmos o papel das bibliotecas universitárias como instrumento deste nível de formação.

No capítulo 3 discutimos o papel das bibliotecas universitárias, seus principais serviços de informação e a função de seus profissionais para que ela se constitua como instrumento de formação acadêmica. Além disso, analisamos qual é o lugar das bibliotecas nas políticas de ensino superior. No âmbito da UFMT, abordamos a posição das bibliotecas universitárias em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e apresentamos a Biblioteca Regional da UFMT/Câmpus de Rondonópolis, local da pesquisa.

No capítulo 4 descrevemos a Metodologia de Investigação Comunicativa, referencial teórico-metodológico adotado. Explanamos sobre a técnica de coleta de dado aplicada, o grupo de discussão comunicativo e o percurso da pesquisa de campo.

No capítulo 5 trazemos a análise dos dados realizada conforme a orientação comunicativa. Por fim, apresentamos algumas considerações acerca dos resultados da pesquisa e as suas contribuições para a reconstrução dos significados dos técnicos com relação à biblioteca universitária.

Ante o exposto, iniciamos o primeiro capítulo teórico discutindo as concepções de educação que substanciam nossa pesquisa para, em seguida, abordarmos o papel da biblioteca universitária na formação acadêmica.

2 EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO E CONHECIMENTO

Discutimos, inicialmente, os conceitos de educação, conhecimento e formação acadêmica, tendo como propósito revisitarmos o papel das bibliotecas universitárias como instrumento deste nível de formação. Partimos, para tanto, do pressuposto de que os conceitos de educação e formação estão interligados, sendo possível entendê-los, de forma ampla, como processos inacabados do desenvolvimento humano (DIAS SOBRINHO, 2007). Logo, educação, formação e conhecimento se complementam e nunca se esgotam, tendo em vista a infinidade de campos de atividade e experiência humanas.

Neste sentido, nos ancoramos no conceito de educação elaborado por Libâneo (2001, p. 7):

Educação compreende o conjunto dos processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando a formação do ser humano.

A educação permeia todos os aspectos da vida humana, como relações sociais, família, escola, trabalho e política. Ademais, não está restrita ao ensino, porém, é também no ensino que o indivíduo se apropria do conhecimento científico e capacita-se para transformá-lo em novo conhecimento. Freire (1991, p. 115) relaciona educação e conhecimento, ao argumentar que,

[...] se realmente a educação é também – mesmo que não exclusivamente – uma certa teoria do conhecimento posta em prática, isto significa ser impossível pensar em educação sem pensar em conhecimento. Sem pensar em conhecimento e não na transferência de conhecimento.

Compreendemos, assim, que educação e conhecimento integram o conjunto da formação humana, formação esta que é direito de todos os cidadãos. De tal maneira, Chauí (2003, p. 12) explana que a formação se dá na relação com o tempo: “é introduzir alguém ao passado de sua cultura [...], é despertar alguém para as questões que esse passado engendra para o presente”, é exigir de nós “o trabalho da interrogação, da reflexão e da crítica, de tal maneira que nos tornamos capazes de elevar ao plano do conceito o que foi experimentado como questão,

pergunta, problema, dificuldade”. A partir do pensamento da autora, extraímos que a formação é a capacidade de posicionar-se criticamente diante das questões que permeiam os diversos aspectos de nossa vida.

Chauí nos leva a pensar, como Freire, que somos seres inacabados, conscientes de nosso inacabamento, por isso, estamos em constante busca, curiosidade em torno de nós mesmos e do mundo, num incessante processo de formação. Freire (2001, p. 12) considera que “a educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. [...] A educação e a formação permanente se fundam aí”. Conscientes de sua finitude, os seres humanos jamais deixam de educar-se, de uma forma ou de outra, seja na escola ou fora dela:

[...] sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos (FREIRE, 1991, p. 126).

É indiscutível que educação, formação e conhecimento estão intrinsecamente ligados, mas é notável que, em pleno século XXI, o acesso a esses elementos por grande parte da população não seja amplamente democrático. Isto é, numa época em que o acesso à informação é tido como facilitador da vida das pessoas, muitas ainda padecem por falta de acesso à educação pública e à própria informação, pois, como reflete Milanesi (2013, p. 106), “se a distribuição de riquezas materiais é injusta, mais ainda é a impossibilidade de acesso à informação – esta que seria o instrumento mais poderoso para superar as condições que tornam os homens desiguais”.

Na era das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), a conexão à Internet, por parte da população, facilitou o acesso às informações jornalísticas, científicas, de utilidade pública etc. Por outro lado, é preciso salientar a precária formação de boa parte da população para verificar a veracidade e confiabilidade das fontes de informação.

A este respeito, Gimeno Perelló (2005), pontua que toda a informação está na rede, e, por conseguinte, todo o conhecimento, mas o conhecimento codificado, não o conhecimento que se necessita para o que se quer fazer. Portanto, é necessário

saber, primeiramente, como buscar a informação, e, ao encontrá-la, saber como transformá-la em conhecimento, tendo em vista que a informação é fragmentada e uma parte do processo de produção do conhecimento consiste em juntar esses fragmentos (BURKE, 2012).

De tal modo, com base em Le Coadic (2004, p. 4-5), entendemos que “informação é um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte”, e “o objetivo da informação permanece sendo a apreensão de sentidos ou seres em sua significação, ou seja, continua sendo o conhecimento”, isto é, o acesso à informação está ligado a uma intenção de se construir conhecimento acerca de algo. Afirma ainda o autor que:

Nosso estado (ou nossos estados) de conhecimento a respeito de determinado assunto, em determinado momento, é representado por uma estrutura de conceitos ligados por suas relações: nossa imagem do mundo. Quando constatamos uma anomalia desse(s) estado(s) de conhecimento, encontramos-nos em um estado anômalo de conhecimento. Tentamos obter uma informação ou informações que corrigirão essa anomalia. Disso resultará um novo estado de conhecimento (LE COADIC, 2004, p. 8-9).

Neste sentido, o fato de acessar a informação não significa que a informação esteja sendo utilizada com a finalidade de construção de conhecimento ou de formação. Isso só é possível quando adquirimos as habilidades necessárias para saber onde encontrar informação, aprender a se informar e a informar, uma vez que informações aleatórias não produzem conhecimento.

Todavia, Le Coadic (2004, p. 112) lembra que,

No sistema de ensino, essa aprendizagem é totalmente inexistente. No ensino médio ou na universidade, não ocorre em momento algum a questão do ensino da informação. As disciplinas ensinadas não levam em conta, ou fazem muito mal, as habilidades necessárias ao domínio da informação.

Apesar disso, a sociedade atual é nomeada de sociedade da informação ou sociedade do conhecimento, situando-se em “uma nova era em que a informação flui a velocidades e em quantidades há apenas poucos anos inimagináveis, assumindo valores sociais e econômicos fundamentais” (TAKAHASHI, 2000, p. 3). Em breves palavras, podemos dizer que este modelo de sociedade funda-se na produção e no acesso à informação científica e tecnológica com fins econômicos.

Burke (2003, p. 136) considera que “uma das razões para se afirmar que vivemos numa sociedade da informação é que a produção e venda de informações contribui de maneira considerável para as economias mais desenvolvidas”. Todavia, no entendimento de Frigotto (2008, p. 97), o conceito sociedade do conhecimento refere-se a uma mudança do conceito capital humano proposto pelo capitalismo, ou seja, as mudanças dos conceitos, como argumenta o autor, “expressam a forma mediante a qual ideologicamente se apreende a crise e as contradições do desenvolvimento capitalista e encobre os mecanismos efetivos de recomposição dos interesses do capital e de seus mecanismos de exclusão”.

Neste sentido, Duarte (2003), compreende que a sociedade do conhecimento é também uma sociedade das ilusões, pois nem todas as pessoas vivem em uma sociedade da informação, haja vista que o acesso à informação não foi democratizado e, mesmo que fosse, sozinho, não garantiria sua transformação em conhecimento e muito menos em desenvolvimento econômico.

Desse modo, no âmbito educacional, Libâneo (2001, p. 20-21, grifo do autor), comenta que:

Informação e conhecimento são termos que andam juntos, mas não se equivalem. O avanço tecnológico criou as novas tecnologias da comunicação e da informação, provocando uma reviravolta nos modos mais convencionais de educar e ensinar. Entretanto, *a informação é um caminho de acesso ao conhecimento, é um instrumento de aquisição de conhecimento, mas, por si só, não propicia o saber.* Ela precisa ser analisada, interpretada, retrabalhada, e isso é tarefa do trabalho com o conhecimento. É a apropriação do conhecimento, dos conceitos, das categorias que possibilita a leitura crítica da informação, caminho para a liberdade intelectual e política.

Não se pode duvidar de que milhares de informações estão disponíveis nos livros, na internet e que, de certo modo, estão acessíveis à população, mas a produção de conhecimento a partir da interpretação destas informações está condicionada à formação intelectual do indivíduo. Burke (2012, p. 161) corrobora que “a aquisição do conhecimento depende não só da possibilidade de acesso a acervos de informação, mas também de inteligência, pressupostos e práticas individuais”. Assim, a informação se transforma em conhecimento mediante um processo que une a experiência, a subjetividade e a educação que permeiam a vida do sujeito. O conhecimento é, pois, inerente à educação:

[...] conhecimento se cria, se inventa, reinventa, se apreende. Conhecimento se faz. O aluno conhece na medida em que, apreendendo a compreensão profunda do conteúdo ensinado, o aprende. Aprender o conteúdo passa pela prévia apreensão do mesmo (FREIRE, 1991, p. 120).

Flecha e Rotger (2003-2004) consideram que na atual sociedade da informação, a chave para o conhecimento está nas pessoas e no modo como elas administram a informação, isto é, a identificação, seleção e processamento da informação são os principais desafios deste modelo de sociedade. A educação, pois, se centra em saber acessar, selecionar e processar a informação. Por isso, para os autores, países e pessoas sem o conhecimento e as tecnologias que requerem o desenvolvimento da sociedade da informação se veem excluídos de tal sociedade.

Assim, ao mesmo tempo em que a sociedade do conhecimento é colocada em voga, instituições públicas de educação, formação e conhecimento, como escolas, universidades, bibliotecas, entre outros, estão sendo sucateadas e cada vez mais negligenciadas pelas políticas públicas. Além disso, é preciso ter em mente que milhares de pessoas não possuem sequer o básico para sobreviver, muito menos para ter acesso à informação (SILVA; BERALDO, 2008).

Conforme Chauí (2003), as produções das universidades indicam um avanço do conhecimento destinado ao capital financeiro, o que demonstra que a sociedade do conhecimento só existe para aqueles que utilizam a informação para gerar valor econômico, reafirmando as desigualdades sociais.

Além disso, a ciência deixa de desempenhar sua função de “interpretação crítica dos fenômenos físicos e sociais para tornar-se uma atividade de caráter utilitário, fomentada e controlada por interesses econômicos” (SILVA; BERALDO, 2008, p. 311). Esse fato, para estas autoras, revela que a “sociedade do conhecimento é também a sociedade da exclusão, da indústria da guerra, da indiferença”, tendo em vista que:

Os altos índices de pobreza e de analfabetismo que ocorrem no mundo de hoje dão evidências de que o desenvolvimento exponencial da ciência e da tecnologia não alterou as distorções sociais que ocorrem no mundo. Enquanto uma minoria privilegiada consome, compulsivamente, bens e serviços derivados da tecnociência para preservar seu status quo, cerca de 35 milhões de

peças morrem a cada ano, corroídas pela fome (SILVA; BERARDO, 2008, p. 311-312).

Esse fato está relacionado, por sua vez, a um modelo de educação neoliberal, que pretende afastar as possibilidades de uma formação humana cidadã, igualitária e justa, que pode ser alcançada, sobretudo, por meio da educação e do conhecimento.

Num contexto mais amplo, “o neoliberalismo expressa uma saída política, econômica, jurídica e cultural específica para a crise hegemônica que começa a atravessar a economia do mundo capitalista [...]” (GENTILI, 2008, p. 217). De acordo com Almeida (2007, p. 218), o capitalismo expressa-se ideologicamente no neoliberalismo, o qual propõe

[...] um total desmantelamento dos sistemas públicos voltados para atender os setores sociais, como subsídios, investimentos diretos e regulamentação das atividades econômicas típicas das políticas do Estado do bem-estar social. Prega-se mesmo a desmontagem do sistema público de previdência social e a privatização das empresas estatais.

Ao propor o desmonte dos serviços públicos, o projeto neoliberal visa a minimização do Estado e impõe, como afirma Severino (2008, p. 76) “a total priorização da lógica do mercado na condução da vida social, o incentivo à privatização generalizada, a defesa do individualismo, do consumismo, da competitividade, da iniciativa privada”, voltando-se também para o setor educacional, ao estabelecer, principalmente, a privatização das instituições de ensino e a formação puramente técnica, pois, ainda para o autor, “prevalece a teoria do capital humano, ou seja, a da preparação de mão-de-obra para o mercado de trabalho”.

Ainda concernente aos impactos do neoliberalismo na educação, Gentili (2008, p. 229), expõe o ataque do projeto neoliberal à

[...] escola pública a partir de uma série de estratégias privatizantes, mediante a aplicação de uma política de descentralização autoritária e, ao mesmo tempo, mediante, uma política de reforma cultural que pretende apagar do horizonte ideológico de nossas sociedades a possibilidade mesma de uma educação democrática, pública e de qualidade para as maiorias. Uma política de reforma cultural que, em suma, pretende negar e dissolver a existência mesma do direito à educação.

Neste aspecto, os efeitos do neoliberalismo podem trazer sérios danos para a educação pública, e, conseqüentemente, para os cidadãos que têm nela a única chance de adquirirem uma formação acadêmica, profissional e cidadã.

Diante disso, compreendemos que a sociedade brasileira está muito distante de se constituir em uma sociedade do conhecimento e urge a necessidade da criação de políticas públicas mais enérgicas para a educação do país. O projeto de educação neoliberal exclui a população do acesso às instituições públicas de educação e formação humana, como escolas, universidades, bibliotecas, centros culturais e demais espaços formativos, uma vez que trabalha para mercantilizar essas formas de acesso ao conhecimento, sobre as quais o cidadão não pode reclamar sua qualidade (LÓPEZ LÓPEZ; MORILLO CALERO, 2005).

Mesmo com alguns avanços e melhorias no acesso à informação, em parte promovidos pelos meios de comunicação, ainda existe extrema necessidade de investimentos em uma educação pública de qualidade, que forme o sujeito para ser autônomo na busca da informação e na construção do conhecimento, e não se trata apenas da educação básica. Todos os cidadãos têm o direito de receber educação em todos os níveis e aspectos de sua vida, inclusive na educação superior, sobre a qual discutimos na próxima seção.

2.1 Educação superior e formação acadêmica

Corroborando os conceitos de educação, formação e conhecimento, utilizamos, nesta pesquisa, a expressão “formação acadêmica” para designar o processo de formação humana oferecido, sobremaneira, pelas universidades, isto é, pela Educação Superior. Conforme o art. 43 da Lei nº 9.394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a educação superior tem por finalidade:

- I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;
- III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e

difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

VIII - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares (BRASIL, 1996).

Neste contexto, compreendemos que a educação superior deve igualmente formar profissionais nas diversas áreas do conhecimento, desenvolver a ciência, criar e difundir a cultura e estimular o pensamento reflexivo acerca do entendimento do papel de cada um de nós na sociedade.

Adiante, o artigo 52 conceitua as universidades como instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano, que se caracterizam pela “produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional” (BRASIL, 1996, Art. 52). Na realidade, o artigo 207 da Constituição Federal/1988 já estabelece que as universidades obedeçam ao princípio da indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão (BRASIL, 1988, Art. 207), para garantir, exatamente, essa produção.

No entendimento de Saviani (1984, p. 48), “o ensino (universitário) se destina à formação de profissionais de nível superior, e, como tal, se centra basicamente na transmissão do saber; já a pesquisa se destina à produção de novos conhecimentos, à ampliação da esfera do saber humano”.

Entendemos, contudo, que ensino, pesquisa e extensão, caracterizados como atividades-fim na formação acadêmica, precisam ultrapassar a mera transmissão de conhecimentos do professor para o estudante, principalmente no que se refere ao

conhecimento técnico-profissional. Para Masetto (2014, p. 11), “partimos do princípio de que as instituições de ensino superior, como instituições educativas, são parcialmente responsáveis pela formação de seus membros como cidadãos (seres humanos e sociais) e profissionais competentes”. Para o autor, a universidade:

É um lugar de fazer ciência, que se situa e atua em uma sociedade, contextualizado em determinado tempo e espaço, sofrendo as interferências da complexa realidade exterior, que se estende da situação político-econômico-social da população às políticas governamentais, passando pelas perspectivas políticas e ideológicas dos grupos que nela atuam (MASETTO, 2014, p. 11).

Consideramos, assim, que a formação acadêmica deve abrir um leque de conhecimentos que possibilitem ao estudante ir além da formação profissional, tendo em vista que a educação superior tem o papel de formar especialistas para o trabalho em áreas específicas, mas também tem a função de complementar a formação intelectual e moral num sentido muito mais amplo da educação (SOUZA FILHO, 2006), que não seja tão somente para a prática produtiva (trabalho), mas também para a prática social (sociabilidade) e a prática simbólica (cultural) (SEVERINO, 1998).

Souza Filho (2006, p. 181-182) considera que sem os elementos acima não temos universidade e educação universitária. Neste contexto, pontua que:

[...] é função da Universidade destinar aos estudantes uma educação de graduação que signifique não apenas uma etapa na formação profissional de cada um, mas também uma Educação para o pensar, com o que se espera que os estudantes adquiram as condições de fazer a crítica da alienação, nas formas em que esta é fixada na vida de todos, ajudando-os a superar a visão anterior adquirida sobre a vida, a sociedade e a história.

As finalidades da universidade devem responder às demandas da sociedade que não se caracterizam somente na solicitação de capacitação profissional, mas em requerer primordialmente, segundo Pereira (2007, p. 89), “a preparação de indivíduos cultos, críticos e com conhecimentos científicos, capazes de continuar seu processo de formação sobre uma ampla base de conhecimentos e procedimentos éticos, além de agirem de forma técnica competente”.

Não obstante, Freire (2011) assinala que a educação universitária no Brasil se esforça para desenvolver a formação de quadros técnicos, de profissionais,

pesquisadores e cientistas, aos quais ainda falta uma visão da problemática brasileira. Para o autor, falta uma visão harmônica entre a posição humanista, cada vez mais necessária ao homem de uma sociedade em transição como a atual, e a tecnológica. Esta harmonia implica na superação do falso dilema humanismo-tecnologia, quando da preparação de técnicos para atender ao desenvolvimento do país, para os quais a formação, neste formato, torna-se ingênua e acrítica quando posta diante de problemas que não os de sua especialidade.

Esse modelo de formação se constitui em técnica e instrumental ou, conforme Habermas (2012, v. 1, p. 35), em racionalidade cognitivo-instrumental, “que por meio do empirismo, marcou fortemente a autocompreensão da modernidade”. Desde então, as pessoas são treinadas para executar tarefas laborais, técnicas, sem serem convidadas a refletir a respeito da implicação de seu fazer para si próprio e para o meio em que vivem. Para superar esta racionalidade técnica, Habermas propõe uma racionalidade comunicativa, na qual os sujeitos são capazes de linguagem e ação, e, “com base nela, é possível avaliar todas as sociedades presentes e futuras” (REESE-SCHÄFER, 2010, p. 49).

Ainda nesta perspectiva, capacitar-se para uma profissão e obter as condições para um emprego é a principal aspiração para muitos estudantes e seus pais. Entretanto, este não deveria ser o único objetivo da educação, considerando que a formação é um processo que vai muito além da capacitação técnica e profissional. Na esteira desse pensamento, portanto, o desenvolvimento econômico não pode ser o alvo, precisa, antes, “ser concebido como uma dimensão básica do desenvolvimento humano e social” (DIAS SOBRINHO, 2007, p. 165).

Conseqüentemente, o significado da educação superior tem se modificado, ao passo que diversas instituições de ensino têm se direcionado para atender as demandas do mercado, anunciando seus cursos como se fossem produtos e os estudantes, clientes que consomem tais produtos, como os cursos estritamente profissionalizantes. Nesse aspecto, Ball (2001, p. 107-108) pontua que:

[...] o mercado educacional tanto des-socializa, quanto re-socializa; cria novas identidades e destrói a sociabilidade, encorajando o individualismo competitivo e o instrumentalismo. Os espaços nos quais são possíveis a reflexão e o diálogo sobre os valores são eliminados.

O acesso à educação superior no formato acima, revela incertezas e nos faz refletir acerca do tipo de formação que é oferecida. Pereira (2007) assinala que as instituições de ensino superior que propõem uma formação profissional voltada para as necessidades do mercado apenas oferecem os saberes técnicos específicos de cada área, não se preocupando com a disseminação de conhecimentos culturais de uma formação mais ampla e geral.

Diante disso, conferimos à formação acadêmica o papel de proporcionar ao estudante o acesso à cultura e ao conhecimento científico nas diversas áreas do saber, o que aumenta as suas chances de formar-se para além do campo profissional, isto é, formar-se crítica e intelectualmente para viver em sociedade.

Ainda nesta perspectiva, compreendemos que a qualidade da formação acadêmica está diretamente relacionada ao nível de leitura, de acesso às fontes de informação científicas e, conseqüentemente, da produção de novos conhecimentos pelos estudantes, ou seja, a formação acadêmica de qualidade subsidia a pesquisa científica, a busca do saber que não é possível adquirir somente em sala de aula.

A respeito da pesquisa acadêmica, Demo (1998) destaca a sua importância para a reconstrução do conhecimento, tendo em vista que a universidade, espaço privilegiado de educação, pode confirmar, através da pesquisa, a sua função imprescindível frente ao desenvolvimento humano, formando cidadãos eticamente capazes de intervir na sociedade.

É também por meio da pesquisa científica que a universidade coloca-se à disposição da sociedade ao buscar a resolução (mesmo que parcial) ou a discussão de problemas sociais locais, regionais e nacionais, pois, conforme Souza Filho (2006, p. 118):

A missão da universidade, assim, definiu-se, ao longo da história, como sendo tornar-se o lugar da formação de pesquisadores, pensadores independentes, produtores de conhecimento e de técnicas socialmente necessárias ao desenvolvimento do bem-estar humano. O que a torna o lugar de sujeitos intelectualmente insatisfeitos, inquietos, de pergunta constante e de respostas imperfeitas. Por isso, a universidade é também o lugar em que não se pode prosseguir na descoberta da verdade como conhecimento da realidade se não reconhecer na pesquisa científica uma de suas primeiras tarefas.

Assim, a educação superior deve ser um nível de formação que possibilite uma educação para o pensar, para a inserção na pesquisa científica em busca de

respostas para questões nunca propostas ou ainda não respondidas, visando sempre o bem comum. A universidade tem a missão de formar os estudantes para uma profissão que garantirá a sua subsistência, porém, isso deve ser feito concomitantemente a uma formação mais humana e cidadã.

Nesta perspectiva, não seria possível pensar a educação superior sem a busca do conhecimento já produzido em todas as áreas, o que é possibilitado pelos recursos informacionais disponibilizados pela biblioteca universitária. Assim, como pondera Sánchez Vignau (2007), as universidades possuem grandes compromissos sociais, cumpridos mediante as suas funções principais de ensino, pesquisa e extensão, os quais, porém, só podem ser efetivados se a universidade dispuser de informação adequada, segundo as diversas exigências da comunidade a que atende. E concernente à disponibilização da informação, a biblioteca universitária é a máxima responsável, pois é encarregada de definir e implementar os produtos e serviços requeridos pela atividade científica, além de auxiliar na formação das habilidades e competências que o pesquisador necessita para o seu desempenho no uso da informação.

Desse modo, a biblioteca universitária constitui-se em um instrumento indispensável para a formação acadêmica, ao proporcionar o acesso à informação e ao conhecimento científico por meio de diferentes suportes, com o auxílio especializado de seus profissionais.

Ante o exposto, abordamos, no próximo capítulo, o papel da biblioteca universitária na formação acadêmica, apontamos o lugar por ela ocupado nas políticas públicas de ensino superior para, em seguida, apresentarmos os serviços de informação oferecidos à comunidade acadêmica e a função dos seus profissionais nesse processo para que ela se constitua um instrumento de formação.

Na sequência, nos inserimos no contexto da Universidade Federal de Mato Grosso, mais precisamente em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), a fim de analisar o planejamento da universidade para o seu sistema de bibliotecas. Por fim, apresentamos a organização da Biblioteca Regional da UFMT, Câmpus de Rondonópolis, local desta da pesquisa.

3 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Considerando, então, que a educação e o conhecimento permeiam todos os aspectos de nossa vida, dedicamo-nos a discutir, neste capítulo, o papel das bibliotecas universitárias como instituições disseminadoras de conhecimento e suporte informacional indispensável na formação acadêmica.

Iniciando o assunto a partir de uma perspectiva mais ampla sobre o papel das bibliotecas, destacamos o pensamento de Ranganathan (2009, p. 263):

[...] o princípio fundamental da biblioteca – que prevaleceu ao longo de todas as etapas de sua evolução, é comum a todas as suas diferentes formas e perdurará como sua característica peculiar para todo o sempre – é ser um instrumento de educação universal que reúne e difunde livremente todos os recursos de ensino e dissemina o conhecimento com a ajuda delas.

De modo específico, as bibliotecas universitárias, inseridas e mantidas por Instituições de Ensino Superior (IES), definem-se como uma combinação orgânica de pessoal, coleções e instalações, cujo propósito é auxiliar a comunidade acadêmica (docentes, discentes e pessoal técnico-administrativo) no processo de transformar a informação em conhecimento, bem como no processo de formação acadêmica e profissional.

A origem das bibliotecas universitárias coincide com o surgimento das universidades na Idade Média. Sua função inicial era a de armazenamento, transformando-se, a partir do século XVIII, no “coração intelectual da universidade” (MARTÍN-GAVILÁN, 2008).

Atualmente, além do aspecto acadêmico, algumas bibliotecas universitárias de instituições de ensino públicas, como, por exemplo, as bibliotecas da UFMT, possuem também o caráter de bibliotecas públicas, ao possibilitarem aos cidadãos acesso ao acervo bibliográfico, espaço para leitura e laboratório de informática. Esta atuação da biblioteca universitária aproxima da comunidade externa, corroborando o seu papel formativo.

Elas contribuem com as atividades da própria universidade, alinhando-se à sua missão, participando do desenvolvimento das atividades relacionadas com as competências em alfabetização informacional, integrando espaços e funções destinadas à aprendizagem dos estudantes (WEINER, 2009 apud AMANTE;

EXTREMEÑO PLACER; COSTA, 2012), além de desenvolverem um papel fundamental na aprendizagem ao longo da vida das pessoas, capacitando-as para um exercício ativo e crítico da cidadania (AMANTE; EXTREMEÑO PLACER; COSTA, 2012).

Como apontamos anteriormente, em algumas instituições de ensino, em especial as públicas, a biblioteca universitária atende também a comunidade externa (pessoas que não possuem vínculo com a universidade), oferecendo espaço para leitura, acesso ao acervo bibliográfico, a computadores conectados à internet, dentre outros recursos que variam conforme as normas de cada instituição. Nesse sentido, constituem-se como elementos de disseminação do conhecimento, de acesso à cultura e ao lazer e, por isso, devem ser disponíveis a todos.

Nesta perspectiva, a biblioteca se configura como instrumento indispensável não somente para a formação acadêmica, mas para que a universidade alcance suas finalidades, tendo em vista que o ensino, a pesquisa e a extensão também passam pela biblioteca, ou seja, também percorrem o acervo de conhecimentos organizados e disponibilizados pelas bibliotecas universitárias (FREITAS, 2012).

Amante, Extremeño Placer e Costa (2012), pontuam que o papel da biblioteca universitária pode ser analisado sob diferentes perspectivas. A perspectiva tradicional é a do desenvolvimento e gestão de coleções, constituindo-se principalmente em um repositório diversificado de recursos de informação associado à ideia de depósito (armazenamento de coleções). No entanto, essa corrente tem se enfraquecido, prevalecendo, atualmente, a perspectiva do acesso e da utilização das coleções, considerando que a função primordial de uma biblioteca universitária é facilitar o estudo e a pesquisa por parte dos membros da própria instituição (acesso à informação).

Assim, de acordo com a perspectiva atual, as bibliotecas universitárias desempenham um significativo papel na formação acadêmica, trabalhando no sentido de fornecer aos universitários um conjunto de competências que lhes permitam, de forma autônoma, identificar, avaliar, organizar e sistematizar a informação de que necessitam. A aquisição destas competências é determinante para o seu processo de aprendizagem ao longo da vida e para a sua participação informada e responsável na sociedade (AMANTE, 2007).

Ao contrário da perspectiva tradicional, a biblioteca não é um lugar restrito a técnicas bibliográficas e documentais unilaterais, mas um espaço potencializador de

processos socioculturais e educativos, de emancipação humana (FIDELIS; SILVA, 2013). O contato com as diversas leituras disponíveis nas bibliotecas, além de influenciar positivamente a formação universitária, também possibilita a formação cultural e crítica daqueles que a utilizam com frequência.

Em contraponto ao papel da biblioteca universitária como instrumento de formação, é comum que as universidades, suas mantenedoras, as vejam como uma unidade administrativa ou de apoio e não como uma unidade de informação facilitadora ou produtora de conhecimento (AMANTE, 2010), ao desenvolverem, por exemplo, a disponibilização dos acervos científicos e culturais e gerirem a informação produzida na própria universidade.

Ainda neste sentido, há alguns problemas que a assolam, tais como as restrições financeiras sofridas pelas universidades, que incidem diretamente em suas atividades (AMANTE; EXTREMEÑO PLACER; COSTA, 2012), cortando verbas para a aquisição de livros, assinatura de bases de dados científicas, contratação de pessoal, aquisição de equipamentos e mobiliários, dentre outros recursos indispensáveis para o desenvolvimento de um serviço de informação de qualidade para a comunidade acadêmica.

Diante disso, Amante, Extremeño Placer e Costa (2012), reiteram que em tempos de dificuldades econômicas pelas quais passam as instituições de ensino, os recursos das bibliotecas são os primeiros a sofrer cortes e, contraditoriamente, são cada vez maiores as exigências para que seus serviços sejam eficazes, a despeito dos limitados recursos que possui.

Ademais, uma das debilidades apresentadas por muitas bibliotecas é a falta de uma verdadeira integração na universidade a que pertencem, o que demonstra o escasso peso que exercem dentro da instituição (ORERA ORERA, 2005). O estudo de Sepúlveda (2002) identificou, em primeiro lugar, uma certa ausência de comunicação entre a universidade e seus sistemas de bibliotecas, além disso, os canais de comunicação são lentos e quase não há participação dos gestores das bibliotecas nos órgãos colegiados. Assim, a autora reitera a necessidade de a universidade compreender a importância de suas bibliotecas, não as tratando como qualquer outro órgão administrativo, já que é um serviço educativo e suas funções são fundamentais para o desenvolvimento das atividades acadêmicas.

A esse respeito, Miranda (1978, p. 10-11, grifo do autor) aponta a invisibilidade das bibliotecas universitárias em suas próprias instituições mantenedoras:

Naturalmente que a biblioteca é beneficiária e vítima da infraestrutura geral da instituição na qual ela se insere. Ignorar esta estrutura maior é impossível na prática. Por outro lado [...] as **instituições são as pessoas que dela participam** e é tarefa do bom administrador saber manter a equidistância responsável com as diversas lideranças mediante diálogo construtivo e objetivo, evitando posições radicais e intransigentes, afiliações fortuitas e passageiras, tendo em vista objetivos e benefícios duradouros para a organização que ele dirige.

Desse modo, é notório nas instituições de ensino públicas que as bibliotecas universitárias estão sempre por último na distribuição de recursos. Em âmbito geral, é possível perceber que na realidade brasileira as bibliotecas escolares e universitárias de instituições públicas, passam pelos mesmos problemas de infraestrutura física e de recursos humanos, fatores que contribuem para o seu mau funcionamento. Este descaso pode estar relacionado a pouca importância dada às bibliotecas pela sociedade e à falta de políticas públicas que direcionem o uso das bibliotecas para a formação humana.

Neste contexto, Miranda (1978, p. 11, grifo do autor) assinala ainda que:

Verdadeiras bibliotecas universitárias – entendidas não apenas como grandes coleções em majestosos edifícios, mas julgadas, sobretudo, pela **excelência de seus serviços** à comunidade acadêmica só aparecem neste século e só agora começam a afirmar-se e a impor-se. O conceito mesmo de biblioteca varia de país para país e é peculiar no nosso caso, a falta de tradição no uso de livros e de bibliotecas. É a experiência que limita ou amplia os conceitos. A nossa é uma sociedade emergente onde, via de regra, o nosso bisavô era analfabeto, nosso avô concluiu o curso primário e nossos filhos, pelo menos alguns deles, chegam à universidade, sem haverem convivido com livros em casa, sem nunca terem frequentado boas bibliotecas públicas.

Podemos atribuir, em parte, esta invisibilidade da biblioteca universitária aos métodos docentes tradicionais, baseados, fundamentalmente, em sala de aula, e também aos costumes de alguns alunos, que, quando muito, estudam a bibliografia recomendada pelo professor. Desta forma, a utilização da biblioteca reflete a qualidade do ensino que vem sendo oferecido aos estudantes que, embora a

reconheçam como um recurso didático riquíssimo à sua disposição, têm dificuldades relacionadas com o hábito de leitura e de pesquisa, pois muitos tiveram seu primeiro contato com a biblioteca ao ingressar na universidade (DESTRO, 1996).

Milanesi (2013, p. 68) corrobora o nosso entendimento, sublinhando que

O universitário relaciona-se com os registros do conhecimento de acordo com as suas experiências anteriores. Isso significa que, de um modo geral, há uma baixa expectativa em relação aos acervos. O que esse universitário deseja é saber, [...] ou melhor, reter para, ao ser submetido à prova, provar que sabe o que desejam que ele saiba.

Outro aspecto que parece distanciar os estudantes universitários das bibliotecas é o acesso mais frequente às fontes de informação eletrônicas, que podem ser consideradas por eles como mais viáveis para a sua formação do que a consulta ao acervo ou às bases de dados disponíveis na biblioteca. Quanto a isso, Darton (2010, p. 14)¹ defende que, na era digital, as bibliotecas podem parecer instituições arcaicas, no entanto, estas sempre foram e sempre serão o cerne do conhecimento, pois a “sua posição central no mundo do saber as torna ideais para mediar os modos impresso e digital de comunicação”. Nesta perspectiva, Saraiva (2013, p. 283) pontua que:

As tecnologias de informação e comunicação, irão proporcionar não a extinção das bibliotecas, mas o aparecimento de novos espaços digitais e serviços tecnológicos, que complementarão a necessidade permanente, que os utilizadores acadêmicos possuem dos espaços físicos.

Por isso, o surgimento das publicações digitais não anula o uso das publicações impressas disponíveis nos acervos das bibliotecas, ao contrário, as bibliotecas universitárias têm trabalhado para acompanhar a evolução e atualizarem-se quanto às formas de armazenamento e disponibilização da informação na era digital (CUNHA; DIÓGENES, 2016), buscando facilitar o acesso do usuário às fontes de informação.

Neste aspecto, as bibliotecas universitárias encontram-se imersas em um importante processo de mudança para se adaptarem às novas exigências da sociedade da informação e do conhecimento (ORERA ORERA, 2005), realizando

¹ Livro digital. Cada capítulo tem início na página 1.

atualmente diversos projetos de registro e disseminação do conhecimento produzido pela sua universidade. Exemplo disso são os repositórios institucionais de teses, dissertações e demais trabalhos publicados pelos seus docentes e servidores técnico-administrativos (constituindo uma verdadeira biblioteca digital) e a editoração de periódicos científicos eletrônicos, o que permite o acesso livre pelo mundo todo, evidenciando a produção científica das universidades. Porém, tamanha é a invisibilidade da biblioteca universitária que boa parte da comunidade acadêmica desconhece as atividades desenvolvidas neste sentido.

Ainda neste aspecto, Darton (2010, p. 11), pontua que “a biblioteca continua no cerne das coisas, mas fornece alimento para toda a universidade e muitas vezes, através das redes eletrônicas, para os cantos mais distantes do ciberespaço”. Já Milanesi (1989, p. 12), corrobora afirmando que, se a biblioteca “não ocupar os espaços que as necessidades sociais e os avanços tecnológicos criam, progressivamente será marginalizada como instituição do passado e, portanto, sem função”.

Na realidade, elas devem desempenhar o seu papel de forma mais ativa no contexto da universidade (AMANTE, 2010), atuando especialmente na formação dos usuários no acesso à informação. Compreendemos, assim, que mesmo com toda evolução tecnológica, com a facilidade de acesso à informação científica nos moldes digitais, não podemos pensar em universidade, em construção de novos conhecimentos, sem o aporte das bibliotecas universitárias e de seus profissionais.

Com o avanço das tecnologias da informação e comunicação torna-se cada vez mais necessária a atuação da biblioteca na universidade, considerando que quanto maior a diversidade de fontes de informação, tanto maior será a necessidade de analisar e sistematizar a informação relevante. Esta compreensão de seu papel reforça ainda mais a sua importância como instrumento para a formação acadêmica.

Aliás, as bibliotecas universitárias não devem ser lembradas pela gestão universitária e pelos coordenadores de cursos e docentes apenas nos momentos de avaliação do MEC, em que esta é visitada pelos avaliadores. Ao invés disso, devem disseminar o seu potencial formador não só durante a formação acadêmica, mas durante toda a vida, pois elas nunca se tornarão obsoletas e seu uso não se restringe aos fins acadêmicos.

As bibliotecas universitárias compreendem um universo de conhecimento que não poderia ser desperdiçado por nenhum de nós, muito menos pela comunidade

acadêmica a que serve. Por isso, urge a necessidade da criação de políticas públicas e de esforços da gestão universitária para melhorar suas instalações físicas, recursos humanos, materiais e informacionais, contribuindo, dessa forma, para que este instrumento seja cada vez mais utilizado e valorizado pela comunidade acadêmica.

Sendo assim, reiteramos que a biblioteca universitária é um sistema de informação que se enquadra em outro maior, o sistema de informação acadêmico, cujo objetivo é a produção de conhecimento. Neste sentido, sua gestão não pode dissociar-se da cultura da universidade a que está vinculada (THOMPSON; CARR, 1990), ou seja, a biblioteca é um reflexo de sua universidade.

Dessa forma, abordamos a seguir as políticas educacionais que determinam a presença das bibliotecas nas instituições de ensino superior.

3.1 Políticas públicas de Ensino Superior: algumas referências sobre as bibliotecas universitárias

Nesta seção, abordamos as políticas públicas de ensino superior que mencionam as bibliotecas em seu conteúdo, destacando o lugar que ocupam nestas políticas. De acordo com Diógenes (2012), as mudanças decorrentes da LDB nº 9.394/1996, têm exigido das bibliotecas universitárias novas posições em seu planejamento, visando à expansão dos cursos, ao ensino a distância e aos critérios de autonomia e avaliação, que somados à necessidade de utilização de modernas tecnologias exigem recursos humanos e financeiros capacitados para esta transição.

Argumenta, ainda, a autora, que as políticas de educação superior emanadas da Lei 9.394/1996 não foram acompanhadas de políticas públicas criadas especialmente para o setor de bibliotecas universitárias. Portanto, a importância destas instituições aparece em leis, decretos, resoluções e portarias dirigidas à regulação de credenciamento e avaliações das IES, como podemos observar a seguir:

- **Decreto 2.026, de 10 de outubro de 1996**, estabelece os procedimentos para o processo e avaliação dos cursos e instituições de ensino superior, sendo que para a avaliação dos cursos de graduação, considerará, dentre outros aspectos, as **bibliotecas**, com atenção para o acervo bibliográfico, inclusive livros e periódicos,

regime de funcionamento, modernização dos serviços e adequação ambiental (BRASIL, 1996, art. 6);

- **Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004**, que institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) no seu artigo 3º, inciso VII, estabelece que a infraestrutura física, especialmente a de ensino e de pesquisa, **biblioteca**, recursos de informação e comunicação são dimensões institucionais que devem constar na avaliação das instituições de educação superior (BRASIL, 2004);

- **Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006**, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino, estabelece, no artigo 16, que deverão constar, no plano de desenvolvimento institucional, com relação à **biblioteca**, informações sobre: acervo de livros, periódicos acadêmicos e científicos, assinaturas de revistas e jornais, obras clássicas, dicionários e enciclopédias, formas de atualização e expansão, identificando sua correlação pedagógica com os cursos e programas previstos; vídeos, DVD, CD, CD-ROM e assinaturas eletrônicas; espaço físico para estudos, horário de funcionamento, pessoal técnico administrativo e serviços oferecidos (BRASIL, 2006);

- **Resolução nº 3, de 2 de julho de 2007**, que dispõe sobre procedimentos a serem adotados quanto ao conceito de hora/aula, determina, no artigo 2º, que sejam realizadas atividades práticas supervisionadas, dentre outros, em **biblioteca** (BRASIL, 2007);

- **Portaria normativa nº 40, de 12 de dezembro de 2007**, que institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal de educação, no seu artigo nº 32, inciso 2º, determina que a instituição deverá manter, em sua página eletrônica, entre outros elementos, a descrição da **biblioteca** quanto ao seu acervo de livros e periódicos, relacionada à área do curso, política de atualização e informatização, área física disponível e formas de acesso e utilização (BRASIL, 2007);

- **Resolução nº 3, de 14 de outubro de 2010**, que regulamenta o art. 52 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, dispõe sobre normas e procedimentos para credenciamento e recredenciamento de universidades do Sistema Federal de Ensino, determinando, no artigo nº 3, inciso XI, a integração efetiva da **biblioteca** na vida

acadêmica da instituição, atendendo às exigências dos cursos em funcionamento, com planos fundamentados de atualização; são condições prévias indispensáveis ao requerimento de credenciamento das IES como universidade (BRASIL, 2010);

- **Portaria nº 92, de 31 de janeiro de 2014**, aprova, em extrato, os Indicadores do Instrumento de Avaliação Institucional Externa para os atos de credenciamento, recredenciamento e transformação de organização acadêmica modalidade presencial, do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), sendo que no eixo indicador 5: Infraestrutura física, avalia o indicador **Biblioteca** nas dimensões infraestrutura física, serviços e informatização e plano de atualização do acervo (BRASIL, 2014);

A posição das bibliotecas nestas políticas está ligada à avaliação dos cursos e instituições de ensino superior. Segundo Lubisco (2011), a avaliação é ao mesmo tempo um processo contínuo de aperfeiçoamento institucional e um instrumento de política educacional direcionada para a construção e consolidação da qualidade da educação superior no país. Todavia, a simples existência das bibliotecas nas universidades não tem significado que elas sejam instrumento de formação, já que docentes, discentes e técnicos da própria instituição não têm entendido a biblioteca nesta perspectiva.

Na realidade, é comum que os docentes e coordenadores da graduação lembrem-se de verificar a bibliografia dos cursos quando se aproxima a visita de avaliação do Ministério da Educação (MEC). Em muitos casos, as bibliografias estão desatualizadas, pois mesmo os docentes não possuem conhecimento sobre o acervo da biblioteca, seus recursos informacionais e estrutura física, dentre outros aspectos relacionados à informação que são avaliados pelo MEC.

Logo, observamos que as bibliotecas são elementos indispensáveis para o credenciamento das instituições superiores. Contudo, Milanesi (1983, p. 64-65) ressalta que a importância das bibliotecas universitárias para a formação acadêmica deve ser considerada mesmo que não seja exigência de uma legislação:

Por mais rigorosas que sejam as medidas legais para que uma faculdade seja reconhecida pelo órgão federal competente, as formas de burlas se equivalem e superam as prescrições. Parece absurdo que uma legislação torne obrigatória a existência de bibliotecas em faculdades quando nenhuma imposição seria mais forte que a própria evidência da necessidade de bibliotecas em universidades.

Neste aspecto, Nunes e Carvalho (2016, p. 190) corroboram que as discussões nos âmbitos acadêmico e profissional sobre a importância das bibliotecas universitárias “nem sempre encontram eco junto aos poderes públicos tanto em relação aos investimentos como à continuidade de políticas públicas que deem maior suporte às ações educacionais e de mediação nas bibliotecas universitárias”.

Por essa razão, podemos notar que a determinação da existência de bibliotecas nas instituições de ensino superior pelas políticas citadas não implica em investimentos públicos para o desenvolvimento destas unidades, evidenciando seu papel na formação acadêmica, na mediação da informação e na produção do conhecimento no interior das universidades. Cunha e Diógenes (2016, p. 118) reiteram:

Quanto às políticas públicas para as BU continua-se, da década de 1990 até hoje, contando apenas com ações isoladas dos órgãos do Governo, na implantação de serviços de informação com a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação. A necessidade de ações governamentais de forma sistêmica ainda é um sonho para essas bibliotecas.

Ainda neste viés, Busquet (2012) pontua que o advento do neoliberalismo no Brasil rechaçou diversos projetos culturais do país, atingindo também as bibliotecas universitárias, ao dificultar ainda mais a aplicação de recursos nestas unidades e a inflexão de funcionários, ao mesmo tempo em que aumentava a exigência por mais qualidade, produtividade e eficiência na prestação dos serviços informacionais.

Isto posto, é indiscutível a importância da biblioteca universitária na formação acadêmica, não sendo admissível aparecer nas políticas educacionais apenas como item de avaliação e nenhuma diretriz para regular o seu funcionamento enquanto instituição formativa. Dessa forma, compreendemos que se faz necessário que novas políticas sejam criadas para incentivar o seu uso efetivo pelos discentes e docentes como subsídio à formação acadêmica e à produção do conhecimento, além da aplicação dos recursos apropriados para o seu desenvolvimento.

3.2 Serviços de informação das bibliotecas universitárias

O objetivo desta seção é descrever os principais serviços de informação oferecidos pelas bibliotecas universitárias que legitimam a sua função de instrumento para a formação acadêmica, considerando que elas são concebidas para desenvolver funções de suporte à formação, à pesquisa e à docência, materializadas em serviços prestados a seus diferentes usuários² e orientados em função das necessidades informativas e documentais requeridas pelos diversos coletivos a que atendem (MERLO VEGA, 2005).

Conforme o autor acima citado, muitos dos serviços de informação se destinam a facilitar a consulta de documentos na própria coleção ou em outra biblioteca fora da instituição, conseguir informação de todo tipo a partir de recursos próprios ou externos e auxiliar o usuário a utilizar todos os recursos da biblioteca.

Assim, destacamos brevemente os principais serviços de informação prestados pelas bibliotecas universitárias na atualidade:

a) Consulta de documentos: serviço básico que permite a qualquer usuário utilizar os documentos (coleção) da biblioteca. Em algumas bibliotecas há restrições à consulta de determinados documentos, mas, em geral, a consulta local abrange quase todas as coleções da biblioteca (MERLO VEGA, 2005).

b) Empréstimo de documentos: o empréstimo de obras é um dos serviços bibliotecários por excelência, permitindo ao usuário utilizar as coleções fora do recinto da biblioteca (MERLO VEGA, 2005). Normalmente, as condições de empréstimo variam de acordo com a categoria do usuário, ou seja, para estudante de graduação e pós-graduação, docente e técnico-administrativo, a quantidade de obras pode variar assim como o período de tempo de empréstimo.

c) Acesso a documentos: este serviço visa solicitar cópias impressas de obras pertencentes a coleções de outras bibliotecas, localizadas via acesso remoto. (MERLO VEGA, 2005). No Brasil, este serviço é conhecido como comutação bibliográfica e oferecido pelo COMUT³ (Programa de Comutação Bibliográfica), que possibilita a obtenção de cópias de documentos técnico-científicos disponíveis nos acervos de diversas bibliotecas brasileiras e em serviços de informação

² Na área de biblioteconomia, “chama-se usuário aquele que utiliza todos os serviços oferecidos pela biblioteca, inclusive a leitura” (SILVA; ARAÚJO, 2009, p. 90).

³ Endereço eletrônico: <http://comut.ibict.br/comut>.

internacionais. Atualmente, o acesso ao COMUT não necessita exclusivamente da intermediação da biblioteca, sendo que o próprio usuário pode se cadastrar no programa via internet, obter bônus COMUT e preencher o formulário de solicitação.

d) Equipamentos e instalações: em sua função de auxiliar na formação e na pesquisa, a biblioteca universitária disponibiliza a seus usuários espaços próprios para o estudo, como salas de estudo (individual e em grupo). Além disso, muitas bibliotecas emprestam computadores para os usuários utilizarem, no espaço da biblioteca, internet sem fio, salas de videoconferência, entre outros (MERLO VEGA, 2005).

e) Formação de usuários: todas as informações que a comunidade acadêmica tenha sobre as coleções, serviços e funcionamento de sua biblioteca resultarão em um melhor uso e aproveitamento da mesma. Por isso, as bibliotecas oferecem serviços de formação de usuários através de cursos presenciais ou por meio de tutoriais, guias informativos, páginas da web etc., visando explicar o funcionamento de seus serviços e outras questões mais específicas. Cada vez mais as bibliotecas universitárias têm se conscientizado de que somente com uma instrução efetiva dos usuários será possível obter um bom rendimento das coleções e serviços (MERLO VEGA, 2005).

f) Informação bibliográfica: o serviço de informação bibliográfica permite aos usuários solicitarem buscas bibliográficas em diferentes fontes de informação sobre um tema de seu interesse. Atualmente, os catálogos bibliográficos em linha possibilitam o acesso às informações bibliográficas sem que o usuário esteja fisicamente na biblioteca. Algumas bibliotecas universitárias oferecem, ainda, a descrição das bibliografias recomendadas nos cursos e, eventualmente, o acesso ao seu texto completo (MERLO VEGA, 2005).

g) Referência: o serviço de referência consiste em tirar dúvidas dos usuários sobre dados, documentos e recursos de informação relacionados ao estudo, docência ou pesquisa da universidade onde as bibliotecas estão inseridas. A oferta deste serviço varia desde a recepção das questões pessoalmente, por um profissional da biblioteca, ao atendimento telefônico, através de formulários web, correio eletrônico etc. (MERLO VEGA, 2005). Este serviço normalmente é realizado por um profissional bibliotecário.

h) Acesso a coleções eletrônicas: as bibliotecas já não oferecem somente documentos de sua coleção física, mas também dão acesso a outras coleções cuja

consulta só é possível enquanto dure a assinatura das mesmas. Devido ao seu elevado custo, os recursos eletrônicos são contratados dessa forma, ou seja, as universidades pagam pelo acesso aos servidores de empresas especializadas onde estão armazenados estes documentos (MERLO VEGA, 2005). Em geral, as coleções eletrônicas são formadas por livros eletrônicos, teses e dissertações, publicações periódicas e bases de dados. No Brasil, destaca-se o Portal de Periódicos Capes⁴, biblioteca virtual contendo artigos, livros, enciclopédias e obras de referência, patentes, normas técnicas etc. O acesso ao conteúdo completo do Portal é realizado nas universidades e o suporte ao seu uso é oferecido pelas bibliotecas universitárias.

i) Biblioteca digital: a biblioteca digital é uma coleção em formato eletrônico, de livre acesso, produzida pela biblioteca universitária. Seu conteúdo refere-se a documentos emanados da própria universidade, tais como trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses, publicações de docentes e pesquisadores, entre outros. A formação de coleções digitais orienta-se para a consecução dos objetivos de apoio à formação acadêmica. Um exemplo de biblioteca digital são os Repositórios Institucionais (RI) que contém a produção científica das suas universidades e são elaborados por suas bibliotecas (MERLO VEGA, 2005).

É preciso salientar que muitos destes serviços são facilitados pelos sistemas eletrônicos, e, sendo assim, a crescente aplicação das tecnologias aos recursos e procedimentos bibliotecários criou uma nova orientação dos serviços que tradicionalmente se prestavam nas bibliotecas (MERLO VEGA, 2005).

A oferta destes serviços pode variar conforme a capacidade (física, financeira etc.) de cada biblioteca, podendo ser criados conforme as necessidades acadêmicas e de pesquisa da universidade. Sobremaneira, consideramos como serviços essenciais o empréstimo de obras e o serviço de referência. A finalidade do serviço de referência é “orientar, informar e disponibilizar ao usuário, no menor tempo possível, todos os serviços da biblioteca” (SILVA; ARAÚJO, 2009, p. 87). Já o empréstimo de obras em bibliotecas universitárias é um serviço obrigatório, com regras próprias concernentes a cada instituição.

Sublinhamos que, além dos serviços informacionais citados, as bibliotecas universitárias enfrentam o desafio de proporcionar aos seus usuários oportunidades

⁴ Endereço eletrônico: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

de aprendizagem no campo da alfabetização informacional (AMANTE; EXTREMEÑO PLACER; COSTA, 2012), tendo em vista que a comunidade acadêmica necessita selecionar continuamente grandes volumes de informação.

Neste contexto, a alfabetização informacional vai além do conceito de formação de usuário (citado como um serviço), pois compreende o desenvolvimento das habilidades técnicas requeridas para o acesso à informação digital bem como as habilidades para sua análise e avaliação (AMANTE; EXTREMEÑO PLACER; COSTA, 2012).

Os serviços de informação prestados pelas bibliotecas universitárias constituem-se em um leque de possibilidades de acesso à informação e ao conhecimento por aqueles que a utilizam. Assim, a comunidade acadêmica e a comunidade externa têm à sua disposição os melhores acervos, o acesso às fontes de informação científicas bem como as respostas às consultas relacionadas à pesquisa e aos serviços de informação. Entretanto, como pontua Silveira (2014, p. 72), é notável a falta de recursos tecnológicos em muitas bibliotecas universitárias públicas:

[...] o grau de desenvolvimento tecnológico nas bibliotecas universitárias no Brasil é muito desigual, mas é inegável a necessidade de atualização e modernização, para que se mantenham atuantes e, principalmente, para auxiliar o usuário a produzir conhecimento técnico e científico.

Como Diógenes (2012, p. 32) evidencia, as restrições financeiras implicam diretamente no serviço das bibliotecas:

Como parte dos reflexos das questões financeiras reproduzem-se os problemas de gestão, de qualificação de pessoal, a fraca articulação que alguns gestores das bibliotecas universitárias possuem com a alta administração da universidade para defesa de seus programas de trabalho, como a seleção e a aquisição da coleção informacional (bibliográfica e eletrônica), recursos humanos, tecnológicos, que vão permitir maior ou menor facilidade de acesso à informação desejada pelo usuário.

Em que pesem as inúmeras dificuldades financeiras, e ao contrário do que muitos acreditam, os serviços da biblioteca universitária são constantemente renovados e ampliados conforme o avanço tecnológico e o surgimento das

necessidades da comunidade acadêmica. Neste aspecto, Le Coadic (2004, p. 13) corrobora explicando que:

À biblioteca tradicional, que conservava apenas livros, sucedeu uma biblioteca que reúne acervos muito mais diversificados, tanto por seus suportes como por sua origem: imagem, sons, textos. Transformou-se em midiateca. Ademais, ao acolher não somente as obras de um patrimônio legado pelo passado, mas as informações atuais e em tempo real veiculadas por redes comerciais, ela passou a ser um sistema de informações.

De tal modo, Thompson e Carr (1990), reiteram que a biblioteca universitária é uma instituição de serviços, e, por isso, a qualidade do seu serviço depende, em primeiro lugar, da qualidade de seu pessoal, sobre o que discorreremos a seguir.

3.3 Os profissionais da biblioteca universitária

No âmbito universitário, as bibliotecas desempenham um papel fundamental na formação acadêmica, trabalhando no sentido de fornecer aos usuários (estudantes, professores, servidores técnico-administrativos e pessoas da comunidade externa sem vínculo com a universidade) um conjunto de competências que lhes permitam, de forma autônoma, identificar, avaliar, organizar e sistematizar a informação de que necessitam, sendo os profissionais da biblioteca responsáveis pela efetivação dessas atividades (AMANTE, 2007).

A utilização da biblioteca se converte em um recurso de ensino, pesquisa e extensão paralelamente às salas de aula e aos grupos de discussão tradicionais. Os bibliotecários e os demais profissionais da biblioteca têm a função de orientar o estudante no que se refere aos métodos de pesquisa e às necessidades dos professores relacionadas ao ensino e à pesquisa. Assim, o papel da biblioteca possui, primordialmente, um caráter educativo. O seu espaço, coleções e profissionais possibilitam nutrir a inteligência do estudante, estimular as pesquisas dos professores e convidar a todos para utilizar plenamente os bens intelectuais e culturais que a biblioteca oferece (GELFAND, 1968).

A equipe da biblioteca universitária é interdisciplinar. Cada biblioteca possui particularidades e, de acordo com as possibilidades da universidade, pode contar com profissionais de áreas distintas para compor sua equipe de trabalho.

Normalmente, compõem a equipe bibliotecários (bacharéis em Biblioteconomia) e pessoal de apoio (SEPÚLVEDA, 2002), ou auxiliares de biblioteca (servidores que possuem curso de técnico em Biblioteconomia ou não) (THOMPSON; CARR, 1990), com formações diversas, o que enriquece ainda mais a oferta dos serviços prestados pela biblioteca.

Nas bibliotecas universitárias de instituições públicas, como nas da UFMT, por exemplo, é comum que a equipe seja formada por servidores técnico-administrativos com cargos e formações distintas, tais como bibliotecários, assistentes em administração, auxiliares em administração, pedagogos, técnicos em assuntos educacionais etc.

Dessa maneira, embora não exista na UFMT o cargo de auxiliar de biblioteca, propriamente dito, apresentamos as atividades desenvolvidas por este, tendo em vista que os servidores técnico-administrativos das bibliotecas universitárias desempenham as atividades inerentes a esta função, mesmo sem formação ou cargo específico.

Convém ressaltar que tanto os bibliotecários quanto os auxiliares de biblioteca são responsáveis pelo seu efetivo funcionamento. Neste aspecto, a profissão de bibliotecário é privativa dos bacharéis em Biblioteconomia. Para o exercício da profissão é obrigatório, ainda, o registro no Conselho Regional de Biblioteconomia (BRASIL, 1962). Conforme a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), os bibliotecários

Disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas. Podem prestar serviços de assessoria e consultoria (BRASIL, 2002a).

Nas bibliotecas universitárias, os bibliotecários exercem funções técnicas, como o tratamento, organização, recuperação e disseminação da informação, gestão e desenvolvimento das coleções, além de planejarem a implementação de novos serviços de informação e suas formas de acesso.

Todavia, em algumas universidades, o trabalho dos bibliotecários é ignorado e resumido a funções técnicas, isto quando não são considerados 'guardadores de livros', desqualificando totalmente a sua formação intelectual.

Apesar desta realidade, conforme Amante, Extremerño Placer e Costa (2012), a atuação do bibliotecário busca atender aos objetivos acadêmicos. Os autores destacam o papel dos bibliotecários como formadores, trabalhando, por exemplo, com a alfabetização informacional dos usuários, como facilitadores da aprendizagem, gestores do conhecimento e editores de conteúdos. Atividades como estas são desenvolvidas pelos bibliotecários à medida que aumentam o volume da informação disponível e a variedade dos recursos informacionais (fontes de informação), numa época em que classificar a informação não é tarefa fácil e requer formação específica.

Já os auxiliares de biblioteca, conforme a CBO,

Atuam no tratamento, recuperação e disseminação da informação e executam atividades especializadas e administrativas relacionadas à rotina de unidades ou centros de documentação ou informação, quer no atendimento ao usuário, quer na administração do acervo, ou na manutenção de bancos de dados. Participam da gestão administrativa, elaboração e realização de projetos de extensão cultural. Colaboram no controle e na conservação de equipamentos. Participam de treinamentos e programas de atualização (BRASIL, 2002b).

Ainda segundo a CBO, o exercício da função de auxiliar de biblioteca requer a formação técnica em Biblioteconomia em nível médio e experiência de quatro a cinco anos. No entanto, como explicitado anteriormente, é comum, nas bibliotecas universitárias de instituições públicas, que os auxiliares de bibliotecas não possuam tal formação, embora desenvolvam atividades diversas, desde o preparo técnico do material até o atendimento ao usuário.

Dentre as atividades realizadas por eles, destacamos o trabalho na circulação de materiais, que envolve o empréstimo, renovação e devolução de obras; cadastro de usuários; auxílio à pesquisa em bases de dados e catálogos eletrônicos; auxílio ao usuário para encontrar materiais; orientações gerais sobre o funcionamento da biblioteca, assim como o processo técnico dos materiais.

As atividades executadas pelos auxiliares podem variar de acordo com a realidade de cada biblioteca. Nesta perspectiva, Silva e Araújo (2009, p. 134) evidenciam a relevância destes trabalhadores, assinalando que:

A missão deste profissional é dar apoio e executar as mais variadas tarefas auxiliares dos serviços meio e dos serviços fim, de modo que as atividades e serviços oferecidos pela biblioteca possam acontecer de forma a não comprometer a imagem da instituição.

Não obstante, no contexto das instituições de ensino públicas, é comum o escasso número de profissionais nas bibliotecas universitárias. Este problema abrange com mais frequência o pessoal de apoio ou auxiliares de biblioteca, que, com uma série de habilidades, realizam tarefas essenciais (SEPÚLVEDA, 2002).

Além disso, a proporção de profissionais da biblioteca para o número de estudantes da universidade não é regulamentada. O Brasil não possui diretrizes para a padronização do pessoal das bibliotecas universitárias, embora algumas instituições a busquem, baseando-se, para isso, em normas internacionais, a fim de melhorar a qualidade de suas bibliotecas (DIAS, 1994).

Em vista disto, elaborou-se, de forma coletiva, no Seminário Avaliação da Biblioteca Universitária Brasileira, realizado em 2008, um Modelo de Avaliação das Bibliotecas Universitárias. Este modelo constitui-se como um instrumento-base que pode ser utilizado como orientação aos processos de certificação de qualidade das bibliotecas universitárias brasileiras, possibilitando, ainda, sua adoção

[...] como uma ferramenta de apoio ao planejamento, à gestão e à autoavaliação das bibliotecas para que elas, não só cumpram suas funções e enfrentem a avaliação externa, mas para que se insiram e sejam vistas na universidade como um recurso pedagógico indispensável de apoio ao desenvolvimento do ensino e da pesquisa (LUBISCO, 2011, p. 37).

Neste contexto, o modelo proposto sugere indicadores para a administração das bibliotecas, incluindo a parte do pessoal, na qual se recomenda a proporção de um bibliotecário a cada 400 a 500 alunos, e um auxiliar de biblioteca para até 500 alunos. Porém, em se tratando de bibliotecas universitárias de instituições públicas, esta proporção é quase impossível de se obter. As bibliotecas quase sempre sofrem com a falta de recursos humanos. Além disso, é muito comum carregarem o estigma de haver, em sua equipe, pessoas que não possuem competências para atuar ali.

Talvez isso ocorra devido aos escassos recursos financeiros das universidades públicas, que inviabilizam a contratação de funcionários na quantidade adequada para a execução de suas atividades.

A questão dos recursos humanos nos serviços de informação e bibliotecas é discutida por Penna, Foskett e Sewell (1979, p. 124-125), para os quais “sem um pessoal técnico adequadamente treinado, nenhum serviço pode ser eficiente e qualquer verba despendida em materiais pode transformar-se rapidamente em desperdício”.

Por essa razão, a biblioteca universitária precisa ser compreendida por todos como o espaço da universidade que mais necessita de pessoas capacitadas para trabalhar com informação, conhecimento e formação, uma vez que existe para satisfazer tanto as necessidades de informação conhecidas como as que podem advir de sua comunidade acadêmica, por isso, todos os que nela trabalham colaboram para alcançar este objetivo (THOMPSON; CARR, 1990).

Neste aspecto, para Ranganathan (2009, p. 180), o papel do pessoal da biblioteca não é simplesmente o de entregar os livros às mãos do leitor, mas “conhecer o leitor, conhecer os livros e colaborar ativamente para que cada um encontre seu livro”. O ‘livro’ citado pelo autor deve ser compreendido, hoje, como a informação disponível em qualquer suporte, e os profissionais da biblioteca, como os responsáveis por disponibilizar os recursos informacionais e instruir o usuário para o seu acesso.

Na era atual surge um novo modelo de biblioteca universitária, a qual se envolve científcica e socialmente com as comunidades acadêmica e externa à universidade, numa perspectiva inclusiva e de democratização do acesso à informação e na formação dos seus usuários. Para tanto, a biblioteca necessita de profissionais com competências pedagógicas, tecnológicas, de comunicação e de gestão, que façam dela uma parceira na investigação, na produção de novos conteúdos e num processo de ensino e aprendizagem mais colaborativo, unindo-se à missão da própria instituição acadêmica onde se insere (SARAIVA; QUARESMA, 2015).

Igualmente, para Thompson e Carr (1990) a qualidade do serviço da biblioteca universitária depende, primeiramente, da qualidade de seu pessoal. A relevância dos serviços informacionais está diretamente relacionada à sua plena

utilização pelos usuários. Assim, os profissionais da biblioteca têm a incumbência de fornecer aos usuários as informações necessárias para o seu adequado uso.

Por esse motivo, Gómez Hernández e Licea de Arenas (2005), consideram que a biblioteca e seus profissionais estão totalmente implicados no processo de compreensão e uso da informação, por conseguinte, conforme os autores, os profissionais devem potencializar os serviços dedicados à formação, preparando-se inclusive como educadores.

Corroborando nossa explanação acerca do papel dos profissionais da biblioteca para que ela seja efetivamente um instrumento de formação acadêmica, Ranganathan (2009, p. 46-47, grifo do autor) assegura essa importância considerando o serviço da biblioteca um “serviço pessoal”, pois:

Há quem almeje melhorar suas perspectivas de vida; há quem almeje complementar a educação formal recebida na escola; há quem almeje ampliá-la, ingressando em novos campos do conhecimento; há quem almeje reunir dados de certo tipo; há quem almeje ler pelo simples prazer de ler. A essas diferentes necessidades individuais o pessoal da biblioteca deve atender com igual eficiência. Para prestar esse *serviço pessoal*, o conhecimento e a experiência dos funcionários da biblioteca devem ser de tal natureza que eles sejam capazes de recomendar, com o devido discernimento, livros adequados sobre um mesmo assunto para homens e mulheres que difiram amplamente em termos de aptidão, educação e objetivos.

À época em que o autor escreveu sobre este assunto, o principal recurso informacional era o livro impresso, porém, atualmente, o pessoal da biblioteca deve possuir os conhecimentos e habilidades necessários para realizar não só a organização, o tratamento e a preservação da informação, mas priorizar o acesso à informação aos seus usuários, em qualquer suporte em que ela se encontre.

Portanto, na medida em que a atuação da universidade se centra no ensino, na pesquisa e na extensão, as bibliotecas universitárias e seus profissionais devem integrar-se a estas atividades, motivo pelo qual sua formação também deve ser ampliada, levando em consideração o rápido avanço com que o conhecimento é produzido. Isso exige, portanto, que os profissionais que atuam diretamente com a sua disponibilização sejam capacitados constantemente.

3.4 Universidade Federal de Mato Grosso: as bibliotecas universitárias no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI): 2013-2018

A Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), criada em 1970, é a mais abrangente instituição de ensino superior do Estado de Mato Grosso. O Câmpus-sede localiza-se na capital, Cuiabá, e os demais cinco campi estão distribuídos nas cidades de Rondonópolis, Barra do Garças, Pontal do Araguaia e Sinop. Estão em construção o Câmpus de Várzea Grande e a Unidade II do Câmpus de Cuiabá.

A UFMT também atua em 24 polos de educação a distância, em uma base de pesquisa no Pantanal e em fazendas experimentais em Santo Antônio do Leverger e em Sinop, além de dois hospitais veterinários, em Sinop e Cuiabá, e do Hospital Universitário Júlio Müller, na capital.

Ao todo⁵, a UFMT possui mais de 34 mil alunos matriculados em 106 cursos de graduação e 61 de pós-graduação (mestrado e doutorado). Em 2016, registrou 442 projetos de pesquisa, sendo responsável pela maior produção científica de Mato Grosso (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, 2016a).

Todos os campi da UFMT possuem bibliotecas. No Câmpus de Cuiabá funciona a Biblioteca Central, responsável por coordenar o Sistema Pergamum (programa de gerenciamento de bibliotecas) e outras atividades que exijam uma padronização (exemplo, aquisição de livros) em todas as bibliotecas regionais de Rondonópolis, Sinop, Pontal do Araguaia e Barra do Garças, e as bibliotecas setoriais da Faculdade de Direito e do Instituto de Educação no Câmpus de Cuiabá e a Biblioteca do Hospital Universitário Júlio Muller. É importante lembrar que as normas de funcionamento de cada biblioteca correspondem à gestão universitária do seu Câmpus.

No site institucional⁶, a UFMT informa que possui o maior sistema de bibliotecas do Estado, somando mais de 400 mil volumes, com a finalidade de atender à pesquisa, ao ensino e à extensão.

Na página inicial existe a aba “Biblioteca”, que se refere ao funcionamento da Biblioteca Central, porém, constam informações sobre os serviços de informação eletrônicos comuns a todas as bibliotecas da universidade, tais como a consulta ao

⁵ Total de alunos matriculados e dos cursos oferecidos em todos os cinco campi. Disponível em: <<http://www.ufmt.br/ufmt/site/secao/index/Cuiaba/812>>. Acesso em: 15 out. 2017.

⁶ www.ufmt.br.

catálogo eletrônico Pergamum, o módulo de elaboração de fichas catalográficas, links para acesso a bases de dados, Portal de Periódicos Capes e Repositório Institucional.

Há também orientações sobre como realizar empréstimos, renovações e reserva de livros no Sistema Pergamum, sistema de gerenciamento utilizado pelas bibliotecas que se constitui em um catálogo online de acesso público, tendo como objetivo “facilitar a atividade bibliotecária como um todo, e o acesso à informação por parte dos usuários” (NUNES; CARVALHO, 2016, p. 189).

Na aba “Produtos e Serviços”, há a descrição dos serviços prestados também pela Biblioteca Central, ainda que boa parte deles seja comum às demais bibliotecas, informação não explicitada ao público.

Em síntese, a página apresenta a Biblioteca Central e não há menção às bibliotecas regionais. Ao buscar as bibliotecas regionais no link de cada Câmpus, encontramos somente algumas poucas informações sobre a Biblioteca Regional do Câmpus Rondonópolis. A evidente invisibilidade das bibliotecas universitárias da UFMT no site institucional nos levou a buscar qual é a posição destinada a elas no PDI da UFMT para o período de 2013 a 2018.

Como instrumento de gestão universitária, o PDI da UFMT pretende situar a sociedade e a comunidade acadêmica no que tange às ações da universidade para os próximos anos, com vistas ao desenvolvimento local e regional. O PDI define ações para todos os órgãos internos da universidade, visando à melhoria dos serviços prestados à comunidade acadêmica e à comunidade externa. Com relação às bibliotecas, o documento menciona que:

As bibliotecas da UFMT têm como principal objetivo o suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão da instituição, mantendo serviços de consulta e empréstimo de livros, orientação aos usuários no uso dos recursos informacionais internos e externos, além de levantamentos bibliográficos, entre outros. Destaca-se que a UFMT permite o acesso remoto ao Portal de Periódicos CAPES à comunidade acadêmica universitária por meio de um proxy, que identifica o computador do usuário como se estivesse dentro da Instituição (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, [2012], p. 98).

No documento citado, as bibliotecas universitárias são mencionadas nos itens “Políticas estruturantes” e “Infraestrutura física e instalações acadêmicas”, os quais se referem à biblioteca com relação à ampliação do acervo (aquisição de livros);

implantação de sistema eletrônico para controle da saída de publicações das bibliotecas e implantação, ampliação ou adequação das bibliotecas dos campi. Conforme o documento, a UFMT tem investido “na expansão e melhoria de suas bibliotecas, garantindo aos estudantes o acesso à bibliografia recomendada em seus cursos” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, [2012], p. 98).

O artigo 16 do Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006, citado na seção 3.1, estabelece que deverão constar, no Plano de Desenvolvimento Institucional, dentre outras informações referentes à biblioteca, o horário de funcionamento, o pessoal técnico-administrativo e os serviços oferecidos, porém, no PDI da UFMT não há dados referentes a estes itens.

A biblioteca universitária pública funciona como instrumento de formação tanto para a comunidade acadêmica quanto para a comunidade externa, mas está, quase sempre, nos últimos planos da universidade, embora tenha que oferecer o melhor serviço. Dessa forma, constatamos que em tal instrumento de gestão o foco do planejamento das bibliotecas universitárias está direcionado para a quantidade de volumes do acervo bibliográfico e ao acesso do estudante à bibliografia recomendada nos cursos, com a finalidade de atender às exigências das políticas de avaliação do MEC, mencionadas anteriormente.

Nenhum ponto do PDI refere-se às bibliotecas universitárias como instrumento para a formação acadêmica. Considerando que além de manter um acervo amplo e atualizado, elas realizam um trabalho de formação através dos diversos serviços informacionais que prestam à comunidade acadêmica,

A biblioteca deve ser entendida como uma agente de mudança e promotora de inovação. Deve ser organizada como um conjunto de partes – recursos humanos, recursos financeiros, materiais e informação, que funcionam de forma coordenada para a concretização de objetivos que devem resultar das prioridades estratégicas fixadas para a universidade. (AMANTE; EXTREMEÑO PLACER; COSTA, 2012, p. 68, tradução nossa).

Por conseguinte, nessa breve análise do PDI, verificamos que a posição das bibliotecas, expressa no documento institucional, está, de maneira geral, ligada à quantidade de volumes que compõem o seu acervo. No entanto, apesar de as bibliotecas possuírem acervos de qualidade, ainda carecem de diversos recursos

que influenciam em seu efetivo uso pelos estudantes e pessoas da comunidade, como, por exemplo, recursos humanos em quantidade e formação adequadas.

Em vista disso, Nunes e Carvalho (2016, p. 191) consideram que as autoridades universitárias precisam aplicar mais investimentos em recursos humanos e materiais para que as bibliotecas universitárias

[...] possam atender às demandas de docentes, discentes e da comunidade para o acesso e uso pleno da informação, além de atenção também à capacitação contínua de pessoal que possa agir em prol da evolução dessas instituições, chamadas para atuarem concretamente como unidades mediadoras da informação, ampliando o acesso à informação pública e contribuindo para o desenvolvimento sustentável.

Entendemos que a posição ocupada pelas bibliotecas no PDI da UFMT segue a mesma linha de importância das políticas educacionais citadas no tópico anterior, ou seja, a ênfase é dada à quantidade de obras, enquanto o seu papel na formação acadêmica, desenvolvido principalmente pela atuação dos seus profissionais, é deixado de lado.

Após essa breve análise do contexto institucional, apresentamos a seguir a organização da Biblioteca Regional, local da pesquisa.

3.5 Biblioteca Regional da UFMT – Câmpus Universitário de Rondonópolis: espaço da pesquisa

O Câmpus Universitário de Rondonópolis da Universidade Federal de Mato Grosso foi criado em 1976 (ALVES, 2006). Desde então atua na formação da população do Sul de Mato Grosso bem como de pessoas de todas as partes do país, o que foi possibilitado através do Sistema de Seleção Unificada (SISU).

O Câmpus possui 19 cursos de graduação e três cursos de pós-graduação. No ano de 2016 havia 5.892 estudantes de graduação, 92 estudantes de pós-graduação, 321 docentes e 82 servidores técnico-administrativos (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, 2016b).

A Biblioteca Regional é a única biblioteca do Câmpus e atende, diariamente, cerca de 350 usuários⁷, entre estudantes, docentes, servidores técnico-administrativos e pessoas da comunidade externa.

Vemos, na figura 1 (p. 52) a seguir, a fachada do prédio da Biblioteca Regional da UFMT, câmpus Rondonópolis:

Figura 1 – Prédio da Biblioteca Regional da UFMT/CUR



Fonte: Página da Biblioteca UFMT – Rondonópolis, no Facebook⁸.

O seu acervo⁹ é composto por 29.155 títulos e 91.118 exemplares, entre livros, periódicos, teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, CDs e DVDs.

O acesso ao acervo é livre e os empréstimos de obras são permitidos aos usuários que possuem vínculo com a universidade mediante as normas da biblioteca correspondentes às categorias de usuário.

No ano de 2016 havia 10.741 usuários ativos na biblioteca, realizaram-se 33.223 empréstimos e sete treinamentos de usuário, alcançando 500 estudantes de sete cursos.

Os serviços de informação oferecidos atualmente à comunidade acadêmica são:

⁷ Informação do relatório de gestão da Supervisão da Biblioteca Regional (2016).

⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/bibliotecaufmt.roo/>>. Acesso em: 26 dez.2017.

⁹ Total do acervo até 31/12/2016, gerado pelo Sistema Pergamum.

- Empréstimo de obras;
- Renovação de obras (presencial e online);
- Reserva de materiais online;
- Consulta local ao acervo;
- Consulta no catálogo eletrônico;
- Laboratório de informática (disponível também para a comunidade externa);
- Internet sem fio;
- Orientação no acesso às fontes de informação eletrônicas;
- Treinamento de usuário;
- Visitas orientadas.

Considerando a amplitude dos serviços de informação oferecidos em diversas bibliotecas universitárias do país, a Biblioteca Regional tem ofertado seus serviços em nível básico, porém, estes são indispensáveis para subsidiar a formação acadêmica. O acervo bibliográfico tem sido atualizado constantemente e os treinamentos de usuário são realizados com maior frequência e com maior número de turmas, contribuindo para o melhor uso da biblioteca e de seus recursos pelos estudantes.

Neste cenário, compreendemos que a Biblioteca Regional, sediada em um Câmpus que oferta um curso de Biblioteconomia, poderia oferecer outros serviços de informação à comunidade acadêmica além dos já existentes, tais como treinamento quanto ao uso do Portal de Periódicos Capes e em bases de dados específicas por área do conhecimento e orientações quanto à normalização bibliográfica, contudo, há fatores externos que impossibilitam sua execução. Entretanto, mesmo enfrentando inúmeras dificuldades, a Biblioteca Regional realiza suas atividades de modo a satisfazer as necessidades básicas de informação dos seus usuários.

3.5.1 Equipe de profissionais da Biblioteca Regional

Durante a realização da coleta de dados, no ano de 2016, a equipe da Biblioteca Regional era composta por 16 servidores técnico-administrativos. Uma das bibliotecárias estava de licença para capacitação, por isso, a biblioteca

funcionava com 15 funcionários, número considerado inferior ao necessário para atender a demanda da comunidade acadêmica de forma satisfatória, com base no Modelo de avaliação citado anteriormente (vide p. 45).

O quadro 1 a seguir apresenta o nome, o cargo, o tempo de serviço na UFMT, o tempo de atuação na Biblioteca Regional até a data da coleta de dados (novembro/2016) e a formação acadêmica de cada um destes servidores. A fim de preservar a identidades dos sujeitos, seus nomes foram substituídos por nomes fictícios, sugeridos pelas pesquisadoras.

Quadro 1 – Perfil profissional e acadêmico dos servidores técnico-administrativos da Biblioteca Regional

Nome fictício	Cargo	Tempo de serviço na UFMT	Tempo de atuação na Biblioteca	Formação acadêmica
Jorge	Auxiliar em administração	29 anos	29 anos	Graduação em Ciências Contábeis
Cecília	Auxiliar em administração	29 anos	22 anos	Graduação em Normal Superior
Cora	Auxiliar em administração	29 anos	22 anos	Ensino médio
Hilda	Auxiliar em administração	29 anos	22 anos	Ensino médio
Zélia	Auxiliar em administração	29 anos	25 anos	Graduação em História e em Biblioteconomia
Diná	Auxiliar em administração	29 anos	4 anos	Graduação em Tecnologia em Gestão Pública
Ruth	Auxiliar em administração	29 anos	1 mês	Graduação em Tecnologia em Estradas e Topografias
Conceição	Auxiliar em administração	29 anos	3 anos	Graduação em História
Maria José	Técnica em edificações	22 anos	8 anos	Graduação em Direito
Lygia	Bibliotecária	10 anos	10 anos	Graduação em Biblioteconomia
Alice	Bibliotecária	8 anos	8 anos	Graduação em Biblioteconomia
Rachel	Assistente em administração	8 anos	4 anos	Graduação em Letras
Ana Maria	Bibliotecária	4 anos	4 anos	Graduação em Biblioteconomia
Carlos	Assistente em administração	2 anos	2 anos	Graduação em Administração
Adélia	Assistente em administração	2 anos	2 anos	Graduação em Enfermagem
Clarice	Assistente em administração	1 ano e 6 meses	1 ano e 6 meses	Graduação em Letras

Fonte: VALERIANO (2018), a partir de dados fornecidos pela Supervisão da Biblioteca Regional.

Destacamos que, segundo o Modelo de Avaliação de Biblioteca Universitária (LUBISCO, 2011), já citado na seção 3.3 (p. 45), o critério de análise para a proporção de pessoal segue o número de alunos da instituição. Dessa forma, no caso do Câmpus de Rondonópolis, que totaliza 5.053 alunos considerados usuários potenciais (pessoas que podem utilizar a biblioteca a qualquer momento), seriam necessários, então, para o bom funcionamento da Biblioteca Regional, dez bibliotecários, dez auxiliares de biblioteca e um bibliotecário chefe, totalizando 21 profissionais.

No entanto, o problema da escassez de funcionários não atinge apenas a Biblioteca Regional. A própria UFMT reconhece a defasagem em seu quadro de pessoal técnico-administrativo:

A contratação dos técnicos administrativos, em conformidade com a legislação que rege os servidores federais, é feita através de concurso público. Nos últimos anos, a Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT apresentou acentuada defasagem no seu quadro de servidores técnicos administrativos, pois não contava com uma política automática de reposição de servidores. Recentemente, dada a mudança na política federal de contratação e reposição, a instituição vem realizando concursos, o que tem contribuído para a ampliação de seu quadro técnico administrativo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, [2012], p. 82).

Contudo, mesmo com o insuficiente quadro de pessoal, a Biblioteca Regional oferece os serviços de informação prioritários à comunidade acadêmica. Em razão do funcionamento da biblioteca de 15 horas ininterruptas diárias, de segunda a sexta-feira (três turnos), a jornada de trabalho dos técnicos é de 30 horas semanais distribuídas entre os períodos matutino, vespertino e noturno e mais uma escala aos sábados (seis horas ininterruptas).

Como dito na introdução, à exceção das três bibliotecárias, os demais técnicos foram alocados na Biblioteca pela gestão universitária (a Biblioteca é subordinada à Pró-Reitoria do Câmpus) ao longo dos anos, sem se considerar as aptidões destes servidores para atuarem na biblioteca, por isso a inquietação desta pesquisa em identificar quais significados os servidores técnico-administrativos atribuem com relação ao exercício de sua função e a formação acadêmica.

Dentre as atividades desenvolvidas pelas bibliotecárias, destacam-se a gestão das coleções (seleção e aquisição de materiais bibliográficos); processamento técnico dos materiais bibliográficos (catalogação, classificação,

indexação); treinamento de usuário da Biblioteca; atendimento às questões dos usuários relacionadas ao uso da biblioteca, do Sistema Pergamum e do acervo, além das atividades específicas do cargo. No período da pesquisa, uma das bibliotecárias ocupava a função de “Supervisão da Biblioteca”, responsável pela organização geral da biblioteca, incluindo recursos humanos, materiais e visitas do MEC.

Os outros 13 profissionais distribuem-se em três turnos de trabalho e realizam os principais serviços de informação da biblioteca, a maior parte deles atendendo diretamente os usuários. Dentre as atividades desenvolvidas por eles, destacam-se:

a) Setor de circulação: empréstimo, devolução e renovação de material; empréstimo de armários; cadastro do usuário, confecção da carteira de identificação do usuário; resolução de problemas referentes à perda de material, perda de chaves dos armários, afastamentos da biblioteca, entre outros.

b) Orientações diversas: orientação do usuário no uso das ferramentas disponíveis no Sistema Pergamum (pesquisa no catálogo, reserva de materiais, renovação online); auxílio para encontrar livros/material nas estantes; instrução sobre o módulo de ficha catalográfica.

c) Organização do acervo: reposição dos livros, alfabetação e remanejamento de estantes.

d) Processos técnicos: auxílio no processo de aquisição, recebimento e conferência de materiais; preparo físico dos documentos (carimbos, etiquetagem) e reparos em obras danificadas.

Mesmo com a tecnologia aplicada aos processos das bibliotecas, o trabalho desenvolvido pelos seus profissionais é indispensável, uma vez que eles são o elo entre os recursos informacionais e os usuários. Sem eles não seria possível atender as diversas necessidades de informação dos usuários de forma satisfatória. Neste contexto, Ranganathan (2009, p. 180, grifo do autor) assinala que as autoridades responsáveis pela biblioteca devem reconhecer

[...] a necessidade de um quadro de pessoal adequado e competente para mostrar a cada leitor ‘como usar os livros como instrumentos e bibliotecas como oficinas’ e até mesmo fazer com que os recursos limitados de sua biblioteca produzam para cada leitor ou leitora o seu material.

Mais uma vez enfatizamos a importância do pessoal da biblioteca universitária para o melhor aproveitamento dos recursos informacionais disponibilizados por esta unidade de informação. Compreendemos que as bibliotecas universitárias públicas carecem de diversos recursos, como já mencionamos, entretanto, o fator humano faz toda a diferença no desenvolvimento de suas atividades, mesmo que com poucos recursos.

Desse modo, os significados atribuídos pelos profissionais da Biblioteca Regional com relação ao exercício de sua função e a formação acadêmica podem influenciar no desempenho de seu trabalho, contribuindo para que ela se efetive ou não como um instrumento de formação acadêmica.

Apresentamos, no próximo capítulo, a Metodologia de Investigação Comunicativa, escolhida por nós para orientar todo o processo de coleta e análise dos dados, o que nos permitiu alcançar os objetivos da pesquisa.

4 METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO COMUNICATIVA: BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Para alcançarmos os objetivos estabelecidos para esta pesquisa, adotamos a Metodologia de Investigação Comunicativa, desenvolvida pelo Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA), da Universidade de Barcelona, a partir, principalmente, dos pressupostos teóricos da Teoria da Ação Comunicativa, de Jürgen Habermas, e do conceito de Dialogicidade de Paulo Freire.

A escolha desta perspectiva metodológica decorreu da sua especificidade, que prevê o diálogo intersubjetivo entre pesquisador e participantes durante todo o percurso da investigação, considerando o respeito à subjetividade, à experiência, à cultura e ao conhecimento das pessoas participantes com relação à realidade estudada. Deste modo, os participantes são vistos como agentes sociais cuja participação no processo investigativo se dá a partir de suas motivações e interpretações. Continuamente, estabelecem-se relações mais simétricas possíveis entre pesquisadores e participantes.

Apresentamos, inicialmente, as concepções teóricas que fundamentam a Metodologia de Investigação Comunicativa e, posteriormente, os processos de coleta e análise de dados próprios deste método. Para isto, assumimos como bases teóricas a obra de Gómez et al. (2006, tradução nossa), intitulada Metodología Comunicativa Crítica, e o Relatório de Pós-Doutorado de Garske (2016), dedicado à discussão da Metodologia de Investigação Comunicativa.

A Metodologia de Investigação Comunicativa orienta-se pela concepção comunicativa crítica de investigação social, para a qual, em sua dimensão ontológica, a realidade social é construída através dos significados atribuídos pelos sujeitos nas interações sociais. Estes significados são alcançados por meio do diálogo, da intersubjetividade.

A perspectiva comunicativa crítica defende uma epistemologia centrada no diálogo. Fundamenta sua validade no consenso permanente, comunicativamente alcançado. Aponta para a não-neutralidade da ciência e a investigação deve sustentar-se em critérios que defendam as pretensões de verdade, de retidão e de veracidade. Concebe a realidade social e sua possível transformação através das interações e da comunicação que se produz nelas, defendendo uma interpretação

conjunta da realidade social feita pelas pessoas investigadoras e as investigadas em bases de igualdade.

No plano metodológico, a concepção comunicativa crítica pretende não só descrever e explicar a realidade, compreendê-la e interpretá-la, mas também transformá-la, procurando entender como os significados se constroem comunicativamente mediante a interação entre as pessoas. Desta forma, só se pode construir o objeto de estudo através das interpretações, reflexões e teorias das próprias pessoas participantes da realidade social que se quer transformar. Esta metodologia requer uma interação horizontal, uma situação ideal de diálogo. O pesquisador tem a responsabilidade de aportar os conhecimentos científicos no diálogo com as participantes, que, por sua vez, complementam a discussão com os conhecimentos e a prática da realidade investigada (GÓMEZ et al, 2006).

Ainda de acordo com Gómez et al. (2006), alguns postulados teóricos regem esta Metodologia, quais sejam:

- **Universalidade da linguagem e da ação:** qualquer pessoa tem capacidade para comunicar-se e interagir com outras, já que a linguagem e a ação são capacidades universais. Não há culturas superiores, mas diferentes.

- **As pessoas como agentes sociais transformadores:** as pessoas participantes de uma pesquisa possuem capacidade de refletir e estabelecer processos de diálogo intersubjetivo, o que lhes permite interpretar a realidade social, criar conhecimento e transformar suas estruturas. Potencializam-se relações em que prevaleçam, entre pesquisador e participantes, pretensões de validade (argumentos) e não de poder (imposição).

- **Racionalidade comunicativa:** todas as pessoas têm capacidade de linguagem e ação. A racionalidade comunicativa é a base universal de tais competências e do diálogo igualitário; usa a linguagem como meio de diálogo e entendimento.

- **Sentido comum:** sentido subjetivo advindo da experiência de vida e da consciência das pessoas, formado no próprio contexto cultural onde se produzem as interações e se gera conhecimento. O sentido comum que as pessoas atribuem à determinada ação.

- **Sem hierarquia interpretativa:** as interpretações dos participantes da pesquisa possuem tanta solidez quanto as do pesquisador. Importa, nesta

metodologia, compreender as opiniões e os relatos das pessoas participantes e interpretar, com elas, seus próprios contextos.

- **Igual nível epistemológico:** como continuação do postulado anterior, este reitera a importância do desnível epistemológico na pesquisa social. As pessoas pesquisadoras e os participantes da pesquisa (objeto de estudo) estão no mesmo nível no processo de investigação e na interpretação das ações. O pesquisador leva ao diálogo as contribuições do conhecimento científico sobre o tema em estudo e as pessoas participantes, suas vivências e saberes que podem ser contrastadas com as teorias científicas. Enfim, todos levam suas interpretações, sua experiência e, através do diálogo, podem alcançar os melhores argumentos.

- **Conhecimento dialógico:** baseado na comunicação e no diálogo.

Assim, com base na concepção comunicativa crítica, a Metodologia de Investigação Comunicativa entende que todas as pessoas são capazes de refletir e agir na realidade em que vivem, e, desse modo, o pesquisador não ocupa posição privilegiada na reflexão da realidade investigada (GABASSA, 2009).

Além dos postulados acima, a Metodologia busca, com base em Habermas e Freire, tipificar as ações para explicar as distorções que podem ocorrer na interação entre atores sociais e desenvolver um novo paradigma pautado na Ação Comunicativa e Dialógica (GARSKE, 2016).

A ação comunicativa, elaborada por Habermas, orienta e constrói o diálogo em função de um entendimento entre sujeitos capazes de linguagem e ação. Neste processo prevalecem os argumentos, de forma que o entendimento e os acordos que se alcançam através do diálogo realizam-se sob pretensões de validade e não de poder. Conforme Habermas (2012, v. 2, p. 233, grifo do autor):

[...] entendemos o agir como uma forma de conseguir domínio sobre situações. Desse processo, o conceito 'agir comunicativo' recorta dois aspectos: o teleológico, relacionado à concretização de fins (ou à realização de um plano de ação), e o comunicativo, que abrange os aspectos da interpretação da situação e da obtenção de um acordo. [...] O agir orientado pelo entendimento pressupõe que os participantes realizem seus planos de comum acordo, na situação de uma ação definida consensualmente.

Alcançar o entendimento que decorre da ação comunicativa requer a compreensão do conceito de racionalidade comunicativa. Na consideração de Habermas, a existência humana tem raízes fortes no mundo vivido, no mundo dos

homens ou das coisas feitas por eles ou sobre o que os homens pensam e fazem em constante relação com outros homens, jamais fora desse circuito social. É nessa relação que a racionalidade comunicativa se estabelece como instrumento de consenso social da realidade (GARSKE, 2016).

De tal modo, um processo de investigação orientado por esta metodologia depende da interpretação que os participantes possuem acerca da realidade em que vivem e que é composta por três mundos:

[...] mundo objetivo (enquanto totalidade das entidades sobre as quais são possíveis enunciados verdadeiros); [...] mundo social (enquanto totalidade das relações interpessoais reguladas legitimamente); e [...] mundo subjetivo (enquanto totalidade das vivências às quais o falante tem acesso privilegiado e que ele pode manifestar de modo veraz diante de um público) (HABERMAS, 2012, v. 2, p. 220).

A coexistência destes três mundos remete ao conceito de mundo da vida, que é o contexto a partir do qual podemos partilhar nossos saberes em um diálogo, que tenha por objetivo chegar a um entendimento:

O mundo da vida constitui, pois, de certa forma, o lugar transcendental em que falantes e ouvintes se encontram; onde podem levantar, uns em relação aos outros, a pretensão de que suas exteriorizações condizem com o mundo objetivo, social ou subjetivo; e onde podem criticar ou confirmar tais pretensões de validade, resolver seu dissenso e obter consenso. (HABERMAS, 2012, v. 2, p. 231).

O conceito de mundo da vida é complementar ao agir comunicativo. Nesta perspectiva, o conceito de ação comunicativa de Habermas se une ao conceito de dialogicidade de Freire, constituindo as bases teóricas da Metodologia de Investigação Comunicativa, “a partir das quais se instaura a possibilidade de construção de uma nova forma de entender a realidade social com vistas a sua reconstrução” (GARSKE, 2016, p. 36).

Para Freire (2013, p. 130), “a dialogicidade é uma exigência da natureza humana”, por isso não há comunicação sem dialogicidade. O ato de dialogar, de se comunicar, significa, portanto, a aquisição de uma postura crítica e consciente diante dos problemas do mundo. Nas palavras dele:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar (FREIRE, 2015a, p. 108).

Freire destaca que a relação dialógica no processo do conhecimento é indispensável entre sujeitos sempre abertos à possibilidade de conhecer e de mais conhecer. Por isso, a dialogicidade está cheia de curiosidade, de inquietação, de procura e de respeito entre os sujeitos que dialogam (FREIRE, 2013). Para o autor, “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história” (FREIRE, 2015b, p. 133).

No entendimento de Freire não há diálogo sem amor ao mundo e aos homens, humildade e fé nos homens, confiança e esperança. Ao fundar-se nesses elementos, o diálogo se faz uma relação horizontal, livre de opressão e arrogância, provocando um clima de confiança entre seus sujeitos, só assim há comunicação. Nesse sentido, a educação deve possibilitar ao homem uma discussão corajosa de sua problemática, colocando-o em diálogo constante com o outro (FREIRE, 2011).

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2015a, p. 109).

Nestes aspectos, esta perspectiva metodológica fundamenta-se no diálogo igualitário, no sentido de viabilizar o envolvimento, o respeito pelas diversas posições, o compromisso dos falantes, a intenção comunicativa e o foco no trabalho coletivo. O diálogo igualitário entre os participantes da pesquisa e o pesquisador baseia-se em pretensões de validade ou em interações dialógicas e não em pretensões ou interações de poder (GÓMEZ et al., 2006).

A partir desse entendimento, uma investigação orientada pela ação comunicativa depende de um processo de interpretação em que os participantes cheguem, com base nos três mundos (objetivo, social e subjetivo), a uma definição comum da realidade analisada. A diferença nesta metodologia está no fato de que

os investigadores vão agir por meio da produção de conhecimento, dentro do campo da ciência, e as pessoas participantes na investigação vão agir diretamente na transformação dos aspectos da realidade que considerarem problemáticos (GABASSA, 2009).

Uma vez esclarecidas e compreendidas as bases teóricas que regem esta Metodologia, passamos à descrição das técnicas de coleta e de análise da informação que seguem os postulados de orientação comunicativa.

Na Metodologia de Investigação Comunicativa, a informação pode ser de natureza quantitativa e/ou qualitativa. A quantitativa é obtida através de instrumentos como testes, provas objetivas, questionários fechados e observação sistemática e a qualitativa, mediante estratégias como a entrevista, o grupo de discussão, a observação não sistemática, o relato de vida, a história de vida e a análise documental.

As técnicas quantitativas buscam a generalização dos resultados ao definirem estatisticamente uma amostra da população a ser investigada, que representará o todo. Por outro lado, as técnicas qualitativas almejam a obtenção de informações sobre a questão que se coloca como objeto de estudo. Têm como objetivo entender e interpretar comportamentos, atitudes e aprofundar conhecimentos. Guiam formas de coleta e análise dos dados que permitam o exercício da postura realizativa do investigador e a ruptura do pressuposto da hierarquia interpretativa. De modo sistemático e intencional, as técnicas de coleta de dados permitem reduzir a realidade social que se pretende estudar a um sistema de representações que resulte numa forma mais viável de se tratar e de se analisar (GARSKE, 2016).

Em vista disso, escolhemos como técnica de coleta de dados o grupo de discussão comunicativo, uma estratégia que surge para confrontar a subjetividade individual com a grupal e pretende colocar em contato diferentes perspectivas, experiências e pontos de vista. Realiza-se uma conversa cuidadosamente planejada para obter informação sobre um determinado tema, e em um ambiente permissivo. O grupo participante é guiado por um mediador especialista, em um clima relaxado e confortável, visando conhecer a opinião, os sentimentos ou o que as pessoas sabem sobre o tema em estudo.

O grupo de discussão comunicativo é apropriado para estudos que pretendem descrever e compreender as percepções sobre uma determinada situação, um programa ou acontecimento, sendo seu objetivo obter informação exaustiva sobre as

necessidades, interesses e preocupações de um determinado grupo social. O grupo de discussão supõe um diálogo igualitário entre as pessoas participantes da investigação e o investigador. Por meio desse diálogo se constrói uma interpretação coletiva do tema em estudo, que recorre à base científica existente sobre esse e seu contraste com as pessoas que compõem o grupo (GÓMEZ et al., 2006).

Operacionalmente, o grupo de discussão comunicativo deve ocorrer da seguinte forma: inicialmente os sujeitos participantes do grupo devem chegar a um acordo acerca do trabalho a ser realizado, supondo, para tanto, uma reflexão prévia sobre o tema, bem como os posicionamentos do como garantir a elaboração das opiniões apresentadas. O/a pesquisador/a que coordena o trabalho deve assegurar que o diálogo se centra no tema em processo de investigação, por todos os membros do grupo, num plano de igualdade. O trabalho a ser desenvolvido no grupo deve contar com um roteiro como base nos objetivos do estudo. A partir do diálogo estabelecido pelo grupo, iniciam-se as interpretações e conclusões para que, num segundo momento, haja o debate com a finalidade de construção de um possível consenso (GARSKE, 2016).

A análise de dados nesta metodologia dá ênfase à participação efetiva dos participantes. Após a transcrição dos dados coletados, estes são retornados aos participantes para serem revisados, uma vez que nesse processo o/a pesquisador/a e os participantes se comprometem com a compreensão do tema investigado. A construção de significados de forma comunicativa se realiza por meio da interação e da intersubjetividade entre os participantes, implicando na participação, uma vez que quem investiga pode ter percepções ou ideias preconcebidas sobre a realidade dos participantes. Por isso a importância do consenso, de modo que o processo de análise seja ampliado e modificado a partir da interação das pessoas participantes.

Além de se construir pela intersubjetividade dos participantes, a análise de dados nesta metodologia está condicionada a duas dimensões: a dimensão exclusora, que identifica os limites (legislação, atitudes, linguagens, ações) que impedem a incorporação de práticas voltadas para benefícios sociais, e a dimensão transformadora, que se define em função da exclusora, contribuindo com a possibilidade de superação de limites externos e internos que dificultam a inclusão na sociedade em geral ou mesmo na prática laboral em concreto. Todos os dados que se juntam ao projeto, tanto os procedentes do marco teórico como aqueles

procedentes do trabalho empírico, consideram como base de análise as dimensões exclusora e transformadora (GARSKE, 2016).

A presença das dimensões exclusora e transformadora agrega à pesquisa, em sua intenção e resultados, relevância social. Isto porque a investigação busca identificar os limites existentes e superá-los, de modo a assegurar os benefícios sociais do trabalho realizado (MELO, 2006).

Em suma, no processo de investigação orientado pela metodologia de investigação comunicativa, investigador/a e participantes compõem o grupo de estudo, sendo que os sujeitos investigados participam diretamente da interpretação e da análise dos dados, bem como da elaboração e das conclusões. Na concepção comunicativa, a realidade social constrói-se por meio de significados que os sujeitos atribuem em conformidade às interações estabelecidas, e, nesse sentido, seus enunciados científicos são resultados de processos interativos e intersubjetivos (GARSKE, 2016).

A partir dos pressupostos metodológicos acima, apresentamos, na sequência, o percurso da pesquisa.

4.1 O caminho percorrido: os participantes e a coleta de dados

O primeiro contato com os participantes constituiu-se em uma reunião para apresentar o objetivo da pesquisa, delinear os temas que seriam levados ao grupo de discussão comunicativo e obter o consentimento dos sujeitos para participar da pesquisa. As informações obtidas nesta reunião não foram analisadas, porém, realizamos a transcrição e retornamos os dados aos participantes para que pudessem corrigir ou alterar algo, caso fosse necessário.

A proposta inicial era organizar os grupos de discussão comunicativos com oito participantes que se dispuseram, neste primeiro momento, a participar. No entanto, como os grupos de discussão foram realizados na própria Biblioteca Regional e durante o horário de trabalho dos participantes (conforme indica a metodologia), não foi possível a participação dos oito profissionais, tendo em vista que a biblioteca funcionaria normalmente durante a coleta de dados e o quantitativo de funcionários neste período era inferior ao que a biblioteca realmente necessitava para desenvolver suas atividades.

Diante disso, participaram dos grupos de discussão comunicativos quatro pessoas: *Adélia, Carlos, Rachel e Cecília*, assistentes em administração. Em razão do trabalho a ser desenvolvido na biblioteca, as bibliotecárias não participaram dos grupos de discussão.

Convém ressaltar que organizamos dois grupos de discussão comunicativos na própria biblioteca, em datas previamente combinadas, visto que os participantes trabalham em turnos diferentes. No primeiro grupo de discussão, realizado em novembro de 2016, iniciamos retomando os objetivos da pesquisa, explicando a dinâmica desta técnica de coleta de dados e sua finalidade para a construção do conhecimento pela intersubjetividade, entre outras informações relativas à metodologia. Em seguida, discutimos a respeito de quatro temas extraídos da primeira reunião e consensuados com os participantes:

- Concepção de formação acadêmica;
- Concepção de Biblioteca Universitária;
- Relação entre o papel da Biblioteca Universitária e a formação acadêmica;
- Relação entre a função do profissional da Biblioteca Universitária e a formação acadêmica.

Enquanto pesquisadoras, trouxemos para o grupo de discussão a contribuição da literatura científica sobre os temas, respeitando a horizontalidade nas discussões. Os participantes ficaram muito à vontade para expor suas concepções. Num segundo momento, realizamos a transcrição dos dados e fizemos a devolutiva aos participantes para que pudessem refletir sobre a discussão, apontar possíveis erros na transcrição ou até mesmo corrigir dados.

O segundo grupo de discussão, realizado em março de 2017, foi direcionado à interpretação intersubjetiva dos dados entre os participantes e a pesquisadora e a elaboração das dimensões exclusoras e transformadoras.

No capítulo seguinte, expomos a análise dos dados de orientação comunicativa.

5 A BIBLIOTECA REGIONAL DA UFMT/CÂMPUS RONDONÓPOLIS SIGNIFICADA PELOS SEUS PROFISSIONAIS

No propósito de identificar quais **significados** os servidores técnico-administrativos em educação da Biblioteca Regional da UFMT – Câmpus Universitário de Rondonópolis, atribuem à relação existente entre o exercício de sua função e a formação acadêmica, realizamos uma pesquisa empírica com quatro profissionais que compõem a equipe desta biblioteca. Uma vez concluídas a coleta e a organização das informações obtidas, iniciamos o processo de análise. Para tanto, tomamos por base o conceito de significado de George H. Mead, explanado por Aubert et al. (2016, p. 92):

O significado não é uma parte do que vemos ou das emoções que sentimos, mas contém uma dimensão social. O significado não existe independentemente do contexto social, mas sua criação pode se modificar no processo interpretativo que uma pessoa desenvolve por meio da interação social.

Compreendemos, assim, que os significados atribuídos pelos participantes resultam das interações no contexto social em que vivem, especialmente a universidade e a própria Biblioteca Regional.

A análise dos dados foi realizada a partir dos grupos de discussão comunicativos, que se constituem como um diálogo igualitário entre pessoas de um mesmo grupo social e o pesquisador, tendo como objetivo conhecer a opinião, os sentimentos e os saberes dos participantes no tocante ao tema e obter informação exaustiva sobre as suas necessidades, interesses e preocupações.

Através desse diálogo se constrói uma interpretação coletiva sobre o tema do estudo, que recorre à base científica existente e é contrastada com as pessoas que compõem o grupo. Desse modo, a análise intersubjetiva foi realizada pelos participantes e pela pesquisadora, que interpretaram os dados extraindo as dimensões exclusoras e transformadoras: as *dimensões exclusoras* são os atos comunicativos que contribuem para reproduzir a ausência de significados atribuídos pelos técnicos com relação à biblioteca universitária como instrumento para a formação acadêmica; e as *dimensões transformadoras* são as interpretações que possibilitam criar vias de transformação na realidade social, ou seja, atos

comunicativos que possibilitam compreender a biblioteca universitária como instrumento para a formação acadêmica.

Com relação à análise intersubjetiva, Teles (2012, p. 84) assinala que:

O diálogo em torno das problemáticas que surgem durante os grupos de discussão não tem o objetivo de impor um julgamento de valor sobre se é certo ou errado determinado argumento, pois, ao final de um encontro, os/as participantes podem continuar em dissenso sobre algum item da discussão. Dessa forma, estabelecem-se as interpretações e se debatem as conclusões para consensuar definitivamente sobre as questões levantadas.

A dinâmica da análise dos dados de orientação comunicativa ocorreu da seguinte forma:

1º) Os participantes realizaram a leitura da transcrição dos dados coletados, sem apontamentos;

2º) Os participantes e a pesquisadora extraíram as dimensões exclusoras e transformadoras pertinentes a cada tema, sempre respeitando a horizontalidade e o diálogo intersubjetivo;

3º) A pesquisadora redigiu o texto da análise e fez a devolutiva aos participantes, para que pudessem apontar possíveis erros de interpretação e definir o texto final coletivamente.

A análise dos dados está organizada conforme os temas discutidos nos grupos. Após a interpretação dos dados de cada tema, apresentamos a síntese das dimensões exclusoras e transformadoras.

É importante lembrar que os participantes conheciam os objetivos da pesquisa desde o primeiro contato, conforme indica a metodologia utilizada. Por isso, alguns excertos dos atos comunicativos que aparecem em determinado tema podem enquadrar-se perfeitamente em outros, visto que o conhecimento prévio sobre esta pesquisa permitiu este movimento.

5.1 Concepção de formação acadêmica

A discussão iniciou-se com o tema *Concepção de formação acadêmica*, partindo do pressuposto de que a compreensão dos técnicos acerca do significado da educação superior implica diretamente em suas práticas na Biblioteca Regional.

Neste aspecto, todos os participantes compreendem a formação acadêmica como oportunidade de formação profissional e intelectual na qual a universidade tem a responsabilidade de fornecer aos estudantes um espectro de conhecimento, cultura e vivências que ultrapassem a formação técnica, preparando-os para se colocarem diante dos problemas da sociedade como cidadãos ativos e críticos.

Vejamos o entendimento de cada participante:

A formação acadêmica é muito além do que ocorre na Universidade. Ela tem o papel de abrir a mente das pessoas, do aluno, para ter uma visão de mundo maior, pois de alguma forma todas as áreas podem estar conexas em algum ponto. O aprendizado na formação acadêmica vai muito além da presença do estudante na Universidade, porque a vida inteira ele terá que estar em aprendizado, estar constantemente buscando o conhecimento. As coisas mudam, o tempo é outro e a formação acadêmica em si, além da profissionalização, tem que formar e inserir um cidadão melhor para a sociedade (Grupo de Discussão Comunicativo, Carlos, novembro, 2016).

A formação acadêmica serve para despertar o conhecimento do aluno e é também uma maneira de ele adquirir uma formação para o trabalho [emprego], que hoje é muito competitivo. Assim, todos têm que estar formados e na expectativa de [encontrar] trabalho, que é realmente bem importante (Grupo de Discussão Comunicativo, Cecília, novembro, 2016).

No Ensino Médio e na formação inicial da criança já se discute essa metodologia de pensar primeiro antes de aprender aquilo que é o oficial, saber refletir, saber pensar, saber discutir. Então, a Universidade reforça isso mais ainda, porque as pessoas estão na fase de escolher um caminho para a sua vida profissional. Na Universidade se aprende várias coisas de áreas diferentes, não é só a profissionalização, é uma forma de ensinar a pensar, de ensinar a refletir, a discutir, a ter um posicionamento, até mesmo a questão política, de forma geral, na Universidade isso vem muito à tona. No Ensino Médio os alunos começam a pensar um pouco mais politicamente, mas na Universidade isso é mais acirrado, é mais forte (Grupo de Discussão Comunicativo, Adélia, novembro, 2016).

A formação, o conhecimento, deve ser interdisciplinar. A formação acadêmica tem que justamente providenciar essa interdisciplinaridade para que o estudante tenha bases para ir além daquilo que ele está aprendendo. É esse conhecimento interdisciplinar que o leva para a crítica da política, crítica da sociedade, para além daquilo que ele está sendo formado. A formação acadêmica é também algo muito específico, como, por exemplo, os alunos das Ciências Exatas geralmente vão focar o estudo em exatas, e, para além disso, a Universidade tem que introduzir outras disciplinas que os leve a racionalizar isso e levar para outros âmbitos. Para que assim o estudante possa dar o retorno para a sociedade (Grupo de Discussão Comunicativo, Rachel, novembro, 2016).

Os profissionais reconhecem a importância da educação superior como motor de desenvolvimento dos seres humanos e da sociedade ao contribuir com a promoção do progresso econômico, social e cultural, da cidadania ativa e dos valores éticos (AMANTE; EXTREMEÑO PLACER; COSTA, 2012). Contudo, relataram que até tomarem conhecimento do objetivo da pesquisa ainda não haviam refletido a respeito da relação entre a sua atuação profissional na Biblioteca Regional e a formação acadêmica.

Declara Rachel que:

[A concepção do técnico] deveria implicar na atuação dele. Antes de participar desta pesquisa, eu nunca tinha pensado nesse meu papel. Eu trabalho no setor de atendimento, eu atendo pessoas, mas eu nunca refleti sobre a minha participação na formação acadêmica, eu nunca fiz essa reflexão, eu estou fazendo agora (Grupo de Discussão Comunicativo, Rachel, novembro, 2016).

A reflexão dos participantes sobre o tema, desencadeada por esta pesquisa, representa um primeiro passo para tentar transformar a realidade em que vivem, ou seja, auxiliar na construção do significado da Biblioteca Regional como instrumento para a formação acadêmica, juntamente com a atuação da sua equipe de profissionais.

A ausência de reflexão dos técnicos no que se refere ao seu papel na formação acadêmica não é um elemento exclutor apenas do grupo participante. Segundo eles, todos os profissionais da Biblioteca Regional deveriam estar participando desta pesquisa, já que eles percebem, cotidianamente, que os demais colegas também não refletem acerca deste assunto.

Conforme aponta Adélia:

Não paramos para pensar, nós atendemos, fazemos. Internamente eu já havia refletido sobre isso [...] o quanto que falta para nós essa interação com todos os componentes, todos que trabalham aqui. [...] nós não conversamos no todo, então isso realmente faz falta. Até para a gente poder fazer essa reflexão, porque, às vezes, a gente até pode fazer individualmente, mas a gente se sente sozinho no universo. Aquela questão assim, eu não vou mudar o jeito da Biblioteca sozinho (Grupo de Discussão Comunicativo, Adélia, novembro, 2016).

A ausência de reflexão pode ser atribuída ao fato de não existir interação entre os servidores técnico-administrativos e a UFMT, principalmente no que diz

respeito a sua função na sociedade, e, conseqüentemente, a função dos técnicos para com a educação e a formação dos estudantes. Neste aspecto, ponderamos, com base em Souza Filho (2006), que a educação universitária que deve conduzir a uma compreensão histórico-social da realidade não se aplica no seu próprio contexto, quando os seus próprios colaboradores não possuem total clareza de sua função na sociedade.

Neste sentido, pontuam Álvarez Rojo e Lázaro Martínez (2002 apud AMANTE; EXTREMEÑO PLACER; COSTA, 2012) que um dos maiores problemas das universidades é exatamente a ausência de consenso sobre o papel que elas devem desempenhar.

Do mesmo modo, os participantes declaram não haver interação entre os profissionais da Biblioteca Regional, uma vez que, por trabalharem em três turnos, pouco se comunicam. Além disso, não há momentos de interação (como reuniões, por exemplo) com todos os profissionais e os gestores do Câmpus, para discutirem aspectos referentes ao trabalho desenvolvido pela Biblioteca e o que ela e sua equipe podem oferecer à comunidade acadêmica em termos de serviços de informação e formação acadêmica. Amante, Extremeño Placer e Costa (2012) avaliam que a biblioteca é parte de sua instituição, por isso, em seu estudo é essencial que se considere a cultura organizacional, entendida como o conjunto de valores e de crenças existentes na universidade que condicionam a relação da biblioteca com os demais agentes da mesma: gestão, serviços de apoio, professores, estudantes, entre outros.

Concernente a esta problemática, os participantes desta pesquisa sentem necessidade de formação profissional no âmbito da própria UFMT, que abarque as rotinas administrativas, funcionamento dos cursos, departamentos, missão e objetivos da universidade e função dos docentes e técnicos, bem como uma formação específica na área de biblioteca universitária para que possam compreender melhor os serviços oferecidos e o papel dos técnicos no desenvolvimento desses serviços, visando contribuir com a formação acadêmica. No tocante à formação do pessoal das bibliotecas universitárias, Sepúlveda (2002) considera indispensável a existência de uma política de capacitação dentro da organização, assim como o apoio das faculdades de Biblioteconomia na formação continuada destes profissionais.

No presente estudo, o grupo de discussão comunicativo foi compreendido, pelos participantes, como uma oportunidade de formação profissional que até então não haviam tido.

Acerca disso, Carlos comenta que:

Eu mesmo, enquanto servidor, fui designado para cá, mas nem um curso de iniciação ao serviço público eu tive, e alguns concursados daquela época receberam. Entramos aqui e então buscamos aprender, fazer o nosso trabalho incorporando coisas do dia a dia, com a orientação de quem aqui já estava e vamos trabalhando nessa linha de ir aprendendo e fazendo. Eu acho que nesse contexto nós somos agentes dessa mudança, podemos ser e temos que ser agentes dessa mudança e também da formação acadêmica dos alunos. Refiro-me à mudança aqui dentro, a gente fazer fluir melhor as coisas. Mas acho que a gente faz parte desse contexto, somos agentes e podemos ser agentes da melhora. Que pena que nem todos que poderiam fazer parte desse grupo estão inseridos aqui para ter esse entendimento (Grupo de Discussão Comunicativo, Carlos, novembro, 2016).

Os participantes relataram não terem recebido nenhuma formação específica nos últimos anos, inclusive os que entraram mais recentemente, tendo buscado aprender o trabalho no dia a dia, com a prática e a orientação dos colegas mais antigos, procurando desenvolver suas funções dentro de suas possibilidades, pois foram admitidos em concurso público para o cargo de assistente em administração (geral) e não para o cargo de auxiliar de biblioteca (específico).

Thompson e Carr (1990) salientam que as bibliotecas universitárias ainda não alavancaram seus programas de formação, o que coincide com a realidade aqui encontrada. Dessa forma, os novos funcionários recebem pouco mais que uma breve introdução ao trabalho de sua biblioteca e explicações ainda mais breves sobre as rotinas que terão que realizar.

Com 22 anos de atuação na biblioteca, Cecília conta que:

Uma vez tivemos um curso aqui na Biblioteca que discutiu muito essa questão de como atender, o objetivo de atender bem o aluno. Porque nós trabalhamos por causa do aluno, porque se não for o aluno, se não tiver o aluno aqui, não vai precisar de nós. Então foi mais ou menos nesse sentido que foi o curso. A gente faz parte, sim [da formação acadêmica], às vezes a gente não entende, não pensa nesse sentido. (Grupo de Discussão Comunicativo, Cecília, novembro, 2016).

A lacuna na formação dos profissionais da biblioteca universitária implica na construção de significados relativos ao seu papel na formação acadêmica. Esta lacuna é discutida também no estudo de Sepúlveda (2002), que identificou, nas bibliotecas latino-americanas, uma disparidade com relação às exigências que se demandam do pessoal auxiliar e a formação que lhes é oferecida, demonstrando a necessidade de receberem uma formação contínua.

Sobre a formação em serviço na UFMT, destacamos que a instituição oferece aos servidores técnico-administrativos cursos de capacitação, na modalidade presencial e a distância, porém, estes cursos são genéricos e servem para atender a totalidade dos técnicos, não importando a função que desempenham e o setor em que trabalham.

Além destes cursos, onze programas de pós-graduação passaram a ofertar vagas para os servidores técnico-administrativos através do Programa de Qualificação *stricto sensu* dos técnicos-administrativos em Educação (PQSTAE), lançado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG) (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, 2016b).

Esta ação da UFMT é de grande relevância para a formação dos técnicos que ainda não cursaram a pós-graduação *stricto sensu*, mas ainda é necessário direcionar a formação dos técnicos de acordo com as demandas específicas de cada profissional e de seu respectivo setor, pois, conforme pontua Sepúlveda (2002), a melhor forma de ter recursos humanos adequados é investindo em sua formação, que, por sua vez, deve ser contínua, oportuna, com uma metodologia eficaz e de acordo com os objetivos da organização.

Os participantes consideram, ainda, que a ausência de significados não se dá somente entre os técnicos da biblioteca, mas que há pouca significação também por parte da comunidade acadêmica. Pondera Rachel que:

Para além de nós [técnico-administrativos] não termos esse entendimento da nossa importância, aqueles que recebem esse atendimento também não têm esse conhecimento. Não têm essa ideia, essa percepção. Às vezes nos menosprezamos e somos menosprezados por conta de não termos esse conhecimento. (Grupo de Discussão Comunicativo, Rachel, novembro, 2016).

Neste aspecto, Carlos questiona qual é a visão da gestão universitária sobre a relação da biblioteca e a formação acadêmica, considerando que não basta que os

seus profissionais tenham tal entendimento, se, em contrapartida, aqueles que possuem a capacidade de investir na biblioteca para subsidiar a formação não a reconhecem e tampouco a proporcionam.

Indaga Carlos:

E qual é que é a visão daqueles que podem promover a mudança? Porque a gente se debater aqui, dar murro em ponta de faca é uma situação, mas aqueles que são agentes do poder da mudança, do poder de prover e resolver as dificuldades que nós temos quando até já se colocou que alguns determinados institutos parecem ter alguns privilégios, os quais aqui a gente se debate com equipamentos. [Então] vimos a dificuldade que esses facilitadores têm para conosco, parece que é um pouco travado. Então, eu acho que o debate do nosso entendimento é um, mas também tem que ver aonde ele se liga, no contexto daquele ponto que provém. (Grupo de Discussão Comunicativo, Carlos, novembro, 2016).

Nesse panorama, com relação aos recursos financeiros destinados às bibliotecas para subsidiar suas ações, Amante, Extreño Placer e Costa (2012, p. 55) assinalam que “a biblioteca nem sempre recebe a importância que merece”, salientando que, em tempos de crise nas universidades, as bibliotecas são cada vez mais convocadas a organizar seus serviços de uma forma mais eficaz para rentabilizar os recursos de que dispõe.

De tal modo, é comum o fato de a comunidade universitária enxergar a biblioteca como um setor administrativo e não como uma unidade de informação e formação. Esta visão limitada e limitadora da própria universidade acaba por contribuir fortemente para a ausência de significados construídos tanto pela comunidade acadêmica quanto pelos profissionais da biblioteca no tocante ao seu papel, uma vez que percebem que a biblioteca, desde as instâncias superiores, parece não possuir relevância para a instituição bem como para a formação acadêmica. Assim, corroborando com Sepúlveda (2002), reiteramos a necessidade de as universidades compreenderem a importância de suas bibliotecas, já que são serviços educativos e suas funções são fundamentais para o desenvolvimento do trabalho universitário.

Portanto, com base na análise do primeiro tema, apontamos os elementos que constituem a síntese das dimensões exclusoras e transformadoras levantadas pelo grupo de participantes e a pesquisadora:

a) Síntese das dimensões exclusoras

- Ausência de reflexão por parte dos profissionais da Biblioteca Regional acerca do que é formação acadêmica e de qual é o papel da biblioteca na formação acadêmica;
- Falta de interação entre os profissionais da Biblioteca Regional acerca do seu papel bem como das questões referentes ao trabalho da biblioteca no cotidiano;
- Ausência de significado por parte da comunidade acadêmica da UFMT e da gestão universitária com relação ao papel da biblioteca como instrumento de formação;
- Falta de formação em serviço sobre assuntos inerentes ao serviço público, ao papel da universidade e principalmente na área de biblioteca universitária.

b) Síntese das dimensões transformadoras

- O entendimento de que a formação acadêmica compreende a formação profissional e intelectual e vai além dos conteúdos vistos em sala de aula, considerando a rapidez com que as informações são geradas e o curto espaço de tempo do estudante em sala de aula para apreender o conteúdo, sendo necessário buscar conhecimento em outras fontes, como a biblioteca;
- A compreensão de que na formação acadêmica o conhecimento é interdisciplinar, o que deve proporcionar ao estudante uma formação crítica, que o ensine a refletir, a discutir, a pensar sobre os problemas da sociedade, ou seja, a formação acadêmica deve preparar os cidadãos para atuar na sociedade;
- A reflexão iniciada pelos participantes, a partir da presente pesquisa, quanto à importância do papel da biblioteca e de seus profissionais para a formação acadêmica.

5.2 Concepção de biblioteca universitária

A concepção dos participantes sobre o papel da biblioteca universitária implica diretamente em sua atuação. A biblioteca universitária será um instrumento de formação acadêmica quando todos aqueles que dela fazem parte, assim como aqueles que a utilizam, alcancem este entendimento. Novamente frisamos que ao conhecerem os objetivos da pesquisa, os participantes sentiram-se confortáveis para

falar sobre seu cotidiano, fugindo, algumas vezes, da rigidez de somente expor seu ponto de vista a respeito dos temas.

No que se refere à concepção de biblioteca universitária, os atos de fala dos participantes reforçam a importância do seu uso pelos estudantes durante todo o percurso acadêmico, considerando que a construção do conhecimento excede o conteúdo visto em sala de aula, sendo necessário ampliar o conhecimento buscando-o em outras fontes. Para eles, a biblioteca é a fonte de informação e conhecimento mais confiável no meio acadêmico. Esta confiabilidade é direcionada aos livros técnico-científicos que compreendem o acervo das bibliotecas universitárias.

Neste aspecto, para Cecília e Carlos:

[Durante] o curso inteiro o aluno precisa de livros para estudar. A biblioteca é importante na vida do aluno, pois vai instruí-lo, ajudá-lo na formação. (Grupo de Discussão Comunicativo, Cecília, novembro, 2016).

Hoje os mecanismos de pesquisa de busca do conhecimento estão muito ampliados. Em casa, no computador, temos uma biblioteca virtual. Porém, nos moldes atuais de ensino, percebo que está enraizado no estudante fazer o uso da biblioteca. Na biblioteca está um dos alicerces do seu conhecimento, porque o professor entra com a teoria, mas o estudante vai confrontar se é de fato isso ou não, ou ampliar, fazendo o seu estudo nos livros, nos autores. A prática da leitura é indispensável. (Grupo de Discussão Comunicativo, Carlos, novembro, 2016).

Os participantes relacionam o papel da biblioteca universitária ao acesso aos livros e à prática da leitura durante a formação. Mesmo com a existência de fontes eletrônicas de informação científica, como as bases de dados, as quais têm seu uso intermediado pelas bibliotecas, os participantes enfatizam a importância do acervo físico. Esta importância dada aos livros remete à centralidade do empréstimo de livros na Biblioteca Regional em detrimento do acesso às fontes eletrônicas no interior da biblioteca.

Mencionam os participantes que os livros são fontes mais confiáveis do que as fontes eletrônicas, quando não se sabe pesquisar adequadamente. No entanto, faz parte dos serviços de informação da biblioteca universitária disponibilizar o acesso a essas fontes e atuar na formação dos usuários para que se tornem autônomos em sua utilização, posto que, segundo Orera Orera (2005), a

incorporação das tecnologias da informação nas bibliotecas tem transformado as coleções, convertendo-as em híbridas, ao integrar, junto às coleções tradicionais, coleções digitais de origens diversas, algumas digitalizadas, outras produzidas originalmente neste formato, como os documentos digitais oriundos da própria biblioteca ou da instituição a que pertence.

Nesta perspectiva, também Rodrigues (1994, p. 420 apud AMANTE; EXTREMEÑO PLACER; COSTA, 2012, p. 188) destaca a necessidade de alterar a imagem da biblioteca universitária, de um serviço que está disponível para os seus usuários para um serviço que os procura; de um local que oferece livros e lugares de leitura para uma entidade que gera e disponibiliza recursos informativos essenciais para o sucesso da atividade escolar, pedagógica e científica.

Como já relatado pelos participantes, a falta de formação em serviço – e aqui percebemos a lacuna no campo dos recursos informacionais – implica no desconhecimento de todos os outros serviços que podem ser desenvolvidos pela biblioteca, para além do empréstimo de livros. Este desconhecimento demonstra, também, que na Biblioteca Regional a formação dos usuários sobre o uso de fontes eletrônicas de informação ainda não se consolidou, tendo em vista que nem mesmo seus funcionários a possuem.

Na visão de Rachel:

Os meios virtuais não substituem os livros. A biblioteca é um local de busca de conhecimento, virtual ou físico. Até podemos ter em casa o meio virtual, mas nem sempre temos conhecimento se aquela informação é correta ou não e os livros nos dão isso. Concepção de biblioteca é a busca do conhecimento que os livros proporcionam aqui. (Grupo de Discussão Comunicativo, Rachel, novembro, 2016).

É notório que as bibliotecas mantêm muitos de seus serviços tradicionais, como a consulta e o empréstimo de livros, no entanto, para Saraiva (2013), em uma sociedade em que se trabalha em rede, é fundamental aplicar mais recursos na formação dos usuários, para que se tornem autônomos na busca da informação confiável e pertinente para as suas áreas de investigação. Assim, compreendemos que os profissionais da biblioteca devem ser os primeiros usuários a receberem tal informação, tendo em vista que são eles que orientam os usuários finais.

Ainda sobre a questão dos livros, Carlos menciona que a formação dos alunos ocorre de acordo com os livros que utilizam, normalmente aquelas obras

indicadas pelos professores, e alerta, ainda, que o acervo da biblioteca não deve ser parcial. Para ele,

A biblioteca tem um horizonte de muitos livros, muito material para ser pesquisado, estudado. Mas ela é também uma direcionadora do conhecimento. O professor, às vezes, quando ele faz a sua listagem de compra de material, ele direciona os livros, os autores. E é baseado nesses livros que o aluno se forma. Então, acredito que seria adequado que a biblioteca tivesse livros diversos, que não sigam só um caminho. Além do material disponível para ele estudar e aprender, a biblioteca teria que contemplar também materiais que não sejam tão direcionados para um caminho só. (Grupo de Discussão Comunicativo, Carlos, novembro, 2016).

Neste aspecto, o acervo da Biblioteca Regional é bastante diversificado, contendo material de todas as áreas do conhecimento. O que ocorre, na maioria das vezes, é o fato de os alunos buscarem títulos indicados pelos professores que trabalham com literaturas específicas, enquanto isso, outros títulos do mesmo assunto são menos utilizados.

Concernente a esta situação tão comum nas bibliotecas universitárias, Destro (1996, p. 44), salienta que “o aluno não quer correr o risco de usar uma bibliografia diferente da indicada pelo professor e, além de não conhecer o ponto de vista de outros autores, acaba disputando com seus colegas a indicação do docente”. Para a autora, cabe ao professor ensinar o aluno a pesquisar e a buscar outras fontes de informação além de suas indicações. Milanesi (2013, p. 68) confirma que a prática da obra “adotada” desobriga o aluno de ler as demais, e que na biblioteca universitária, “os professores dão a direção e o ritmo de uso dos acervos”.

Além do exposto acima, novamente os participantes chamam a atenção para a concepção que a comunidade acadêmica e a sociedade possuem sobre a biblioteca universitária. Carlos cita o exemplo de pais que acompanham os filhos no período de matrícula na UFMT e se interessam por conhecer a biblioteca, visando certificar-se, através da biblioteca, se a universidade possui uma boa estrutura acadêmica.

Comenta Carlos:

Eu acho também que a concepção de biblioteca, não só a nossa concepção, mas do que as pessoas vejam da biblioteca. Eu acho bacana e interessante quando, às vezes, antes do aluno iniciar, cursar, vem a mãe dele ali, vem com ele. “Vamos dar uma olhada no que tem na biblioteca”, quer dizer, ela já é mais munida de

conhecimento, entendimento das coisas, ela vai ver se tem suporte, se tem material de estudo, ela quer saber isso antes de colocar o filho ou permitir que o filho curse a UFMT. Então, essa concepção de fora, às vezes, ela está assim: “o que é uma boa instituição? Ah, mas vamos ver se ela tem uma boa biblioteca”. Então, eu acho que, assim, a gente vê aqui, mas as pessoas lá fora também, mesmo que inconscientemente, elas também buscam essa informação para poderem se alicerçar aqui. (Grupo de Discussão Comunicativo, Carlos, novembro, 2016).

O conhecimento, por parte da comunidade externa, sobre o funcionamento da biblioteca, serviços oferecidos, coleções, normas, entre outros, é considerado, pelos participantes, como de grande relevância na efetivação do papel da biblioteca universitária como instrumento de formação acadêmica. Este fato demonstra que apesar das mudanças do ponto de vista conceitual e físico, a biblioteca continua sendo considerada o coração do Câmpus (AMANTE; EXTREMEÑO PLACER; COSTA, 2012).

Adélia lembra que ao iniciar o semestre letivo, alguns cursos têm procurado a Biblioteca Regional para oferecer treinamento de usuário aos calouros. Esta ação dos cursos é positiva, pois aqueles usuários que participam do treinamento possuem mais condições de utilizarem os serviços da biblioteca de forma satisfatória. Além do mais, usuários instruídos para o uso da biblioteca também contribuem para otimizar o trabalho da equipe.

Relata Adélia:

Acredito que um primeiro passo já foi dado por alguns cursos, que no começo do semestre [solicitam uma exposição sobre o funcionamento da biblioteca na semana do calouro], assim, nós temos a oportunidade de falar um pouco do trabalho da biblioteca. Ainda é pouco, mas ainda assim é melhor do que nada. Quanto aos cursos que não nos procuram, os alunos vêm a biblioteca mais crus do que aqueles que participaram da exposição sobre a biblioteca, seja em sala de aula ou no auditório. Falamos sobre um pouco desse trabalho, do que que tem aqui, do que que pode fazer, o que não pode. Até essa questão disciplinar da biblioteca, que não pode circular dentro da biblioteca com alimento, com água etc. Então, eles recebem desde noções básicas até o que que a biblioteca tem para oferecer. Isso já é um início, mas penso que poderíamos fazer muito mais. Eu sinto que falta, na questão estrutural da biblioteca, um local para estudo em grupo, os alunos não têm um local adequado para discutir. Porque se eles ficam conversando em um local que é coletivo, eles estão atrapalhando os demais. E, assim como nós, também poderíamos sair daqui e irmos para dentro das salas, para estar conversando [sobre a biblioteca]. (Grupo de Discussão Comunicativo, Adélia, novembro, 2016).

Rachel corrobora a importância da iniciativa dos cursos que solicitam o treinamento de usuário no início do semestre e diz já ter pensando sobre a questão de ir às salas de aula para explicar o funcionamento da biblioteca a todas as turmas, visto que ainda são poucos os cursos que buscam a biblioteca para este fim.

Rachel expõe:

Então, de repente, essa conscientização da gente ir para lá também, de ir lá e falar: “gente, olha, nós trabalhamos na biblioteca, vocês têm uma biblioteca, ela tem tantos mil exemplares, nas áreas tal, tal e tal. E as regras da biblioteca, nos empréstimos e a questão do silêncio”. Isso tudo eu acho que é bacana. (Grupo de Discussão Comunicativo, Rachel, novembro, 2016).

Com relação ao treinamento de usuário que já é oferecido pela Biblioteca Regional, embora ainda não alcance todas as turmas, como assinalado pelos participantes, reforça Merlo Vega (2005) que somente mediante uma instrução efetiva dos usuários e uma difusão apropriada dos recursos é que se poderá obter um rendimento satisfatório das coleções e serviços das bibliotecas universitárias, para tanto, são necessárias ações de introdução aos espaços, serviços e normas da biblioteca, sobretudo para os novos estudantes, além de uma orientação mais detalhada sobre os serviços de informação eletrônicos.

Não obstante o interesse da comunidade acadêmica para com a biblioteca, os participantes reclamam da falta de visibilidade que ela possui também para a gestão universitária, o que reflete na insuficiência e inadequação dos equipamentos necessários para executar os serviços diários e para o uso da comunidade acadêmica, como no caso dos computadores do laboratório de informática. Além disso, por vezes, os profissionais realizam reparos nos equipamentos de trabalho ou improvisam algo para não deixar de oferecer certos serviços por falta daqueles.

Pontuam Adélia e Carlos:

Os nossos equipamentos estão cada vez em menos quantidade, o laboratório de informática está cada vez com menos equipamentos. (Grupo de Discussão Comunicativo, Adélia, novembro, 2016).
E a gente, como servidor, às vezes, trabalhando aqui dentro a gente passa a fazer o papel também de manutenção de algumas coisas que não nos caberiam fazer. Mas você sabe que aquilo está diretamente ligado ao atendimento e você acaba que vai lá fazer o conserto de alguma forma para fazer funcionar. Eu acho que não é o adequado. (Grupo de Discussão Comunicativo, Carlos, novembro, 2016).

Diante disso, destacamos o que assinala Merlo Vega (2005), que a biblioteca universitária trabalha para seus usuários oferecendo não apenas informação e documentos, como também infraestrutura e equipamentos que contribuam para facilitar suas necessidades de estudo e pesquisa. Vemos, portanto, que a oferta de equipamentos de boa qualidade confere aos usuários maior satisfação no uso dos recursos disponibilizados por ela.

Quanto à concepção de biblioteca universitária, mais especificamente, os participantes compreendem que ela deve ser construída internamente na Biblioteca Regional e em toda a universidade, sendo esta pesquisa considerada como um pontapé inicial para esse movimento e eles, atuais servidores e participantes do estudo, os agentes iniciais desta mudança de concepção.

Reiteram Rachel e Carlos:

Essa questão da concepção da biblioteca, eu achei esse tema fantástico, já te falei e eu acho que esse trabalho, ele tem que ser um pontapé inicial para a gente mudar essa concepção de biblioteca nesta universidade. Eu acho que esse trabalho seu, já falei, depois de terminado, eu acho que a gente precisa pegar ele, um grupo que seja e levar isso e fazer essa construção. (Grupo de Discussão Comunicativo, Rachel, novembro, 2016).

Os agentes iniciais da mudança. (Grupo de Discussão Comunicativo, Carlos, novembro, 2016).

E eu acho assim, que a gente tem que mudar essa concepção, mas a gente tem uma cultura e a gente precisa mudar ela. Então tem que ser a partir de uma construção. Então que sejamos nós, esse primeiro grupo. (Grupo de Discussão Comunicativo, Rachel, novembro, 2016).

Outro aspecto levantado pelo grupo e que reflete na concepção de biblioteca universitária é o fato de que muitas pessoas vão à biblioteca buscar informações diversas sobre a universidade (departamentos, eventos acadêmicos, setores administrativos, cursos de extensão, entre outros), porém, na maioria das vezes, os profissionais não conseguem atender a estas questões, pois a Biblioteca Regional não possui canais de comunicação com os demais setores, assim não atua como uma unidade central de informação sobre a universidade e o Câmpus.

Quanto a isso, os participantes revelam:

Eu fico com vergonha quando o aluno ou alguém vem perguntar alguma coisa sobre a universidade, “ah, eu queria ir na secretaria de tal curso” e eu não sei onde é que fica. Eu não sei, eu sei de alguns, assim, que são os que eu já circulei, mas eu não sei, aí pergunto a um colega mais antigo, que muitas vezes, também não sabe. (Grupo de Discussão Comunicativo, Adélia, novembro, 2016).

Mas eu vejo assim, também, que precisava de a secretaria mandar para nós, porque uma vez tinha todos os setores, agora não tem mais todos os setores, então eu não sei. Um dia veio perguntar para mim da Engenharia, eu sempre soube que as engenharias estavam tudo ali, mas já tem Engenharia para cá... e eu não sabia. Quer dizer, se o aluno foi para ali procurando o que ele queria, eu dei a informação errada, então, tem esse negócio, a gente tinha que estar a par de todos os setores, onde que está esse setor? Então ele veio aqui... (Grupo de Discussão Comunicativo, Cecília, novembro, 2016).

O que funciona nos blocos, o que há em cada bloco e qual é o telefone, qual é a pessoa que atende, a quem você indica? Eu mesmo estou aqui dois anos, um servidor novo, dois anos e tem espaços que eu não conheço aqui na universidade. É um pouco falta de interesse meu? Talvez seja, mas, às vezes, nem todo o local seja permitido que vá. A gente fica perdido no contexto, às vezes. (Grupo de Discussão Comunicativo, Carlos, novembro, 2016).

A ausência de interação entre o Câmpus e a Biblioteca Regional caracteriza certa invisibilidade de ambas as partes com relação ao papel da biblioteca como unidade de informação, já que, por diversas vezes, ela se torna uma referência para aqueles que buscam informação na esfera da universidade. Neste âmbito, Silveira (2014, p. 74) sublinha a importância de as bibliotecas universitárias oferecerem serviços ao usuário de forma integrada com outros setores da universidade, bem como “formas variadas de contato com a biblioteca, seja como suporte para dúvidas ou como divulgação dos recursos e serviços”.

Quanto aos serviços de informação oferecidos pela Biblioteca Regional, os participantes declaram que, à exceção das bibliotecárias, quase todos os profissionais auxiliares possuem pouco conhecimento acerca do funcionamento global da biblioteca, mas compreendem que é extremamente necessário que todos saibam como a Biblioteca funciona, visando atender o usuário de forma satisfatória e, assim, contribuir com a sua formação.

Os participantes mencionam que além do serviço tradicional de empréstimo de obras, os usuários buscam informações sobre os serviços online, como a renovação e reserva de obras e a ficha catalográfica, as normas de uso da

biblioteca, normas técnicas e similares. A Ficha Catalográfica, módulo disponível na página da Biblioteca Central, é um dos serviços mais procurados. Porém, os profissionais precisam conhecer como funciona este módulo para orientar a sua utilização.

Outro exemplo é a padronização dos trabalhos acadêmicos, visto que não há um manual próprio da UFMT e nem todos os cursos ofertam disciplinas sobre o uso das normas de publicação, o que os leva a procurar informação na Biblioteca, mas nem sempre encontram. No tocante a este serviço, compreendemos que o ideal seria que a Biblioteca Regional tivesse um setor específico para atender às dúvidas dos usuários, no caso, o Serviço de Referência.

A partir deste ponto de vista, Gelfand (1968) corrobora que o Serviço de Referência, dada a diversidade de suas atividades, deve ser executado por um bibliotecário que conheça as obras de referência e tenha a capacidade e o desejo de atender efetivamente a quem solicita seus serviços, além de conhecer perfeitamente os objetivos e programas da universidade e da biblioteca. Mas como a Biblioteca Regional possui apenas três bibliotecárias, ainda não é possível oferecer um serviço de referência efetivo.

Sobre isso, Miranda (1978, p. 7, grifo do autor) reitera que a quantidade de bibliotecários nas bibliotecas universitárias federais ainda é insuficiente em relação ao universo de usuários, sendo que “os ‘processos técnicos’ e as tarefas administrativas consomem quase todo o tempo e força de trabalho de pessoal graduado”. Desse modo, entendemos que os profissionais auxiliares precisam conhecer basicamente todos os serviços da Biblioteca e estarem aptos para orientar o usuário que a ela acorre em busca de informação.

Neste aspecto, Cecília pondera:

Eu sempre pensei dessa maneira, que aqui todos teriam que, de uma maneira simples, falar a mesma língua, todos saberem o setor, saber fazer tudo. Principalmente porque nós somos em poucos, então, se falta um, aí o outro não sabe fazer aquele serviço. Então, eu acho que a biblioteca teria que ser um setor que todo mundo sabe tudo o que tem que fazer. (Grupo de Discussão Comunicativo, Cecília, novembro, 2016).

Carlos interage com a fala de Cecília, afirmando que a admira, pois é uma funcionária que desenvolve diversas atividades sem fazer nenhuma restrição. Conta ele que:

Isso até eu já falei para outros pares, colegas, que eu admiro muito a senhora pelo tempo de instituição e ainda, assim, pensando, talvez em uma aposentadoria. Às vezes, está lá de manhã cedo guardando livro, está na chave, vai para consertar processamento técnico, material. Ali, oh, ao mesmo tempo em que nós, mais novatos, devíamos nos espelhar, porque, às vezes, a questão não é o saber fazer, é a vontade em fazer, em querer aprender, em pensar no contexto do funcionamento da biblioteca. Eu posso ajudar aqui a fazer e a gente sabe que, de repente, nem todos têm esse mesmo pensamento, aquela coisa de: “não, isso aí eu nunca fiz, eu não vou fazer, eu não vou mexer mais nisso, acabou”. Eu acho que isso atrapalha o nosso funcionamento aqui. (Grupo de Discussão Comunicativo, Carlos, novembro, 2016).

Os participantes veem Cecília como exemplo de profissional da Biblioteca, uma vez que é uma das funcionárias mais antigas, mas que exerce diversas atividades no dia a dia com muito zelo aos materiais da biblioteca e atenção aos usuários. A forma de trabalhar da colega é vista como um exemplo a ser seguido por toda a equipe, pois uma equipe corretamente direcionada alcançará maior eficiência em favor do ensino e da formação (GELFAND, 1968).

Apresentamos, na sequência, a síntese das dimensões exclusoras e transformadoras levantadas pelo grupo de participantes e a pesquisadora:

a) Síntese das dimensões exclusoras

- Desconhecimento dos profissionais acerca das fontes de informação eletrônicas que podem ser orientadas pela biblioteca, assim como possibilitar o seu acesso (Portal de Periódicos Capes, Repositórios Institucionais, Bases de dados como ABNT Coleção etc.);
- Atribuição aos livros como os únicos recursos da biblioteca destinados à formação acadêmica;
- Invisibilidade da gestão universitária para com a biblioteca, no tocante à constante insuficiência e/ou inadequação de seus equipamentos, tanto de uso dos profissionais na execução dos serviços quanto os de uso da comunidade acadêmica, que, ao utilizar um computador ou a internet Wi-Fi e estes não funcionarem, direcionam as reclamações aos profissionais da biblioteca;

- Ausência de interação entre o Câmpus Universitário da UFMT e a Biblioteca Regional no que concerne à disponibilização de informações sobre o funcionamento da universidade;
- Lacuna na padronização dos serviços, pois nem todos os profissionais executam todos os serviços de informação oferecidos pela Biblioteca Regional, por falta de conhecimento geral quanto ao funcionamento da biblioteca, acarretando em falhas no atendimento;
- Falta de conhecimento na operação do Sistema Pergamum. Os profissionais que não sabem operar todas as funções do Sistema acabam não atendendo todas as solicitações do usuário satisfatoriamente, assim como não conseguem resolver problemas inerentes ao sistema. Todos os processos da biblioteca são realizados via sistema, desse modo, todos os profissionais necessitam realizar um curso para operar o Sistema Pergamum.

b) Síntese das dimensões transformadoras

- A biblioteca universitária é importante para os estudantes durante todo o percurso acadêmico, visto que a construção do conhecimento excede o conteúdo de sala de aula;
- Os pais de alunos que visitam a biblioteca demonstram compreender a importância desta na formação acadêmica (compreensão de parte da sociedade);
- Os treinamentos de usuário oferecidos pela biblioteca e procurados pelos cursos demonstram um avanço na concepção da biblioteca como instrumento de formação por parte da comunidade acadêmica;
- A Biblioteca Regional deve ser uma unidade de informação conectada com o que acontece no Câmpus, disponibilizando informações diversas relacionadas ao funcionamento da universidade;
- Todos os profissionais devem saber quais são os serviços de informação oferecidos pela Biblioteca Regional e executá-los.

5.3 Relação entre o papel da biblioteca universitária e a formação acadêmica

Ao discutirmos as concepções de biblioteca universitária e de formação acadêmica separadamente, os participantes tiveram a impressão de que a concepção sobre “a relação entre o papel da biblioteca universitária e a formação

acadêmica” se tratava do mesmo assunto dos eixos anteriores. Todavia, eles ampliaram a discussão, explanando que:

Eu acho assim, para expandir um pouco: a biblioteca, o papel dela na formação acadêmica, é fazer uma ponte entre o que o aluno vê em sala de aula e ele precisa expandir. Porque, às vezes, em sala de aula o professor não consegue passar tudo o que ele precisa. Não sei se eu estou colocando certo, mas, assim, aí ele indica a bibliografia e aí o aluno vem para a biblioteca estender o conhecimento dele naquele assunto. Então, para mim, a biblioteca é essa ponte entre o saber da sala de aula e o que o aluno busca fora dela, para complementar o que ele aprendeu em sala de aula. É, porque sabemos que em sala de aula o tempo é curto, às vezes não dá, por isso os alunos e professores têm que complementar [essa formação]. Então o aluno busca, ele vem para a biblioteca para fazer essa complementação do saber. (Grupo de Discussão Comunicativo, Rachel, novembro, 2016).

Preenche a lacuna da teoria colocada em sala. (Grupo de Discussão Comunicativo, Carlos, novembro, 2016).

É, até porque, na verdade, assim, eu acho que até o conceito mesmo de universidade não é dar tudo pronto, é fazer o aluno começar a pensar e ir atrás do conhecimento e muitas coisas são incompletas mesmo na formação, e só na prática profissional, depois, também, que ele vai acabar aprendendo. E a gente está sempre aprendendo, está sempre precisando ampliar. Buscando no dia a dia. (Grupo de Discussão Comunicativo, Adélia, novembro, 2016).

Eu acho que a biblioteca, ela sedimenta, então, a formação acadêmica. (Grupo de Discussão Comunicativo, Rachel, novembro, 2016).

Os participantes reiteram que a biblioteca é um complemento na formação acadêmica, considerando que o conteúdo visto em sala de aula não é suficiente para obter uma formação adequada, sendo necessário que, durante o percurso acadêmico, estudantes e professores busquem ampliar o saber consultando outras fontes de conhecimento, principalmente as disponibilizadas pela biblioteca universitária. Ademais, destacam que no ensino superior os estudantes devem pensar sobre as questões inerentes à sua formação, procurando expandir o conhecimento acerca dela, não ficando limitados ao conteúdo repassado em sala de aula e lembrando-se de que em toda a vida profissional será necessária a formação contínua.

Assim, conforme Gómez Hernández e Licea de Arenas (2005), com a inovação tecnológica e as constantes mudanças nas formas de acesso e produção do conhecimento, é essencial aos indivíduos aprender continuamente, tanto no local de trabalho como mediante retorno ao sistema educativo formal, sendo de suma importância o aporte das bibliotecas.

Contudo, é sabido que muitos estudantes não utilizam a biblioteca durante o curso, pois, ao solicitarem o pedido de “Nada Consta”¹⁰ na Biblioteca, não possuem nenhum histórico de empréstimo de obras. Aliás, os participantes declaram conhecer inúmeras pessoas graduadas pela UFMT que nunca frequentaram a biblioteca. Sobre isso Destro (1996, p. 39) pontua que “o aluno já chega à universidade um não-leitor e não-usuário da biblioteca” e Orera Orera (2005) assinala que, em geral, os estudantes são sujeitos passivos que aprendem fundamentalmente assistindo as aulas e, quando muito, estudando a bibliografia recomendada pelo professor e seus apontamentos. Assim, se muitas pessoas não possuem o hábito da leitura e o método de ensino também não as incentiva, compreendemos que a biblioteca realmente tem pouca importância na formação acadêmica.

Apesar disso, os participantes avaliam que:

A biblioteca é um caminho, mas a gente tem meios virtuais, tem aquele aluno que tem condições de comprar o seu livro, estudar no seu próprio livro. Porque a biblioteca, ela atende muito, também, esses alunos, que não têm condições de comprar. Esses livros de Medicina que a gente tem aqui, a gente tem bibliografias caríssimas. Então a biblioteca é um meio, mas às vezes não é o meio que agrada a todos, né? Tem pessoas que vão buscar outros meios para conhecer. (Grupo de Discussão Comunicativo, Rachel, novembro, 2016).

Porque agora a facilidade da internet, que acha tudo na internet, é claro que não é igual ao livro. Porque eu mesmo já achei muito assunto que não era verdadeiro. Então, tem isso também, mas só que a biblioteca auxilia mesmo, e o professor também, ele precisa da biblioteca, precisa dos livros da biblioteca para também ajudar ele a desenvolver a aula dele. (Grupo de Discussão Comunicativo, Cecília, novembro, 2016).

E a gente sabe que tem assim, tanto a questão de o aluno buscar o conhecimento, mas, às vezes, tem professores que orientam o aluno a vir na biblioteca em busca de um material que não tem. Então, às vezes, o próprio professor ele não está sabendo o que nós dispomos,

¹⁰ Certidão negativa de débito na biblioteca.

o que a coordenação coloca. (Grupo de Discussão Comunicativo, Carlos, novembro, 2016).

Para os participantes, dentre os motivos pelos quais muitos estudantes não utilizam a biblioteca estão: a facilidade no acesso à informação eletrônica, a oportunidade que alguns estudantes têm em possuir os seus próprios livros e, ainda, aqueles que buscam outras formas de obter o material, como a reprografia, já que não encontram no acervo da biblioteca as bibliografias indicadas pelos professores. Neste aspecto, a biblioteca parece ser mais utilizada por aqueles que realmente necessitam emprestar os livros e não têm condições de comprar, sem contar que os demais recursos informacionais também parecem inutilizados por muitos estudantes.

De outro modo, é comum que os docentes preparem o material bibliográfico de suas disciplinas e disponibilizem aos estudantes. Esta ação, embora possa facilitar a vida de ambos, inviabiliza o exercício da pesquisa e o processo de construção e produção do conhecimento é descontinuado. Logo, compreendemos que a biblioteca será um instrumento de formação somente quando houver um maior incentivo à prática da pesquisa acadêmica, na qual os estudantes utilizarão os seus recursos de forma mais completa.

Os participantes da pesquisa apontam, também, certo desconhecimento sobre a Biblioteca Regional por grande parte dos docentes do Câmpus, quando, por exemplo, indicam aos seus alunos obras que não existem no acervo da biblioteca ou existem em número insuficiente para atender a todos igualmente, o que gera o descontentamento dos alunos e críticas à qualidade do acervo da biblioteca.

Com referência ao acervo, salientamos que as bibliotecas da UFMT ainda não possuem uma política de desenvolvimento e gestão de coleções e recursos informacionais. Portanto, a seleção do material bibliográfico tem sido feita pelos departamentos e seus docentes, os quais encaminham a lista à biblioteca do seu Câmpus para a realização dos trâmites de aquisição. Contudo, ainda há falhas nesse processo, pois nem sempre o acervo atende às necessidades dos estudantes.

A esse respeito, assinala Carlos:

E o aluno chega aqui com a listinha: “olha, o professor me indicou”. Mas esse não tem, não consta aqui. Então, às vezes, o papel do aluno é buscar, sim, mas o professor também tem que estar na ponta, sabendo o que indicar e sabendo se tem esse material, se tem um quantitativo adequado para aquela turma que ele está gerindo,

digo um quantitativo de livros. Porque tem cinco exemplares, às vezes um está danificado, a turma tem quarenta [alunos], vai atingir o objetivo dele em passar aquele conhecimento? Então, assim, é um pouco relativo. (Grupo de Discussão Comunicativo, Carlos, novembro, 2016).

Neste aspecto, Amante (2007) observa a importância da parceria entre docentes e bibliotecários, principalmente na elaboração de bibliografias, embora isso ainda não seja realidade nas bibliotecas da UFMT. Os participantes relatam, ainda, que os docentes não atualizam os títulos em suas listas de aquisição. Muitos títulos solicitados estão esgotados, outros estão repetidos, pois a biblioteca já os possui em quantidade adequada (conforme os padrões de avaliação do MEC), o que demonstra o desconhecimento do acervo em sua área de conhecimento.

Assim, argumentam Rachel e Carlos:

Às vezes é necessário atualizar e eles não atualizam os pedidos de compra. (Grupo de Discussão Comunicativo, Rachel, novembro, 2016).

Então quem orienta a busca do livro ou de algum material também tem que ter esse conhecimento da existência dele aqui. (Grupo de Discussão Comunicativo, Carlos, novembro, 2016).

Reiteramos que, embora a gestão da coleção seja uma atividade inerente às bibliotecas, na UFMT, o processo de seleção, aquisição e descarte de materiais não ocorre somente pela via das bibliotecas e seus bibliotecários, pois estes não possuem tal autonomia.

Neste âmbito, a concepção dos participantes sobre a relação da biblioteca universitária e a formação acadêmica está imbricada ao acesso dos estudantes aos livros disponíveis no acervo da biblioteca, semelhantemente ao que nos referimos no eixo anterior. Entretanto, atribuímos a esta concepção o fato de que, basicamente, o que a Biblioteca Regional oferece, em termos de serviços, é o empréstimo de livros e o espaço para leitura e estudo, o que é considerado insuficiente se levarmos em consideração a diversidade de serviços informacionais disponibilizados atualmente por muitas bibliotecas universitárias públicas no Brasil.

Por isso, a relação entre a biblioteca universitária e a formação acadêmica, na concepção dos participantes deste estudo, acaba limitando-se ao serviço de empréstimo, pois é o serviço mais utilizado pelos estudantes. Assim, mesmo que a Biblioteca Regional ofereça outros serviços de informação (citados na seção 3.5, p.

56), a visibilidade maior da sua atuação está no empréstimo domiciliar e na consulta local ao acervo.

Ao discutirmos a diversidade de serviços de informação que poderiam ser oferecidos pela Biblioteca Regional se existissem os recursos necessários, os participantes enfatizaram que a falta de formação em serviço para os profissionais contribui para que a Biblioteca fique estacionada nos serviços básicos, visto que os servidores técnico-administrativos não possuem conhecimento específico na área de biblioteca universitária, atuando tão somente nas atividades cotidianas a eles delegadas.

Adélia concentra a concepção do grupo, ao dizer:

É aí que falta um direcionamento, esses dias a gente estava conversando informalmente e, na verdade, a gente vem de outras formações acadêmicas e não existe nenhum estímulo para nos aprofundar [no conhecimento profissional]. Porque, assim, até mesmo na nossa progressão, fazemos o curso que queremos, entende? Não tem diferença nenhuma se eu me dedicar a fazer um curso na área de biblioteca ou se eu vou fazer um curso na área de economia. Quer dizer, não tem diferencial, não existe um incentivo também. [...] A gente vem de um concurso, mas ninguém se importou de nos receber, vamos dizer assim, de nos dar um suporte. E eu realmente não acredito que pela diferença de graduação eu não pudesse trabalhar na biblioteca. Eu acho que eu poderia ser um elemento importante dentro da biblioteca se eu fosse qualificada também para poder atuar. E não só no atendimento, porque atendimento é o básico, mas assim, se a gente quer melhorar, se a gente quer ampliar, se a gente quer ir para frente a gente precisa se preparar também. (Grupo de Discussão Comunicativo, Adélia, novembro, 2016).

Narram os participantes que não há incentivo da UFMT para aprimorar o conhecimento na área profissional, ou seja, os cursos de capacitação oferecidos aos servidores técnico-administrativos não possuem ligação com o setor em que trabalham. Os profissionais concursados há dois anos, Adélia e Carlos, reclamam que não receberam nenhuma formação da UFMT quando ingressaram na Biblioteca Regional, sendo apresentados ao ambiente de trabalho pelos próprios colegas.

Como já exposto, os quatro participantes possuem nível superior em áreas diversas, porém, para eles, esse fato, por si só, não os impede de trabalhar na biblioteca, mas a formação em serviço é de extrema necessidade para que possam aprimorar o conhecimento no campo profissional e desenvolver atividades outras que não apenas o atendimento nos setores de circulação e acervo. Além disso,

possibilitaria que se desenvolvessem profissionalmente. Igualmente, Gelfand (1968), sublinha que o principal problema das bibliotecas universitárias consiste em obter o número necessário de bibliotecários capacitados assim como organizar a formação de pessoal auxiliar administrativo. Para o autor, um pessoal auxiliar bem orientado permitirá alcançar maior eficácia no serviço, uma vez que haverá melhor utilização dos profissionais no interesse do ensino, da formação e do estudo.

Devido aos problemas estruturais que a Biblioteca Regional enfrenta, como, por exemplo, o número insuficiente de profissionais, a falta de formação em serviço e falta de integração na universidade, os participantes consideram também a falta de parceria dos cursos, no sentido de desenvolver projetos que melhorem a sua estrutura, principalmente no que tange ao curso de Biblioteconomia.

Na percepção de Adélia:

Todos os cursos são mal utilizados. Nós temos o curso de Engenharia, o curso de Psicologia, o curso de Educação [Pedagogia], que poderiam fazer ações dentro da biblioteca que nos ajudariam para melhor e ninguém se interessa. E a Biblioteconomia mais ainda, a gente vê um aluno de Biblioteconomia aqui e é perdido, é mais perdido às vezes do que um de Administração. Porque os alunos do curso de Administração estão sempre aqui e eles se acham. Às vezes o de Biblioteconomia vem perguntar coisas que o de Administração não vem perguntar, não. (Grupo de Discussão Comunicativo, Adélia, novembro, 2016).

Destacamos que a Biblioteca Regional conta com alguns estudantes de diversos cursos que atuam como estagiários remunerados. O programa de estágio não é constante, pois depende dos recursos financeiros da UFMT. Assim, os participantes relatam que, na maioria das vezes, os estagiários do curso de Biblioteconomia possuem mais dificuldade em entender o funcionamento da Biblioteca do que os demais estagiários. Além disso, nenhum projeto dos cursos, envolvendo a biblioteca, foi constatado por eles durante o seu tempo de serviço, nem mesmo do curso de Biblioteconomia.

Com relação a isso, Rachel pontua:

Às vezes, até o estagiário de Biblioteconomia que trabalha na biblioteca tem dificuldade de alocar um livro no lugar certo. E, assim, [o curso] deveria dar outras contribuições. (Grupo de Discussão Comunicativo, Rachel, novembro, 2016).

Nesta perspectiva, Ranganathan (2009, p. 292) entende que a participação de estudantes do curso de Biblioteconomia nas atividades da biblioteca é indispensável, considerando que “na capacitação para o trabalho em bibliotecas, são muitas as tarefas práticas, de observação e familiarização com o mundo dos livros em geral e com a estrutura e as idiosincrasias das obras de referência e instrumentos bibliográficos em particular”, das quais nenhum estudante pode fugir, pois exigem tão somente as tarefas de aprendizagem como em qualquer outra profissão.

Ante o exposto, os participantes desta pesquisa consideram que o curso de Biblioteconomia da UFMT poderia ser mais atuante na Biblioteca Regional, desenvolvendo projetos que visem melhorar os serviços por ela oferecidos, atuar na formação da sua equipe de profissionais e, conseqüentemente, ampliar a formação dos futuros profissionais bibliotecários.

Com base nisso, trazemos a síntese das dimensões exclusoras e transformadoras levantadas pelo grupo de participantes e a pesquisadora:

a) Síntese das dimensões exclusoras

- A relação entre a biblioteca universitária e a formação acadêmica está diretamente ligada ao acesso dos estudantes aos livros disponíveis no acervo da biblioteca e ao seu empréstimo;
- Os demais serviços de informação oferecidos pela Biblioteca Regional possuem pouca aplicação na formação acadêmica, devido à falta de formação dos profissionais no campo dos recursos informacionais;
- Muitos estudantes concluem a graduação sem utilizar a biblioteca por diversos motivos, mas, provavelmente, o principal motivo seja a falta de cultura em frequentar bibliotecas;
- Parte dos estudantes busca a biblioteca somente para emprestar obras indicadas pelos professores em sala de aula;
- Alguns docentes não conhecem o acervo da Biblioteca Regional em sua área de conhecimento;
- Falta de formação em serviço para todos os profissionais da Biblioteca Regional;
- Ausência de parceria dos cursos com a Biblioteca Regional, especialmente do curso de Biblioteconomia, que poderia realizar atividades de formação da equipe, implantação de novos serviços de informação e/ou melhorar os

serviços oferecidos, desenvolver nos estudantes o gosto pelo trabalho nas bibliotecas.

b) Síntese das dimensões transformadoras

- A biblioteca universitária é um complemento na formação acadêmica, onde o estudante busca ampliar o conhecimento visto em sala de aula;
- A biblioteca universitária oferece suporte informacional também aos docentes;
- As diferentes formações dos profissionais não impossibilita o desenvolvimento do trabalho da biblioteca, mas é necessário e urgente receberem formação na área de biblioteca universitária.

5.4 Relação entre a ação do profissional da biblioteca universitária e a formação acadêmica

Conforme já mencionado no início da análise, os servidores técnico-administrativos participantes revelaram que até participarem desta pesquisa não haviam refletido sobre a relação entre a sua função profissional e a formação acadêmica, sendo esta pesquisa um primeiro momento de interação e reflexão ao seu papel como profissionais da biblioteca na formação acadêmica.

Apesar de serem servidores técnico-administrativos em Educação, os participantes não se enxergam como educadores, efetivamente, de modo que, para serem educadores, consideram que necessitariam desenvolver atividades concernentes ao papel de educador, atribuindo a essa concepção a ausência de discussões, na UFMT, sobre o papel de cada trabalhador no contexto da universidade, não somente o dos docentes.

Neste aspecto, expõe Rachel:

Não [me vejo] como educadora, não. Eu me enxergo como facilitadora. Até hoje eu fui facilitadora, não tinha conhecimento para ir além disso. Eu acho que tem muita coisa que a gente pode fazer, mas a gente, muitas vezes, nem sabe. Primeiro, que nem sabemos a importância da gente aqui, não sou a única, eu acho que a maioria não sabe, não sei se alguém tinha essa consciência. Eu não tinha, sinceramente. Aí, eu acho que a maioria dos outros colegas, que não estão aqui – e que era para estar – também não têm esse conhecimento, porque eu estou aqui tem quatro anos e eu nunca ouvi uma conversa aqui sobre isso. Então, eu acho que todo mundo é trabalhador, e nesse atendimento eu me enxergo como facilitadora

para o aluno se encontrar, encontrar o que ele busca. (Grupo de Discussão Comunicativo, Rachel, novembro, 2016).

Desta forma, os profissionais da Biblioteca Regional percebem-se como facilitadores na formação dos estudantes, considerando que o trabalho que desenvolvem, até o presente momento, está voltado para a mediação dos serviços e produtos de informação oferecidos pela Biblioteca à comunidade acadêmica.

Adélia complementa o argumento de Rachel:

Eu também concordo, assim, eu acho que para ser educador, nós teríamos que ter outra postura. Apesar de que educador, hoje, é uma palavra que se usa de uma forma bem mais ampla do que se pensava anteriormente. Hoje em dia as pessoas que estão diretamente relacionadas com o educando, vamos dizer assim, são educadores. Então não sei dizer se é porque eu gosto muito da área de Psicologia, então, às vezes, eu ouço muita coisa a respeito, e eu gosto de ter ouvido bastante sobre educadores, assim, de renome nacional também, entrevista etc. E assim, hoje parece que a visão ampliou bastante, que é a questão assim, a escola, todos que trabalham na escola e aqui na universidade, seriam educadores. Mas eu acho que falta ainda uma postura nossa para realmente merecer esse nome. (Grupo de Discussão Comunicativo, Adélia, novembro, 2016).

Mas entra naquela questão da construção, é um papel que tem que ser construído. (Grupo de Discussão Comunicativo, Rachel, novembro, 2016).

Os participantes reiteram não possuir conhecimentos profissionais na área de Biblioteconomia para desenvolverem outras atividades ou serviços de informação além daqueles que desenvolvem em seu cotidiano. Ao ingressarem na Biblioteca, relatam, as atividades a serem desenvolvidas foram – e ainda são – repassadas pela gestão e/ou pelos colegas mais antigos. Não há treinamentos ou cursos para os profissionais se apropriarem dos serviços de informação e de sua importância para a comunidade acadêmica.

Além do mais, a biblioteca universitária é vista pela comunidade acadêmica como uma unidade administrativa e, automaticamente, os profissionais a ela vinculados acabam sendo direcionados a desempenharem suas atividades de forma realmente técnica, desconsiderando o papel educativo que possuem, tendo em vista que são membros de uma instituição de ensino superior e atuam em uma unidade

de informação. Tudo isso confere a estes servidores um papel de suma importância na formação acadêmica que, no entanto, não tem sido reconhecido.

Outro aspecto que distancia a concepção dos participantes com relação ao exercício de sua função e a formação acadêmica é o estigma sofrido pelos profissionais da Biblioteca Regional, já que muitos dos demais colegas da UFMT e até mesmo pessoas do seu convívio social enxergam a biblioteca como um setor de mordomia, onde os técnicos não trabalham, ou seja, os próprios pares e pessoas próximas não compreendem o papel da biblioteca universitária, rebaixando e desmerecendo o trabalho que seus profissionais executam. Esta situação acaba desmotivando os profissionais e amplifica o problema da falta de concepção que a universidade e a sociedade possuem do papel da biblioteca universitária para a formação acadêmica.

Sobre esse estigma que recai sobre os profissionais da biblioteca universitária, os participantes declaram:

E essa discussão nossa gera, em mim, pelo menos, uma coisa assim de valorização, entendeu? De sentir que eu posso mais. Pela questão, assim, porque, muitas vezes, a gente ouve muito: “ai, o que que tu está fazendo aqui na biblioteca?”, “tu devia de estar em outro setor, tu pode mais, tu tem mais potencialidade”. Às vezes, a gente ouve até, como se estar aqui fosse uma coisa tão fim de carreira, entendeu? Eu estou começando carreira. (Grupo de Discussão Comunicativo, Adélia, novembro, 2016).

E quando eu ouço que porque eu estou aqui, eu não trabalho? (Grupo de Discussão Comunicativo, Rachel, novembro, 2016).

Fora isso, né. Alguns colegas, as pessoas, acham que realmente é uma mamata. Estar na biblioteca é... mas não é. Eu acho que talvez a gente não faça tudo o que a gente poderia fazer e talvez seja isso, porque, em parte, precisa partir da gente essa mudança também. Apesar de que a gente precisa que alguém nos auxilie nesse sentido, mas assim, precisa partir da gente para também mudar a visão do resto a nosso respeito. (Grupo de Discussão Comunicativo, Adélia, novembro, 2016).

Até porque tem várias formações, né. Cada um tem uma formação, mas só que é um trabalho como qualquer outro, é um setor como outro qualquer. (Grupo de Discussão Comunicativo, Cecília, novembro, 2016).

Os atos comunicativos dos participantes demonstram que a concepção da comunidade acadêmica bem como da sociedade quanto ao papel da biblioteca

universitária faz toda a diferença no desenvolvimento de seus serviços. Especialmente se levarmos em consideração que as pessoas que não possuem entendimento a respeito da biblioteca universitária, dificilmente entenderão o papel dos seus profissionais na formação acadêmica, perpetuando, assim, a tradicional visão de biblioteca universitária como depósito de livros e de funcionários ociosos.

Concernente a essa questão, Amante (2007) assinala que todos os profissionais das bibliotecas universitárias têm que lutar cotidianamente para obter os recursos (humanos, materiais e financeiros) de que necessitam para poderem oferecer serviços de qualidade a um número crescente de usuários em um mundo cada vez mais complexo e rico em informação, sendo necessário, para isso, conseguir captar a atenção dos responsáveis pela universidade para os problemas ou sucessos da biblioteca e para os desafios que se apresentam. Nesse panorama, a biblioteca é que precisa mostrar a sua importância para a comunidade a que serve, e não o contrário.

Os participantes pontuam, além disso, que para trabalhar na Biblioteca, assim como em outros setores da universidade, os servidores técnico-administrativos devem ter o perfil do setor. Na biblioteca, os profissionais relacionam-se diretamente com os usuários, prestando-lhes os serviços e também informações diversas, por isso a comunicação é indispensável, assim como a cortesia, o entendimento de todo o funcionamento da biblioteca e aspectos gerais da universidade.

Quanto a isso, Carlos argumenta que:

Às vezes, também entra a questão do perfil da pessoa. Porque tem pessoas que podem ser excelentes em determinada função, mas ela não tem um perfil, por exemplo, para dar atendimento ao usuário, atendimento de balcão. Então, também tem isso, às vezes a pessoa está lá e talvez ela não desempenhe a contento não porque talvez ela não tenha o perfil para aquilo. Eu acho que então, talvez, assim, encaixar... a ação profissional está também um pouco ligada com encaixar as peças nos locais que vai ter um perfil mais adequado naquilo que ela... se ela é mais comunicativa, de repente ela vai para o atendimento, ou se ela é mais introspectiva, de repente ela pode ajudar de uma forma melhor em um departamento, sei lá, onde ela vai se entender melhor. Isso reflete na ação do profissional, no funcionamento da biblioteca. (Grupo de Discussão Comunicativo, Carlos, novembro, 2016).

Ainda neste aspecto, como a Biblioteca Regional é subordinada administrativamente à Pró-Reitoria do Câmpus, os serviços prestados limitam-se aos

recursos financeiros destinados a ela e, sobretudo, aos recursos humanos. Assim, novos serviços só poderão ser criados, e os já existentes, aprimorados, quando a biblioteca contar com profissionais capacitados para desenvolvê-los de forma satisfatória. Uma biblioteca com uma equipe bem formada possibilita a oferta de mais e melhores serviços de informação para a comunidade acadêmica. Desse modo, a Biblioteca Regional precisa de 21 profissionais, conforme prevê o Modelo de Avaliação das Bibliotecas Universitárias (LUBISCO, 2011).

Os participantes concordam que todos os técnicos da UFMT possuem a responsabilidade de atender bem ao público em geral, já que isto é inerente à função dos servidores públicos. Nesta ótica, mesmo que a biblioteca universitária não seja compreendida por todos da mesma forma, ela funciona como um ponto central no Câmpus ao receber diversas pessoas, diariamente, com diferentes propósitos, e, por isso, acaba sendo um cartão de visitas da universidade e a sua estrutura reflete, externamente, a estrutura da própria UFMT.

A este respeito, Carlos destaca que:

Faz parte e eu vejo que o nosso papel, aqui dentro, além do cumprimento do papel enquanto servidor, atendendo aluno, professor, usuários, a comunidade em geral, vai além do atender. O atender bem ou o atender mal gera uma visão institucional, não só da biblioteca, mas da imagem de um pedacinho da UFMT. Se fui bem atendido ou não, aí depende, claro, existem momentos que você tem que dizer não, tem coisas que não podem ser feitas, existem regras. Então, em algum momento você vai descontentar alguém, porque você talvez não vá poder fazer tudo o que ele queria. Até porque, muitas vezes, a gente tem dificuldade de recursos, mas isso já é uma outra parte. Mas eu acho que nós, como atendentes, como servidores, temos que desempenhar um papel para também passar uma imagem positiva da biblioteca dentro do âmbito acadêmico, universitário, mas também que essa imagem sirva para passar uma imagem melhorada da UFMT para a comunidade, para a sociedade. O bom atendimento aqui vai longe. (Grupo de Discussão Comunicativo, Carlos, novembro, 2016).

Nesse propósito, Silva e Araújo (2009, p. 136) corroboram o argumento de Carlos, afirmando que “[...] a qualidade dos serviços das bibliotecas só é possível através das pessoas”.

Uma questão muito importante, enfatizada pelos participantes e que interfere na concepção da relação entre a ação do profissional da biblioteca e a formação acadêmica, é a falta de recursos humanos da Biblioteca Regional. Os participantes

destacam que devido ao pequeno número de profissionais, que precisam atender simultaneamente no setor de empréstimo, no acervo e realizar outras atividades administrativas (como o cadastro de usuários, confecção de carteirinha etc.), muitas vezes o atendimento aos usuários não ocorre de forma satisfatória.

O setor de empréstimo é o setor mais movimentado da Biblioteca Regional, tendo em vista que o empréstimo de obras é o serviço mais utilizado pelos usuários. Quanto ao serviço de referência, como já dissemos, a Biblioteca Regional não o realiza efetivamente. Com a equipe de profissionais insuficiente para atender a demanda, as três bibliotecárias distribuem-se nas funções de Supervisão da Biblioteca, gestão do acervo, visitas de avaliação do MEC, treinamento de usuário e demais atividades técnicas específicas do profissional bibliotecário, além de cobrir os outros técnicos, quando ausentes por motivo de doença, férias etc.

Assim, como não existe um profissional responsável pelo serviço de referência, os técnicos e estagiários que estão no setor de empréstimo é que auxiliam o usuário no acervo, quando solicitados. As dúvidas dos usuários, que porventura não possam ser sanadas pelos servidores técnico-administrativos, são encaminhadas para as profissionais bibliotecárias.

Neste sentido, no entendimento do grupo faltam profissionais para atender, especialmente no acervo, pois os técnicos do setor de empréstimo não podem ausentar-se constantemente dali para exercer tal atendimento ou auxiliar o usuário em outras questões, conforme declara Adélia:

Às vezes o aluno nos procura, e aí entra na questão da falta de recursos humanos. Muitas vezes, nós estamos em uma situação que nós não temos como dar atenção àquilo que o aluno está perguntando, está pedindo, está precisando, pela questão de falta de recursos humanos, porque se estamos sozinhos em um setor não temos como sair do setor [atendimento] para dar atenção para aquele aluno. E, assim, o aluno que não recebe atenção, não volta mais para pedir, porque ele está vendo que não vamos responder a ele. Já houve várias situações que o aluno pediu alguma coisa e eu tive que fazer o que estava no meu alcance, tudo o que dava para fazer naquele momento. Até para localizar um livro, se estamos sozinhos no empréstimo, não temos como sair dali, abandonar para ir ao acervo auxiliar o aluno. Então, nessas situações, o que faço para auxiliar é localizar no computador do setor e explicar para o aluno onde é mais ou menos a estante. Isso não é um atendimento pleno, porque às vezes o aluno vai chegar lá e ainda vai ter dificuldade de encontrar [o livro]. Então, a parte de recursos humanos influencia nesse mau atendimento. (Grupo de Discussão Comunicativo, Adélia, novembro, 2016).

O grupo entende que não é a quantidade de pessoas que prioritariamente torna o atendimento bom ou ruim na biblioteca e sim a formação dos profissionais na área de serviços de informação e a sua afinidade com o atendimento ao público. É certo que, no momento da coleta de dados, uma equipe de 15 profissionais, que se dividiam em três turnos de trabalho e sem formação em serviço, realmente não poderia prestar o melhor atendimento e nem ampliar o espectro de serviços oferecidos.

Já com relação ao número insuficiente de servidores técnico-administrativos, o PDI da UFMT, analisado anteriormente, não explicita como são formadas as equipes das bibliotecas, nem prevê programas de capacitação para os seus profissionais. Todavia, o problema da insuficiência de pessoal da biblioteca universitária e de sua inadequada capacitação também foi constatado por Sepúlveda (2002), em pesquisa realizada na Espanha e América Latina, evidenciando o quanto o trabalho educativo das bibliotecas é ignorado nas instituições de ensino superior em diversos lugares do mundo.

A insuficiência do contingente humano para atender a demanda dos usuários acarreta na insatisfação destes com relação aos serviços da biblioteca: uma vez que se sintam perdidos, desassistidos ou ignorados, é comum que não mais voltem a utilizá-la. Aliás, é notório que, se muitos estudantes que já não possuem grandes referências sobre a biblioteca universitária, quando vão até ela sem conhecer o seu funcionamento, sem saber pesquisar no catálogo e buscar o livro na estante (exemplificando um serviço básico de informação) e não recebem orientação alguma, a sua visita será frustrante e acabará por fortalecer a visão negativa dos serviços e do pessoal da biblioteca.

Também para Sepúlveda (2002) o maior problema das bibliotecas universitárias se refere aos recursos humanos, insuficientes na maioria das bibliotecas investigadas. A autora observa que houve o desenvolvimento dos recursos de informação e materiais, mas o número de pessoal tem diminuído, o que leva à deficiência dos serviços e gera consequências, como problemas de saúde do pessoal, em virtude da sobrecarga de trabalho.

No que tange à formação da equipe, Sepúlveda (2002) considera indispensável a existência de uma política de capacitação institucional para poder realizar, de forma adequada e constante, o aperfeiçoamento do pessoal das

bibliotecas universitárias, algo que nunca foi oferecido à equipe da Biblioteca Regional.

Como já mencionado, os estudantes que participam dos treinamentos de usuário possuem mais condições de utilizarem os serviços da Biblioteca. Porém, além do treinamento de usuário é de extrema importância a alfabetização informacional da comunidade acadêmica, a qual compreenderia, de modo integral, o ensino-aprendizagem das competências para acesso e uso da informação, com o objetivo de adquirir conhecimento e transmiti-lo (GÓMEZ HERNÁNDEZ; LICEA DE ARENAS, 2005).

Entretanto, para que os treinamentos de usuário aconteçam com frequência, alcançando a todos os usuários da Biblioteca e para que ocorra a implantação da alfabetização informacional, é urgente tanto a adequação da equipe da Biblioteca Regional, por meio da contratação de mais bibliotecários e auxiliares de biblioteca, bem como o investimento na sua formação, afinal, em consonância com o grupo, os profissionais da biblioteca necessitam de formação em serviço para que melhor desenvolvam suas atividades, visando contribuir para a formação acadêmica.

Para além do âmbito da comunidade acadêmica da UFMT, os participantes preocupam-se com as pessoas da comunidade externa que desconhecem a existência de uma biblioteca universitária na cidade, tendo em vista que a Biblioteca Regional se constitui na maior biblioteca universitária pública do Sul de Mato Grosso, disponibilizando espaço para leitura, consulta local ao acervo e laboratório de informática a todos os usuários, representando, dessa forma, um serviço educativo e o compromisso das bibliotecas com a aprendizagem dos cidadãos (GÓMEZ HERNÁNDEZ; LICEA DE ARENAS, 2005).

Acerca disso, Adélia cita o seguinte exemplo:

É, eu acho que isso é uma questão, assim, até cultural do país, né. Porque eu lembro de uma vez que umas meninas, eu não sei se era Ensino Fundamental ou Ensino Médio, me perguntaram se havia biblioteca em Rondonópolis, aí eu citei as que eu conheço e elas falaram: “ah, eu não sabia”, entende? A pessoa mora na cidade, ela perguntou de museu também, se tinha museu e eu disse: “olha, que eu conheço tem o [Museu] Rosa Bororo”. Então, assim, essa falta cultural também. Eu fiz o meu ensino em escola estadual e tinha biblioteca, eu era ratinha de biblioteca, eu adorava ficar na biblioteca, toda a semana eu pegava livros para ler, porque eu gostava. Mas, assim, tem muita gente que provavelmente nunca tenha entrado [em

uma biblioteca], assim como aqui. (Grupo de Discussão Comunicativo, Adélia, novembro, 2016).

É importante ressaltar que algumas escolas públicas levam suas turmas de alunos para conhecerem a Biblioteca Regional, no entanto, como as turmas são grandes, os alunos acabam dispersando-se, não sendo possível apreender todos os recursos existentes na biblioteca em uma única visita. Mesmo assim, esta iniciativa das escolas é bastante relevante, pois insere os futuros universitários no ambiente da biblioteca.

Quanto ao comportamento dos usuários da Biblioteca Regional, Carlos sugere que a UFMT poderia ofertar cursos relacionados ao zelo com os bens públicos, considerando que muitos deles danificam livros e equipamentos da biblioteca impunemente, restando aos profissionais da biblioteca adverti-los e nada mais.

Para Carlos,

Na questão da ação profissional também seria papel da universidade colocar... ela oferece tantos cursinhos, tantas pautas que se colocam no [âmbito] universitário. Eu vejo que também, assim, talvez até pela minha formação eu não vejo assim com tanta relevância, mas eu acho que às vezes um curso sobre zelo com a coisa pública. A gente sabe que aqui tem livros novos se desmanchando por mau cuidado, não é aquela perspectiva que nem a Célia falou, o aluno levou da periferia, usou, devolveu. O aluno tem entendimento que aquele livro, além do uso que ele fez, ele vai servir para o outro, conservar bem, entregar direitinho. Então, assim, eu acho que a nossa ação profissional dentro da inserção, da formação também passa por... não sei se é papel da instituição, conscientizar o zelo com a coisa pública, o zelo com o material, o zelo com o prédio. Arrancar a tomada e levar embora, sei lá, você está entendendo? Eu acho que, assim, eu não sei se seria ação nossa, profissional, ficar coibindo isso, mas eu acho que é cultural, que nem ela falou, então, por que não se trabalhar isso também na perspectiva aqui do nosso material que nós temos? Zelo com o material, que pode ser velhinho, mas ele está ali. (Grupo de Discussão Comunicativo, Carlos, novembro, 2016).

Para Carlos, muitos estudantes não possuem um entendimento acerca da preservação do patrimônio público, que deve ser zelado por todos. Assim, além da formação em serviço para os profissionais, ele percebe também a necessidade de uma formação dos estudantes com relação ao uso do espaço e materiais públicos.

Outro elemento apontado e que dificulta o trabalho dos profissionais é a falta de segurança do acervo da Biblioteca Regional, já que não há controle de saída dos livros, o que facilita a saída de usuários com livros sem registro de empréstimo. Essa prática é comum no cotidiano da Biblioteca e prejudica os demais alunos que precisam emprestar os livros e não os encontram nas estantes.

Por fim, a relação entre a ação do profissional da biblioteca universitária e a formação acadêmica está diretamente ligada aos significados atribuídos pela gestão da UFMT, pela comunidade acadêmica, pela equipe de técnicos da Biblioteca Regional e pela sociedade ao papel da biblioteca como instrumento na formação acadêmica. Além disso, a estrutura organizacional da Biblioteca Regional, tal como observada no período da pesquisa, colabora para a construção desses significados tanto por parte dos profissionais da Biblioteca quanto dos demais envolvidos.

A seguir, assinalamos a síntese das dimensões exclusoras e transformadoras elaboradas pelos participantes e a pesquisadora:

a) Síntese das dimensões exclusoras

- Antes da participação na presente pesquisa, os participantes não haviam refletido sobre a relação entre a ação do profissional da biblioteca e a formação acadêmica;
- A concepção da comunidade acadêmica e da sociedade acerca da biblioteca universitária limita-se a uma unidade administrativa, desconsiderando o papel educativo da mesma e dos seus profissionais;
- A visão tradicional da biblioteca universitária como depósito de livros, por parte de membros da comunidade acadêmica e da sociedade, também influencia negativamente a construção dos significados com relação à ação do profissional da biblioteca e a formação acadêmica;
- A insuficiência de profissionais atuante na Biblioteca Regional implica na sobrecarga de trabalho da equipe e na execução de serviços insatisfatórios para o usuário, pela impossibilidade de atender a todos, igualmente, em dois setores (empréstimo e acervo);
- A escassez de profissionais acarreta na construção dos significados atribuídos por eles com relação ao desenvolvimento de serviços de informação além dos existentes na Biblioteca Regional, considerados serviços básicos;
- A falta de formação em serviço na área de Bibliotecas Universitárias contribui para a ausência de significados do papel do profissional da biblioteca na

formação acadêmica, à medida que os profissionais desempenham atividades técnicas e corriqueiras, não sendo possível, até o momento da coleta de dados, pensar na contribuição de seu trabalho na formação acadêmica.

b) Síntese das dimensões transformadoras

- Os participantes consideram-se facilitadores da formação acadêmica, através do trabalho desenvolvido na Biblioteca Regional;
- Acreditam que poderiam desenvolver atividades na Biblioteca Regional mais direcionadas à formação acadêmica se recebessem formação para tal;
- As diferentes formações profissionais dos técnico-administrativos contribuem para o incremento das atividades da biblioteca, uma vez que surgem ideias e novas formas de otimizar o trabalho da biblioteca.

Os significados atribuídos pelos profissionais da Biblioteca Regional à relação entre o exercício de sua função e a formação acadêmica podem ser identificados a partir da análise realizada. As dimensões transformadoras e exclusoras, extraídas dos atos comunicativos dos participantes desta pesquisa, demonstram que estes compreendem o papel da biblioteca universitária para a formação acadêmica, contudo, falta-lhes um entendimento mais abrangente sobre os serviços de informação por ela oferecidos e desenvolvidos pelos seus profissionais para que a biblioteca se efetive como um instrumento de formação.

Tendo em vista o que foi até aqui exposto, apresentamos, a seguir, as considerações finais da presente pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já exposto nos objetivos da pesquisa, buscamos analisar as percepções dos profissionais da Biblioteca Regional quanto à relevância das atividades por eles desenvolvidas e a sua importância para a comunidade acadêmica; compreender como estes profissionais constroem os significados de sua função na sua relação com a formação acadêmica e realizar, intersubjetivamente, a partir da análise dos dados, uma discussão acerca do que poderão construir quanto ao trabalho que exercem na Biblioteca Regional.

Sendo assim, nosso estudo foi norteado pela Metodologia de Investigação Comunicativa, na qual, a pesquisa é construída com base na horizontalidade das discussões, no diálogo igualitário e no conhecimento dos participantes a respeito do objeto. Para tanto, utilizamos como técnica de coleta de dados o grupo de discussão comunicativo, em que pesquisadora e participantes explanaram seus conhecimentos relativos ao objeto de estudo e interpretaram as informações coletadas de forma intersubjetiva, o que possibilitou a compreensão do papel da biblioteca universitária bem como do papel dos seus profissionais na formação acadêmica.

O referencial teórico buscou destacar a importância da biblioteca universitária no contexto da educação superior, considerando o seu potencial de mediadora da informação e do conhecimento, enfatizando o papel indispensável dos seus profissionais, bibliotecários e auxiliares de biblioteca. Dessa maneira, nos dedicamos, inicialmente, aos conceitos de educação, formação e conhecimento, para, em seguida, adentrarmos o espaço da educação superior, berço das bibliotecas universitárias.

A partir daí, apresentamos o cerne destas instituições, os serviços de informação desenvolvidos para auxiliar a formação acadêmica bem como a formação em geral, reiterando a importância de seus profissionais neste processo.

No âmbito das políticas educacionais, analisamos, de modo geral, a posição das bibliotecas universitárias nas políticas de ensino superior, que aparecem somente como item da infraestrutura da universidade nos instrumentos de avaliação dos cursos, não havendo, nestas políticas, referências à utilização das bibliotecas como subsídio à formação e à produção do conhecimento na educação superior. Institucionalmente, buscamos identificar qual é o lugar ocupado pelas bibliotecas universitárias no PDI da UFMT, destacando a preocupação da universidade com o

acervo bibliográfico e nenhuma referência ao papel de seus profissionais no desenvolvimento de serviços informacionais indispensáveis à formação acadêmica.

Neste contexto, os capítulos teóricos tiveram a finalidade de mostrar a relevância das bibliotecas universitárias e de seus profissionais no percurso acadêmico, durante o qual muitas descobertas são feitas e pesquisas são realizadas, necessitando, deste modo, do aporte informacional provido por essas instituições.

Por essa razão, discutidos alguns aspectos e problemas que permeiam as bibliotecas universitárias, especialmente as públicas. Apresentamos a Biblioteca Regional da UFMT/Câmpus de Rondonópolis, local da pesquisa, e, em seguida, nos direcionamos para a análise da percepção de seus profissionais no que tange à relação existente entre as atividades por eles desenvolvidas e a formação acadêmica, partindo do pressuposto de que a biblioteca universitária, como centro intelectual da universidade, ao disponibilizar informação e mediar o conhecimento, necessita de profissionais capacitados para isso, tendo em vista que não basta possuir um bom acervo bibliográfico, pois os livros, sozinhos, não alcançam o usuário.

Salientamos, também, a existência de um curso de Biblioteconomia no Câmpus, sendo a Biblioteca Regional o mais expressivo laboratório para os graduandos do curso. Consideramos, dessa maneira, que os significados atribuídos pelos profissionais, concernentes ao papel da biblioteca na formação acadêmica, influenciam os estudantes do curso, futuros bibliotecários.

Vale lembrar que a pesquisa de campo realizou-se com a participação de quatro servidores técnico-administrativos em Educação da Biblioteca Regional, os quais desenvolvem atividades de auxiliar de biblioteca, embora não possuam formação específica para essa função. A análise das informações coletadas, realizada de forma intersubjetiva entre pesquisadora e participantes, permitiu alcançar o entendimento do grupo acerca do tema da pesquisa, assim como identificar problemas e dificuldades encontradas pelos participantes na compreensão do papel da biblioteca universitária como instrumento para a formação acadêmica.

Dessa maneira, após a análise dos atos comunicativos referentes a cada um dos temas discutidos nos grupos, pesquisadora e participantes realizaram a síntese das dimensões excludoras, que representam as barreiras encontradas pelos participantes na compreensão do objeto de estudo e que impedem a transformação

da realidade social, e também das dimensões transformadoras, que são as vias que permitem superá-las.

A partir desta análise, foi possível identificar os significados atribuídos pelos profissionais da Biblioteca Regional acerca da relação entre as atividades desenvolvidas e a formação acadêmica.

Posto isto, as dimensões transformadoras correspondem aos atos comunicativos dos participantes que demonstram a compreensão da formação acadêmica e do papel da biblioteca universitária, seus serviços e auxílio dos profissionais neste processo. Os participantes possuem a clareza desta importância, contudo, declaram nunca haverem refletido sobre o seu papel de profissional na formação do estudante. Destacam a iniciativa desta pesquisa ao propor a discussão em grupo e a construção destes significados para o desenvolvimento da biblioteca e da universidade.

Os participantes defendem a relevância do uso da biblioteca pela comunidade acadêmica e comunidade externa, não só para fins de estudo, mas também para informar-se ao longo da vida. Mesmo diante das novas formas de acesso à informação e do uso das novas tecnologias de informação e comunicação, consideram a biblioteca como o local mais seguro para pesquisar e ampliar o conhecimento. Além disso, pontuam que a biblioteca deve ser o centro informacional da universidade, algo que ainda não é realidade no Câmpus.

A compreensão dos participantes, embora evidencie algumas restrições referentes às especificidades do trabalho em bibliotecas universitárias, contribui para a construção de significados a respeito do seu papel na biblioteca e da sua importância na própria universidade.

Por outro lado, as dimensões exclusoras foram mais constantes e implicam diretamente nos significados construídos pelos participantes, e, conseqüentemente, no trabalho desenvolvido na biblioteca. Neste sentido, as principais dimensões exclusoras que impactam a construção de significados pelos profissionais, são:

- **Falta de formação em serviço:** os técnicos-administrativos não são auxiliares de biblioteca e nem técnicos em biblioteconomia de carreira, foram, na realidade, alocados na Biblioteca Regional sem receberem nenhuma formação específica, o que dificulta ainda mais o seu entendimento sobre o papel da biblioteca na formação acadêmica bem como o de sua equipe. A falta de formação em serviço engloba os demais aspectos mencionados pelos participantes ao longo das

discussões, tais como o pouco conhecimento sobre o funcionamento geral da biblioteca, serviços de informação oferecidos, fontes de informação existentes (físicas ou eletrônicas), operação de todas as funções do Sistema Pergamum e orientação ao usuário no uso dos recursos eletrônicos de informação;

- **Ausência de significados por parte da gestão universitária:** ao não interagir com a biblioteca e não haver diálogo entre a Reitoria da UFMT e/ou a Pró-Reitoria do Câmpus e a equipe da biblioteca, os participantes percebem a falta de empenho da gestão universitária para com a provisão de recursos destinados à melhoria dos serviços prestados pela biblioteca, assim como para a formação dos seus profissionais;

- **Ausência de significados por parte da comunidade acadêmica:** há certo desconhecimento do papel da biblioteca como instrumento para a formação acadêmica também por parte dos docentes, discentes e servidores técnico-administrativos do Câmpus, talvez devido às facilidades no acesso à informação através de outros meios. Além disso, é provável que grande parte desta comunidade não tenha conhecimento sobre os recursos informacionais disponibilizados pela biblioteca, mesmo na era da tecnologia da informação e da comunicação, e nem saiba do potencial de mediação dos seus profissionais, por isso, compreendemos a inexpressiva movimentação no Câmpus para a melhoria desse espaço.

Com base nestas dimensões, percebemos que os significados construídos pelos profissionais refletem, em grande medida, aquilo que é significado pela própria gestão da UFMT. Como citado anteriormente, o Câmpus de Rondonópolis possui um curso que forma profissionais para as bibliotecas. No entanto, o seu principal representante na área, que é a Biblioteca Regional, sobrevive com o mínimo de recursos para prestar um serviço de qualidade, fato este que demonstra a baixa estima da instituição para com as suas bibliotecas e os seus profissionais.

Diante do exposto, como proposta de transformação, os participantes sugerem a necessidade urgente de formação em serviço para toda a equipe da Biblioteca Regional, ao mesmo tempo em que a sua infraestrutura deve ser melhorada, tendo em vista que a oferta dos serviços perpassa o ambiente, o espaço físico, os profissionais e os recursos materiais e informacionais disponíveis.

Sendo assim, reiteramos que uma equipe bem formada atuará mais ativamente na oferta e mediação dos serviços de informação prestados à

comunidade acadêmica, contribuindo para que a biblioteca universitária se efetive como um instrumento de formação.

De outro modo, percebemos também a necessidade da criação de políticas educacionais voltadas para o desenvolvimento das bibliotecas – escolares, públicas e universitárias – por meio do investimento de recursos apropriados e incentivando o seu uso pelos estudantes, professores, servidores técnico-administrativos e comunidade externa, visando o desenvolvimento intelectual, crítico e humano da população.

Em síntese, os significados atribuídos pelos profissionais participantes desta pesquisa demonstram que ainda estamos distantes de viver em uma sociedade da informação ou do conhecimento, tendo em vista que os próprios profissionais das instituições organicamente responsáveis pela disseminação do conhecimento carecem de formação compatível com o trabalho que desenvolvem, como no caso da Biblioteca Regional da UFMT/Câmpus de Rondonópolis.

Este fato revela também a existência de uma contradição no âmbito universitário, em que instituições de ensino superior, formadoras de profissionais das diversas áreas, como observado no contexto da UFMT, pouco têm a oferecer aos seus profissionais em termos de formação em serviço. Como espaço de produção do conhecimento, nada mais contraditório do que profissionais desmotivados e desatualizados quanto às demandas que surgem a cada dia no mundo do trabalho.

É preciso destacar que os profissionais técnico-administrativos passam despercebidos pela gestão universitária em se tratando de formação, pois quase nunca há recursos para isso, pois é sabido que as atenções são normalmente voltadas para os docentes, conforme foi explicitado pelos próprios participantes. Portanto, compreendemos que o motor de desenvolvimento da universidade são os seus profissionais, sem distinção, pois cada um possui vital importância.

Neste aspecto, nos questionamos ainda qual seria o motivo de tão pequena significação da gestão universitária com relação à biblioteca do Câmpus e de seus profissionais, tanto mais diante da existência de um curso de Biblioteconomia no Câmpus. Com este questionamento, entretanto, não estamos direcionando a responsabilidade da Biblioteca ao curso de Biblioteconomia, mas sim estabelecendo uma relação entre um curso oferecido pela UFMT e um setor que representa os profissionais formados por ele. Qual é a visão da universidade para com os profissionais bibliotecários? Qual é a visão da universidade para com os servidores

técnico-administrativos não bibliotecários e que atuam na biblioteca há quase 30 anos? Neste aspecto, o curso de Biblioteconomia poderia desenvolver ações coletivas na Biblioteca Regional como forma de ampliar a formação dos acadêmicos do curso e atuar na melhoria dos serviços de informação oferecidos pela biblioteca universitária de sua Instituição.

Diante disso, os significados atribuídos pelos técnicos participantes revelam o entendimento acerca do papel da biblioteca, embora a sua importância enquanto profissional para que ela se efetive como instrumento de formação não tenha sido objeto de reflexão ao longo do tempo de serviço. Esta ausência de reflexão tangencia o que já discutimos acerca da falta de participação, interação e diálogo entre a gestão universitária, comunidade universitária e a Biblioteca.

Por fim, não almejamos, nesta pesquisa, generalizar as percepções dos profissionais das bibliotecas universitárias com relação ao tema estudado. Todavia, tendo em vista a realidade dos participantes e com base na Metodologia de Investigação Comunicativa, consideramos que a pesquisa atingiu seus objetivos, especialmente no tocante à reflexão realizada por eles acerca do papel que possuem na universidade, na biblioteca e na formação acadêmica.

Sugerimos, para trabalhos futuros, a investigação sobre a formação em serviço dos profissionais das bibliotecas universitárias, especialmente as de instituições públicas. Inquieta-nos saber se estas formações são realizadas, de que forma, com qual frequência, o que os profissionais pensam sobre esta formação, se atendem às necessidades cotidianas das bibliotecas e de seus usuários.

Tal inquietude não se esgota nas páginas desta dissertação, antes, se abre a novas pesquisas, que podem contribuir para que a reflexão de Rachel (2016), tão contundente, deixe de representar uma realidade para a Biblioteca Regional da UFMT de Rondonópolis: “Às vezes nos menosprezamos e somos menosprezados por conta de não termos esse conhecimento”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de. Educação geral, universidade pública e liberalismo econômico: algumas considerações. In: PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar (Org). **Universidade e educação geral**: para além da especialização. Campinas: Alínea, 2007. cap. 8. p. 217-238. Livro digital.

ALONSO-MARTÍNEZ, Carlos Berzosa. Presentación. In: LÓPEZ LÓPEZ, Pedro; GIMENO PERELLÓ, Javier (Coord.). **Información, conocimiento y bibliotecas en el marco de la globalización neoliberal**. Gijón: Ediciones Trea, 2005, p. 9-11.

ALVES, Laci Maria Araújo Alves (Org.). **Campus de Rondonópolis-UFMT**: três décadas de história (1976-2006). Cuiabá: EdUFMT, 2006.

AMANTE, Maria João. Bibliotecas universitárias: conhecer para valorizar. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 10., 2010, Guimarães. **Políticas de informação na sociedade em rede**: actas. Lisboa: BAD, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1907>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

_____. Bibliotecas universitárias: semear hoje para colher amanhã. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 9., 2007, Açores. **Informação para a Cidadania, o desenvolvimento e a inovação**: actas. Lisboa: BAD, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/346>>. Acesso em 15 abr. 2016.

AMANTE, Maria João; EXTREMEÑO PLACER, Ana Isabel; COSTA, António Firmino da. **Una nueva biblioteca para una nueva universidad**. Gijón: Ediciones Trea, 2012.

AUBERT, Adriana et al. **Aprendizagem dialógica na sociedade da informação**. São Carlos: EdUFSCAR, 2016.

BALL, Stephen. Diretrizes políticas globais e relações políticas locais em educação, **Currículo sem Fronteiras**, v. 1, n. 2, jul./dez. 2001, p. 99-116. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol1iss2articles/ball.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2017.

BENNETT, Scott. Libraries and learning: a history of paradigm change. **Libraries and the Academy**, Baltimore (USA), v. 9, n. 2, p.181-197, 2009. Disponível em: <<http://libraryspaceplanning.com/wp-content/uploads/2015/09/Libraries-and-Learning-A-History-of-Paradigm-Change.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2016.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962**. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4084.htm>. Acesso em: 02 out. 2017.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 28 set. 2017.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 17 maio 2016.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 2.026, de 10 de outubro de 1996**. Estabelece procedimentos para o processo de avaliação dos cursos e instituições de ensino superior. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/Decreto2026.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2016.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações. **2612**: Profissionais da informação. Brasília, 2002a. Disponível em:
<<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>>. Acesso em: 04 set. 2017.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações. **3711**: Técnicos em biblioteconomia. Brasília, 2002b. Disponível em: <
<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>>. Acesso em: 04 set. 2017.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004**. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.861.htm>. Acesso em: 17 maio 2016.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006**. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e seqüenciais no sistema federal de ensino. Disponível em:
<<http://www2.mec.gov.br/sapiens/portarias/dec5773.htm>>. Acesso em: 17 maio 2016.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES n. 218/2007**. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/pces218_07.pdf>. Acesso em: 19 maio 2016.

_____. Ministério da Educação. Portaria normativa nº 40, de 12 de dezembro de 2007. Institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação da educação superior no sistema federal de educação. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 239, 13 dez. 2007a. Seção 1, p. 39-43. Disponível em:

<http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/legislacao/2007/portaria_n40_12122007.pdf>. Acesso em: 17 maio 2016.

_____. Ministério da Educação. **Resolução nº 3 de 2 de julho de 2007**. Dispõe sobre procedimentos a serem adotados quanto ao conceito de hora-aula, e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces003_07.pdf>. Acesso em: 17 maio 2016.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm>. Acesso em: 23 set. 2017.

_____. Ministério da Educação. **Resolução nº 3 de 14 de outubro de 2010**. Regulamenta o Art. 52 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e dispõe sobre normas em procedimentos para credenciamento e recredenciamento de universidades do Sistema Federal de Ensino. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6850-rces003-10&category_slug=outubro-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 17 maio 2016.

_____. Ministério da Educação. Portaria normativa nº 92, de 31 de janeiro de 2014. Aprova em extrato os indicadores do Instrumento de Avaliação Institucional Externa para os atos de credenciamento, recredenciamento e transformação de organização acadêmica, modalidade presencial, do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, nº 24, 04 fev. 2014. Seção 1, p. 5. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_institucional/legislacao_normas/2014/portaria_instrumento_n92_31012014.pdf>. Acesso em: 17 maio 2016.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Uma história social do conhecimento II**: da Enciclopédia à Wikipédia. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BUSQUET, Leandro Martins Cota. **Bibliotecas universitárias e o impacto das políticas públicas do ensino superior**: o caso da BCG/UFF. 2012. 167 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2012. Disponível em: <http://www.ci.uff.br/ppgci/arquivos/Dissert/Dissertacao_Leandro_Busquet.pdf>. Acesso em: 17 maio 2016.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 5-15. set./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S1413-24782003000300002&pid=S1413->

24782003000300002&pdf_path=rbedu/n24/n24a02.pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jun. 2016.

CUNHA, Murilo Bastos da. DIÓGENES, Fabiene Castelo Branco. A trajetória da biblioteca universitária no Brasil no período de 1901 a 2010. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da informação**, v. 21, n. 47, p. 100-123, set./dez., 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2016v21n47p100/32344>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

DARTON, Robert. Introdução. In: _____. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 1-16. Livro digital.

_____. O google e o futuro do livro. In: _____. _____. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 1-27. Livro digital.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 1998.

DESTRO, Ana Paula Magaldi. A formação do aluno-leitor: missão e omissão da universidade. In: QUELUZ, Ana Gracinda. **Educação sem fronteiras**: em discussão o ensino superior. São Paulo: Thompson; Pioneira: 1996. cap. 3, p. 35-45. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. Educação).

DIAS, Eduardo José Wense. Padrões para pessoal nas bibliotecas universitárias brasileiras. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 23, n. 3, p. 335-339, set/dez. 1994. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/531/53>>. Acesso em: 22 set. 2017.

DIAS SOBRINHO, José. Formação, educação e conhecimento. In: PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar (Org). **Universidade e educação geral**: para além da especialização. Campinas: Alínea, 2007. cap. 5. p. 155-170. Livro digital.

DIÓGENES, Fabiene Castelo Branco. **Os novos papéis da biblioteca universitária brasileira**. 2012. 444 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Brasília, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/12305>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas: Autores Associados, 2003. (Coleção Polêmicas do nosso tempo, 86).

FIDELIS; Marli Batista; SILVA, Gilvanedja Ferreira Mendes da. Políticas públicas para biblioteca: acesso e uso da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2013, 14., Florianópolis. **Anais eletrônicos**... Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xivenancib/paper/viewFile/4246/3369>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

FLECHA, Ramón; ROTGER, Josep M. Innovación, democratización y mejora de la docencia universitaria en el marco de la sociedad de la información. **Contextos Educativos**, n. 6-7, p. 159-166, 2003-2004. Disponível em:

<<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1049480>>. Acesso em: 28 set. 2017.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Política e educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de nossa época, 23). Livro digital.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed., rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **À sombra desta mangueira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015a.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015b.

FREITAS, Carlos Henrique Tavares de. **Bibliotecas, leituras e leitores**: um estudo no contexto da UFMT. 2012. 312 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Os delírios da razão: crise do capital e metamorfose conceitual no campo educacional. In: GENTILI, Pablo (Org.). **Pedagogia da exclusão**: crítica ao neoliberalismo em educação. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 73-102. (Coleção Estudos culturais em educação).

GABASSA, Vanessa. **Comunidades de aprendizagem**: a construção da dialogicidade em sala de aula. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, 2009.

GARSKE, Lindalva Maria Novaes. **Metodologia da investigação comunicativa**: um estudo sobre suas bases teórico-metodológicas. 2016. 59 f. Relatório (Pós-Doutorado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2016.

GELFAND, Morris. A. **Las bibliotecas universitarias de los países em vías de desarrollo**. Paris: UNESCO, 1968. (Manuales de la UNESCO para las bibliotecas, 14).

GENTILI, Pablo. Adeus à escola pública: a desordem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das maiorias. In: _____. (Org.). **Pedagogia da exclusão**: crítica ao neoliberalismo em educação. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 215-237. (Coleção Estudos culturais em educação).

GIMENO PERELLÓ, Javier. Información en un mundo desigual. In: LÓPEZ LÓPEZ, Pedro; GIMENO PERELLÓ, Javier (Coord.). **Información, conocimiento y bibliotecas en el marco de la globalización neoliberal**. Gijón: Ediciones Trea, 2005. cap. 2. p. 57-76.

GÓMEZ HERNÁNDEZ, José A. **Gestión de bibliotecas**: texto-guía de las asignaturas de “Biblioteconomía General” y “Biblioteconomía Especializada”. Murcia: Universidad de Murcia, 2002.

_____. LICEA DE ARENAS, Judith. El compromiso de las bibliotecas con el aprendizaje permanente: la alfabetización informacional. In: LÓPEZ LÓPEZ, Pedro; GIMENO PERELLÓ, Javier. (Coord.). **Información, conocimiento y bibliotecas en el marco de la globalización neoliberal**. Gijón: Ediciones Trea, 2005. cap. 5. p. 145-179.

GÓMEZ, Jesús et al. **Metodología comunicativa crítica**. Barcelona: El Roure, 2006.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**: racionalidade da ação e racionalização social. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. v. 1.

_____. **Teoria do agir comunicativo**: sobre a crítica da razão funcionalista. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. v. 2.

HUBNER, Marcos Leandro Freitas. **A biblioteca universitária na formação acadêmica**: história da Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul e sua relação com a aprendizagem e o sucesso acadêmico. 2014. 201 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Centro de Filosofia e Educação, Caxias do Sul, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/674>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

LE COADIC, Yves François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2017.

LÓPEZ LÓPEZ, Pedro; MORILLO CALERO, Maria Jesús. Derecho a la información y democracia en el marco de la globalización neoliberal: bibliotecas, archivos y medios de comunicación de masas. In: LÓPEZ LÓPEZ, Pedro; GIMENO PERELLÓ, Javier (Coord.). **Información, conocimiento y bibliotecas en el marco de la globalización neoliberal**. Gijón: Ediciones Trea, 2005. cap. 1. p. 15-56.

LUBISCO, Nídia M. L. (Org.). **Biblioteca universitária**: elementos para o planejamento, avaliação e gestão. Salvador: EDUFBA, 2011.

MARTÍN-GAVILÁN, César. **Temas de Biblioteconomía**: bibliotecas universitarias: concepto y función. Los Centros de Recursos para el Aprendizaje y la Investigación (CRAI), 2008. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/14816/1/crai.pdf/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

MASETTO, Marcos Tarciso. Professor universitário: um profissional da educação na atividade docente. In: _____ (Org.). **Docência na universidade**. Campinas: Papyrus, 2014. Livro digital.

MELO, Roseli Rodrigues de. Metodologia de investigação comunicativa: contribuições para a pesquisa educacional na construção de uma escola com e para todas e todos. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006, Rio de Janeiro. **Anais...** p. 1-17. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt03-2096.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2016.

MERLO VEGA, José Antonio. Servicios bibliotecarios para la comunidad universitaria. In: ORERA ORERA, Luisa (Ed.). **La biblioteca universitaria: análisis en su entorno híbrido**. Madrid: Editorial Síntesis, 2005. cap. 14. p. 445-477.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **Biblioteca**. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2013.

MIRANDA, Antonio. **Biblioteca universitária no Brasil: reflexões sobre a problemática**. Brasília: CAPES, 1978. 22 p.

NUNES, Martha Suzana Cabral; CARVALHO, Kátia de. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, n. 1, p. 173-193, jan./mar 2016. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2572/1708>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

ORERA ORERA, Luisa. La biblioteca universitaria: concepto, funciones y retos futuros. In: _____. (Ed.). **La biblioteca universitaria: análisis en su entorno híbrido**. Madrid: Editorial Síntesis, 2005. cap. 1., p. 19-49.

PENNA, Carlos Victor; FOSKETT, Douglas John; SEWELL, Philip Hooper. **Serviços de informação e biblioteca: um manual para planejadores**. São Paulo: Pioneira, 1979.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. Educação geral: com qual propósito? In: _____. (Org.). **Universidade e educação geral: para além da especialização**. Campinas: Alínea, 2007. cap. 2. p. 65-92. Livro digital.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

REESE-SCHÄFER, Walter. **Compreender Habermas**. 3. ed. Petrópolis: Vozes: 2010. (Série Compreender).

SÁNCHEZ VIGNAU, Bárbara Susana. Ciencia, investigación y cultura en la biblioteca universitaria atual. **Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud**, v. 15, n. 1, 2007. Disponível em: <http://bvs.sld.cu/revistas/aci/vol15_1_07/aci16107.htm>. Acesso em: 30 ago. 2016.

SAVIANI, Demerval. **Ensino público e algumas falas sobre universidade**. São Paulo: Cortez, 1984.

SARAIVA, Paula Cristina Sousa. **Bibliotecas físicas ou virtuais?** reengenharia de espaços, serviços e competências nas bibliotecas universitárias do século XXI. 2013. 372 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Évora, Instituto de Investigação e Formação Avançada, Évora, 2013. Disponível em: <<https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/10906>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

_____. QUARESMA, Paulo. Bibliotecas universitárias: tendências, modelos e competências. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 12., 2015, Évora. **Ligar, transformar, criar valor**: actas. Disponível em: <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/1465>>. Acesso em: 27 set. 2016.

SEPÚLVEDA, Gladys Matus. **Los recursos humanos de las bibliotecas universitarias**: exigencias, conflictos y necesidades de formación. 2002. 3 v. Tese (Doutorado) – Universitat de Lleida, Facultat de Ciències de l' Educació, Departament de Pedagogia i Psicologia, Lleida, 2002. Disponível em: <<http://www.tdx.cat/handle/10803/8292;jsessionid=C608A637B8BF28407968B2B2AD2C7874>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O projeto político-pedagógico: a saída para a escola. **Revista de educação AEC**, Brasília, v. 27, n. 107, p. 81-91. abr./jun. 1998.

_____. O ensino superior brasileiro: novas configurações e velhos desafios. **Educar**, Curitiba, n. 31, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a06>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

SILVA, Divina Aparecida da; ARAÚJO, Iza Antunes. **Auxiliar de biblioteca**: técnicas e práticas para formação profissional. 6. ed. Brasília: Thesaurus, 2009.

SILVA, Maria das Graças Martins; BERALDO, Tânia Maria Lima. Universidade, sociedade do conhecimento, educação: o trabalho docente em questão. In: BITTAR, Mariluce; OLIVEIRA, João F.; MOROSINI, Marília (Org.). **Educação superior no Brasil**: 10 anos pós-LDB. Brasília: Inep, 2008. (Coleção Inep 70 anos, v. 2). p. 307-326.

SILVEIRA, Nalim Ferreira. Evolução das bibliotecas universitárias: information commons. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 69-76, jan./jun., 2014. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/923/pdf_88>. Acesso em: 13 dez. 2017.

SOUZA FILHO, Alípio de. O ideal de universidade e de sua missão. In: **UNIVERSIDADE e mundo do trabalho**. Brasília: Inep, 2006. p. 173-185. (Coleção Educação superior em debate, 3).

_____. Debate Universidade e mundo do trabalho – dia 19/12/2005. In: _____. Brasília: Inep, 2006, p. 191-268. (Coleção Educação Superior em debate, 3).

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/handle/1/434>>. Acesso em: 26 set. 2017.

TELES, Eva Maria Testa. **Diálogos sobre relações de gênero com crianças do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, 2012.

THOMPSON, James; CARR, Reg. **La biblioteca universitaria**: introducción a su gestión. Madrid: Fundación Sánchez Ruipérez: Pirámide, 1990. (Biblioteca del Libro).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **A UFMT**. 2016a. Disponível em: <<http://www.ufmt.br/ufmt/site/secao/index/Cuiaba/812>>. Acesso em: 05 out. 2017.

_____. **Plano de Desenvolvimento Institucional**: 2013-2018. Documento elaborado considerando o artigo 16 do Decreto 5.773 de 09 de maio de 2006. [2012]. Disponível em: <<http://www.ufmt.br/proplan/arquivos/4df326c111023870f9d4db6c49077e98.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2017.

_____. **Relatório de gestão**: 2008-2016. Cuiabá: UFMT, Secretaria de Comunicação e Mídias, 2016b. Disponível em: <<http://www.ufmt.br/cuiaba/arquivos/c200d3f1db84fcd29018b33e27a4acc2.pdf>>. Acesso em 05 out. 2017.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1. Você está sendo convidada/o para participar, como voluntária/o, da pesquisa **“A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO INSTRUMENTO PARA A FORMAÇÃO ACADÊMICA: SIGNIFICADOS DOS PROFISSIONAIS DA BIBLIOTECA REGIONAL DA UFMT/CÂMPUS RONDONÓPOLIS”**, desenvolvida pela mestranda Renata Bezerra Valeriano, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso - Câmpus de Rondonópolis, tendo como orientadora a professora Doutora Lindalva Maria Novaes Garske, docente do referido programa e instituição.
2. Após ser esclarecida/o sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte da pesquisa, assine, por favor, ao final deste documento, que está em duas vias, uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.
3. Em caso de recusa, você não terá nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição em que a pesquisa está registrada.
4. A pesquisa busca identificar os significados que os técnicos-administrativos em educação da Biblioteca Regional da UFMT – Câmpus Universitário de Rondonópolis – atribuem à relação existente entre o exercício de sua função e a formação acadêmica.
5. Os objetivos propostos são:
 - ✓ Analisar as percepções dos técnicos com relação às atividades que desenvolvem na biblioteca e a sua importância para a comunidade acadêmica;

- ✓ Investigar de que maneira o entendimento e as práticas dos técnicos exercem influência sobre o papel da biblioteca como instrumento para a formação acadêmica;
- ✓ Verificar as potencialidades de interação e diálogo entre os técnicos da biblioteca que participarão da pesquisa, visando perceber a forma como constroem os significados de sua função na sua relação com a formação acadêmica;
- ✓ Realizar a partir da análise dos dados, juntamente com as pessoas participantes da pesquisa, uma discussão sobre o que possam construir acerca do significado do papel que exercem na biblioteca na sua relação com a formação acadêmica.

6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a questões em entrevistas individuais e participar de grupos de discussão comunicativos sobre o tema da pesquisa. Em função disto, é importante esclarecer que todos esses registros serão divulgados **apenas** no contexto da pesquisa e, mesmo assim, mediante o consentimento prévio das pessoas envolvidas.

7. Não há riscos em sua participação na pesquisa.

8. Os benefícios para você, enquanto participante da pesquisa, serão: expressar a sua concepção a respeito do trabalho do técnico administrativo da biblioteca; contribuir para um melhor entendimento acerca do papel da biblioteca universitária como instrumento para a formação acadêmica.

9. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos que suas opiniões aparecerão de maneira geral, junto com as demais, sem identificação das suas falas pessoais.

10. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação: você receberá um número de identificação e seu nome será trocado por um fictício (um nome inventado, que você mesmo poderá inventar/sugerir para a pesquisadora).

11. Você receberá uma cópia deste termo onde tem o nome, telefone e endereço da pesquisadora responsável, para que você possa localizá-la a qualquer tempo: Renata Bezerra Valeriano, bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus de Rondonópolis, telefone celular (66 99961-1647), e-mail (renata_bvaleriano@hotmail.com) e endereço: Av. W-9, 2687, Parque Sagrada Família, Rondonópolis, Mato Grosso.

12. Em caso de dúvida, você pode procurar o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT/Rondonópolis, pelo telefone (66) 3410-4035, e falar com a Profa. Raquel Gonçalves Salgado (Coordenadora).

13. Considerando os dados acima, **CONFIRMO** estar sendo informada/o por escrito e verbalmente dos objetivos, riscos e benefícios de minha participação nesta pesquisa, e em caso de divulgação dos dados obtidos, **AUTORIZO** a publicação.

Eu (nome da/o participante)

.....

Idade:.....

Gênero:.....

Naturalidade:.....

RG nº....., declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data: _____, ___/___/___.

Assinatura da/o participante:

APÊNDICE B – Autorização para realização de pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Rondonópolis, 05 de outubro de 2016.

Autorização para realização de pesquisa

À
Supervisão da Biblioteca Regional
UFMT/Câmpus de Rondonópolis

Prezada Supervisora,

Eu, Renata Bezerra Valeriano, aluna do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus de Rondonópolis, venho por meio desta, solicitar a V.S.^a autorização para realizar/desenvolver nesta Biblioteca, a pesquisa intitulada **“A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO INSTRUMENTO PARA A FORMAÇÃO ACADÊMICA: SIGNIFICADOS DOS PROFISSIONAIS DA BIBLIOTECA REGIONAL DA UFMT/CÂMPUS RONDONÓPOLIS”**, sob orientação da Profa. Dra. Lindalva Maria Novaes Garske. A autorização refere-se também à realização da coleta de dados com a equipe de funcionários que desejarem participar da pesquisa.

AUTORIZAÇÃO:

Assinatura e carimbo

Local e data: _____, ____/____/____.

APÊNDICE C – Roteiro do 1º. Grupo de Discussão Comunicativo

Grupo de Discussão Comunicativo (Roteiro)

Data: 04/11/2016 – Horário de Início: 14:00h Término_____

Local: Universidade Federal de Mato Grosso – Câmpus de Rondonópolis –
Biblioteca Regional.

Presentes:

1. Agradecimentos e apresentações – 10 min

1.1 Agradecimentos

1.2 Apresentações:

- Professora Lindalva Maria N. Garske – observadora
- Moderadora
- Pedir que se apresentem (nome, idade, tempo de serviço na biblioteca)

2. Retomada do objetivo da pesquisa

- Interesse pelo tema – Resolvi pesquisar no mestrado – Tem como objetivo geral:

Identificar quais significados os técnicos-administrativos em educação da Biblioteca Regional da UFMT – Câmpus Universitário de Rondonópolis, atribuem à relação existente entre o exercício de sua função e a formação acadêmica.

3. Explicações

- Importância do grupo de discussão comunicativo para o estudo e sua finalidade e da construção do conhecimento pela intersubjetividade.
- Importância da participação deles na pesquisa. E a necessidade de que a pesquisa não sirva apenas para a conclusão de um curso, mas também que transforme a vida deles.
- Necessidade de que falem com sinceridade e sem medo sobre aquilo que pensam e sentem, porém, sempre apresentando argumentos para o que dizem. Explicar a importância de ouvir e respeitar o que outro diz e que pode a qualquer momento concordar ou discordar do que o outro diz. Não há certo ou errado. O meu conhecimento (pesquisadora) não é mais importante que o deles e a finalidade é um terceiro conhecimento.
- As falas devem ser voltadas para o âmbito geral, ou seja, concepção de formação acadêmica, concepção de biblioteca, relação entre biblioteca e formação acadêmica e relação entre a ação do profissional da biblioteca e a formação acadêmica. Não se trata de falarem das situações específicas.
- As falas citadas não serão identificadas.
- Todos fiquem à vontade para responder ou não o que quiserem e perguntarem se não entenderem algo.

4. Combinados – 4 min

- Uso do gravador.

Pacto: _____

- Combinar o tempo para realização do grupo e a necessidade de intervalo para lanche.

Pacto: _____

- Combinar a ordem das falas (inscrições), ressaltando o respeito das falas, falar um de cada vez.

Pacto: _____

Roteiro – Apresentar a divisão das discussões por temas. Explicar a dinâmica do grupo, o entendimento e a proposta de transformação.

5. Concepção de formação acadêmica – tempo: _____ min

5.1 O que entendemos por formação acadêmica?

Nós, pesquisadores, entendemos que “é função da universidade (*da formação acadêmica*) destinar aos estudantes uma educação de graduação que signifique não apenas uma etapa na formação profissional de cada um, mas também uma educação para o pensar, com o que se espera que os estudantes adquiram as condições de fazer a crítica da alienação, nas formas em que esta é fixada na vida de todos, ajudando-os a superar a visão anterior adquirida sobre a vida, a sociedade e a história.

A formação universitária é importante em todas as áreas. Os profissionais precisam adquirir mais do que apenas o conhecimento técnico. O papel da graduação não é somente o de formar especialistas para o trabalho em suas áreas, embora os próprios jovens cheguem com essa ideia quando entram na universidade: querem aprender o que aplicarão no trabalho e sem mais nada. A graduação tem também o papel de complementar a formação intelectual e moral num sentido muito mais amplo da educação que não seja, especificamente, o trabalho. Sem isso não temos universidade e educação universitária (SOUZA FILHO, 2006, p. 182-183).

O que vocês acham disso?

5.2 Em nossa primeira reunião, alguns de vocês disseram entender que a formação acadêmica é a aquisição de conhecimento profissional, a escolha de uma profissão. Outros disseram ainda ser a formação para entender o mundo, ampliar os horizontes do estudante para a vida...

O que vocês acham disso? O que os faz pensar a formação acadêmica desta forma? Esta concepção de formação acadêmica tem implicações em nossa atuação profissional?

Entendimento:

Proposta de transformação:

6. Concepção de biblioteca – tempo: ____ min

6.1 O que entendemos por biblioteca universitária:

O papel fundamental da biblioteca é de caráter educativo. A biblioteca é um dinâmico instrumento de educação. Deve nutrir a inteligência do estudante, estimular

as pesquisas dos professores e convidar a todos para utilizar plenamente os bens intelectuais e culturais que possui (GELFAND, 1968, tradução nossa).

A biblioteca desenvolve um papel fundamental na aprendizagem ao longo da vida das pessoas, capacitando-as para um exercício ativo e crítico da cidadania (AMANTE; PLACER; COSTA, 2012).

6.2 Em nossa reunião inicial, pude perceber que a concepção de biblioteca que o grupo possui é a de um local de busca por informação, através dos livros, dos materiais da biblioteca, para auxiliar nas pesquisas, complementar a formação de sala de aula. (O estudante busca a biblioteca quando necessita de informação).

Como vocês enxergam isso? Devemos transformar esta realidade? A biblioteca pode ser efetivamente um instrumento de formação, educação? Como podemos mudar essa realidade através de nossa atuação pessoal e profissional?

Entendimento:

Proposta de transformação:

7. Relação entre biblioteca universitária e formação acadêmica

7.1 Qual é a relação entre o papel da biblioteca universitária e a formação acadêmica?

Conforme os pesquisadores, a biblioteca deve funcionar com o objetivo de dar resposta a todas as funções da universidade – ensino e pesquisa, criação de novos conhecimentos e a comunicação a posteridade da ciência e a cultura do presente e do passado (THOMPSON; CARR, 1995).

Neste sentido, contribuem para a reputação da própria instituição, devendo alinhar-se com sua missão, participar no desenvolvimento do currículo em tudo aquilo relacionado com as competências em alfabetização informacional e integrar espaços e funções destinadas a aprendizagem dos estudantes (WEINER, 2009 apud AMANTE; PLACER; COSTA, 2012).

7.2 Alguns de vocês atribuíram a relação entre biblioteca universitária e formação acadêmica como local de auxílio às pesquisas acadêmicas, mediação entre informação e conhecimento, base para a formação, complementação da aprendizagem de sala de aula...

Por que vocês acham isso? O que vocês acham que influenciou o entendimento de vocês acerca desta relação? A partir do entendimento de “formação acadêmica” que outras relações (ou correspondências) a biblioteca pode ter com a formação acadêmica?

Entendimento:

Proposta de transformação:

8. Relação entre a ação do profissional da biblioteca e a formação acadêmica

8.1 Qual é a relação entre a ação do profissional da biblioteca e a formação acadêmica?

- Os profissionais da biblioteca possuem competências pedagógicas, tecnológicas, de comunicação, de gestão e técnicas, que fazem da biblioteca universitária uma parceira na investigação (pesquisa), na produção de novos conteúdos e no ensino e aprendizagem mais colaborativos, sendo um elo inalienável para a visão e missão da própria instituição acadêmica onde se integra (SARAIVA; QUARESMA, 2015).
- As bibliotecas universitárias devem trabalhar no sentido de equipar os alunos do Ensino Superior com um conjunto de competências que lhes permitam, de forma autônoma, identificar, avaliar, organizar e sistematizar a informação de que necessitam, independentemente dos suportes em que esta se apresente. A aquisição destas competências é determinante para o seu processo de aprendizagem ao longo da vida e para a sua participação, informada e responsável, na Sociedade. Cabe aos profissionais da biblioteca (bibliotecários e auxiliares) atuarem neste sentido (AMANTE, 2007).

8.2 A partir das concepções apresentadas...

Como vocês enxergam essa relação? Vocês acham que é preciso mudar (as concepções que temos sobre isso)? Seria interessante profissionalmente para vocês se enxergarem de outro modo dentro da biblioteca? Como educadores? Seria interessante para a formação acadêmica que os profissionais da biblioteca participassem de forma mais ativa na formação no contexto da universidade?

Entendimento:

Proposta de transformação:

9. Encerramento – 2 min

- Perguntar se gostariam de dizer mais alguma coisa
- Agradecimento

APÊNDICE D – Roteiro do 2º. Grupo de Discussão Comunicativo

Roteiro do 2º. Grupo de Discussão Comunicativo

Data: 07/03/2017.

Participantes: _____

1. Explicações:

Após terem realizado a leitura da transcrição dos dados coletados no primeiro grupo de discussão comunicativo, os participantes juntamente com a pesquisadora analisam as informações de forma intersubjetiva, respeitando a orientação da metodologia aplicada.

1.1. Perguntar aos participantes se realizaram a análise previamente, apontando as dimensões exclusoras e transformadoras. Mesmo em caso negativo, esta será a oportunidade de fazê-la.

A finalidade deste encontro é extrair as dimensões exclusoras e transformadoras e obter o entendimento acerca da análise das informações.

1.2. Combinados: uso do gravador; duração do grupo.

2. Na sequência em que os temas foram discutidos, extrairemos as dimensões:

Obs: anotar no caderno os apontamentos ao mesmo tempo em que coordena a discussão.

Concepção de formação acadêmica

Dimensões exclusoras:

Dimensões transformadoras:

Concepção de biblioteca universitária

Dimensões exclusoras:

Dimensões transformadoras:

Relação entre biblioteca universitária e formação acadêmica

Dimensões exclusoras:

Dimensões transformadoras:

Relação entre a ação do profissional da biblioteca e a formação acadêmica

Dimensões exclusoras:

Dimensões transformadoras:

3. Ao final: ressaltar aos participantes que após a redação do capítulo de análise de dados, a pesquisadora entregará o texto para cada um, sendo possível apontar possíveis erros ou ainda realizar alterações.